Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares & Valdete Batista do Nascimento

ORGANIZADORAS



Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares & Valdete Batista do Nascimento Organizadoras

DIALÓGOS CONTEPORÂNEOS CONSTITUÍDOS NO CAMPO DA PEDAGOGIA



Copyright © 2024 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À FACULDADE METROPOLITANA NORTE RIOGRANDENSE – FAMEN. De acordo com a Lei n. 9.610, de 19/2/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informações ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem o prévio consentimento do detentor dos direitos autorais. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

DOI: https://doi.org/10.36470/famen.2024l5

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

D537 Diálogos contemporâneos constituídos no campo da Pedagogia. [e-book] / Organização Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares e Valdete Batista do Nascimento. – Natal, RN: Editora FAMEN, 2024.

3 Mb; PDF; il.

ISBN: 978-65-87028-40-8.

DOI: https://doi.org/10.36470/famen.2024l5.

1. Ciências da Educação. 2. Educação infantil. I. Tavares, Andrezza Maria Batista do Nascimento (Org.). II. Nascimento, Valdete Batista (Org.). III. Título.

> CDD: 370 CDU: 37

Elaborada pelo Bibliotecário Miqueias Alex de Souza Pereira CRB - 15/925

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Educação – 370

2. Educação - 37



Rua São Severino, n. 18, Bairro Bom Pastor, Natal/RN, CEP: 59060-040 CNPJ: 23.552.793/0001-57, Inscrição Estadual: 204392322, Inscrição Municipal: 2142633, editora@famen.edu.br e telefone: (84) 3653-6770.

CONSELHO EDITORIAL

Editora-Chefe: Doutora Andrezza M. B. do N. Tavares, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Editor Adjunto: Doutor Fábio Alexandre Araújo dos Santos, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Natal, RN, Brasil.

Diagramação: Eddean Riquemberg C. Xavier e Miqueias Alex de Souza Pereira Projeto Gráfico: Eddean Riquemberg C. Xavier
Normalização: Miqueias Alex de Souza Pereira

Revisão de Textos: Professor Doutor Dayvyd Lavaniery Marques de Medeiros Ilustração da Capa: Tamires Suelen Carvalho Fagundes

Capa: Eddean Riquemberg C. Xavier

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Presidente: Doutor Manuel Tavares (Universidade Nove de Julho – Brasil) Doutor Bento Duarte da Silva (Universidade do Minho – Portugal)

Doutor Dionísio Luís Tumbo (Universidade Pedagógica de Maputo – Mocambique)

Doutor Gabriel Linari (Universidade de Buenos Aires – Argentina)

Doutora Cristina Rafaela Riccí (Universidade Nacional de Lomas de Zamora – Argentina)

Mestre Gustavo Adólfo Fernández Díaz (Centro de Formación Técnica de la Pontificia Universidad Catolica de Valparaiso – Chile)

Mestre Manuel Teixeira (Instituto Superior de Ciência de Educação – Angola)

Doutora Antonia Dalva França Carvalho (Universidade Federal do Piauí – Brasil)

Doutora Elda Silva do Nascimento Melo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)

Doutora Karla Cristina Silva Sousa (Universidade Federal do Maranhão – Brasil) Doutora Márcia Adelino da Silva Dias (Universidade do Estado da Paraíba – Brasil)

Doutor Adir Luiz Ferreira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)

Doutora Giovana Carla Cardoso Amorim (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Brasil)

Doutora Lucila Maria Pesce de Oliveira (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)

COMITÊ CIENTÍFICO DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Presidente: Doutor Rylanneive Leonardo Pontes Teixeira (Faculdade

Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Políticas Públicas).

Doutora Juliana Alencar de Souza (Faculdade Metropolitana Norte

Riograndense – FAMEN – Psicologia)

Doutor Júlio Ribeiro Soares (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN – Educação)

Doutora Leila Salim Leal (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – Comunicação Social)

Doutora Christiane Mylena Tavares de Menezes Gameleira (Universidade

Federal Rural do Semiárido – UFERSA – Engenharia Civil)

Doutor José Rodolfo Lopes de Paiva Cavalcanti (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UFRN – Psicobiologia)

Doutora Kadydja Karla Nascimento Chagas (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – Educação Física)

Doutor Avelino de Lima Neto (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – Filosofia)

Doutor Sérgio Luiz Bezerra Trindade (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – História)

Doutor Eduardo Henrique Cunha de Farias (Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN – Biologia)

Doutor Bruno Lustosa de Moura (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – Física)

Doutora Maria da Conceição Monteiro Cavalcanti (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB – Administração)

Doutor José Moisés Nunes da Silva (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – Matemática)

Doutora Francinaide de Lima Silva Nascimento (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – Educação)

Doutor José Paulino Filho (Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP – Matemática)

Doutor Marcos Torres Carneiro (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN – Educação)

Doutor Bernardino Galdino de Sena Neto (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Pedagogia)

Doutor José Flávio da Paz (Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Estudos Linguísticos)

Doutora Laércia Maria Bertulino de Medeiros (Universidade Estadual da Paraíba- UEPB – Educação)

Doutora Maria das Graças de Almeida Baptista (Universidade Federal da Paraíba – UFPB – Educação)

Doutor Antonio Marques dos Santos ((Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN – Física)

Mestre Maria Judivanda da Cunha (Faculdade Metropolitana Norte

Riograndense – FAMEN - Biologia)

Mestre João Maria de Lima (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte – Linguística)

Mestre Eric Mateus Soares Dias (Escola da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte - Gestão Ambiental)

Mestre Adriel Felipe de Araújo Bezerra (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN – Antropologia)

Mestre Luiz Antonio da Silva dos Santos (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Educação Informática)

Mestre Rayssa Cyntia Baracho Lopes Souza (Faculdade do Maciço do Baturité – FMB –Educação)

Mestre Valdete Batista do Nascimento (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Direito)

Mestre Wendella Sara Costa da Silva (Faculdade Metropolitana Norte Riograndense – FAMEN - Geografia).

SOBRE AS ORGANIZADORAS



ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

Sou uma pesquisadora apaixonada pela educação e pela comunicação, com uma jornada acadêmica e profissional diversificada e enriquecedora. Obtive meu título de pós-doutorado na Universidade do Minho, em Portugal, e na UFPI, com foco em Educação. Anteriormente, conquistei meu doutorado e mestrado em Ciências da Educação na UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN), além de graduações em Pedagogia, Psicopedagogia e Jornalismo pela mesma instituição.

Atualmente, exerço a função de professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), onde me dedico a atividades de ensino, pesquisa, extensão e internacionalização. No âmbito do IFRN, tenho a honra de coordenar o Programa de Pós-Graduação Acadêmica (PPGEP/IFRN), o Mestrado Profissional em Ensino de Física (MNPEF/IFRN) e diversos cursos de graduação.

Além disso, desempenhei papéis de coordenação institucional em programas financiados pela CAPES, como o Programa Pibid/IFRN e o Programa de Residência Pedagógica/IFRN. Desde 2017, lidero o projeto de extensão "Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do IFRN", promovendo discussões relevantes para a comunidade acadêmica.

No campo da pesquisa, sou membro ativo de grupos vinculados ao CNPQ, como o "Escola Contemporânea e Olhar Sociológico" (ECOS), da UFRN, e o "Observatório da Diversidade" (ObDiversidade), do IFRN. Paralelamente, mantenho minha paixão pelo jornalismo, contribuindo com a redação e reportagem para veículos de comunicação como o "Potiguar Notícias" (jornal eletrônico) e "PNTV" (TV digital).

Minhas atividades profissionais refletem minha dedicação aos campos da Formação Profissional de professores, Educação Profissional, Ensino Superior, Processos Cognitivos, Teorias da Aprendizagem, Teorias da Comunicação, Educação Escolar e Não-Escolar. Estou comprometida em continuar contribuindo para o avanço dessas áreas tão fundamentais para o desenvolvimento educacional e social.

E-mail: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.



VALDETE BATISTA DO NASCIMENTO

É com grande entusiasmo que compartilho minha jornada profissional e acadêmica, marcada por uma busca incessante pela excelência e inovação na área educacional.

Me chamo Valdete Batista do Nascimento e trago em minha bagagem acadêmica um Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Educação de Adultos pela renomada Universidade do Minho (UMINHO-PT). Além disso, obtive graduações em Direito pela UNINASSAU/RN (2012), em Pedagogia pela FCE - Faculdade Campos Elísios/SP (2022), e em Filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira - ISEP/PE (2017).

Minha formação também se estende a diversas pós-graduações, como em Psicopedagogia Institucional e Clínica (ISEP), Sociologia e Filosofia (FCE), e Psicanálise (Faculdade Serra Geral), agregando conhecimentos multidisciplinares à minha prática profissional.

Atualmente, tenho a honra de servir como Diretora Geral da Faculdade Metropolitana Norte Riograndense (FAMEN), onde lidero estrategicamente todas as áreas acadêmicas e operacionais. Minha atuação é pautada na promoção da excelência educacional e na implementação de práticas inovadoras que impulsionam o desenvolvimento tanto dos estudantes quanto da instituição.

Destaco-me na aplicação de abordagens andragógicas na educação de adultos, estimulando a autonomia e a construção de aprendizagens significativas. Essa expertise foi evidenciada em minha pesquisa de mestrado, refletindo meu compromisso com o avanço da educação.

Com habilidades sólidas em administração, desenvolvimento curricular e comunicação, estou empenhada em contribuir continuamente para o aprimoramento do cenário educacional, visando sempre à formação integral e ao sucesso dos estudantes.

E-mail: valdetenascimento2060@gmail.com.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade – 54, 133, 143, 144, 206, 207, 216, 229, 235, 259, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 287, 288, 289, 290, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 322, 331, 337, 342.

Aprendizagem – 25, 31, 32, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 70, 72, 75, 79, 88, 89, 96, 97, 98, 101, 103, 105, 106, 108, 109, 112, 113, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 163, 169, 171, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 186, 187, 189, 190, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 238, 241, 242, 243, 251, 254, 260, 262, 263, 267, 268, 269, 270, 277, 278, 279, 280, 281, 283, 284, 287, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 303, 304, 305, 306, 307, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 322, 327, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 345, 346, 347, 364, 366, 369, 372, 373, 374, 379.

Autismo - 23, 24, 25, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43.

B

Brincadeiras – 35, 79, 106, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 196, 198, 204, 205, 206, 210, 212, 213, 215, 222, 226, 227, 231, 232, 235, 236, 238, 241, 242, 244, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 313, 315, 318, 320, 321, 322, 327, 329, 331, 332, 335, 342, 343, 345, 346, 347.

C

Covid-19 - 48, 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 59, 60, 62, 63, 65, 66.

D

Docente - 51, 53, 56, 57, 60, 63, 66, 89, 90, 97, 168, 186, 190, 191, 292, 338, 370.

E

Educação infantil – 28, 29, 70, 72, 75, 77, 78, 79, 84, 88, 89, 90, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 150, 159, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 195, 196, 197, 202, 203, 210, 214, 215, 216, 225, 226, 227, 230, 234, 251, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 290, 291, 297, 298, 303, 304, 305, 307, 308, 309, 315, 320, 321, 322, 323, 327, 328, 329, 335, 338, 340, 344, 345, 346, 347, 352, 353, 355, 357, 360, 362, 365, 368, 369, 370, 371, 373, 375.

I

Inclusão – 23, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 213, 352, 353, 357, 359, 360, 363, 364, 366, 367, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375.

L

Leitura – 70, 71, 74, 79, 81, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 178, 180, 187, 188, 189, 213, 296, 358, 374.

Lúdico – 75, 78, 117, 118, 119, 120, 125, 126, 127, 128, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 154, 161, 163, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 207, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 297, 304, 306, 307, 313, 316, 323, 329, 338, 345.

P

Pandemia – 48, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 65. Políticas educacionais – 24, 27, 36, 171. Pós pandemia – 48, 56, 63, 65.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O manuscrito eletrônico intitulado "Diálogos contemporâneos constituídos no campo da Pedagogia", vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), por meio da Educação a Distância (EaD), nas cidades de São Gonçalo/RN e Lajes/RN, tem como foco contribuir para a divulgação de resultados de pesquisas científicas na área da Pedagogia.

Sistematizado para socializar pesquisas realizadas a partir do ano de 2022, possui caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ao receber contribuições de diversas áreas e campos de saberes. O manuscrito disponibiliza por meio de versão eletrônica acesso internacional e gratuito para as ideias relacionadas ao campo da educação. O livro "Diálogos contemporâneos constituídos no campo da Pedagogia" possui 14 (quatorze) capítulos que abordam diversos temas das ciências da educação.

O livro inicia com o capítulo intitulado "A inclusão de crianças autistas no ambiente da sala de aula", de autoria de Elissandra Lúcia Galvão Pereira, Adriana Mônica Oliveira e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares. As autoras mostram que a inclusão, diante das diversas leis que direcionam o atendimento de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) nas escolas de ensino regular do Brasil, ainda existe uma grande resistência por parte dos profissionais que

trabalham com a educação, os quais, por diversas vezes, não apresentam capacitação adequada para o atendimento real de inclusão dessas crianças.

No segundo capítulo, "Os desafios e as dificuldades dos professores durante e pós pandemia", os autores Jerry Adriany de Assis Sousa, Adriana Mônica Oliveira e Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares toma por foco os relatos de pesquisas bibliográficas, estudos e experiências vivenciadas, mediante os desafios e as dificuldades que, os professores enfrentaram e estão enfrentando atualmente, mediante o ocorrido da covid 19, que veio a provocar o fechamento das escolas, e depois, vindo a funcionar de forma remota durante a pandemia, afetando toda a esfera mundial e todas as áreas distintas da sociedade, inclusive com fechamento das escolas.

O terceiro texto "A influência das contações de histórias na educação infantil", escrito por Karolaine Conceição Matias e Adriana Mônica Oliveira discutem sobre a importância e influência da contações de histórias para ensino e aprendizagem da Educação Infantil, como forma de favorecer o envolvimento da criança com o mundo literário. A contação de história é de extrema relevância para a formação de futuros leitores, pois ela estimula e desperta o interesse pela leitura.

O quarto capítulo "A importância da família para o desenvolvimento escolar da criança", de Maria Cristina da Silva Teixeira, Adriana Mônica Oliveira e Valdete Batista do Nascimento tem como objetivo conscientizar as famílias para

que sejam mais participativas na vida escolar dos seus filhos, com certeza isso favorecerá o ensino e aprendizagem das escolas nas instituições de ensino. Percebe-se que as políticas públicas e as escolas podem desenvolver programas para trazer as famílias para a escola, criar projetos que envolva e incentive essa participação.

As autoras Adrielly Brabosa Bezerra da Silva Cordeiro e Genilda de Brito Lopes escrevem o quinto capítulo intitulado "O lúdico como recurso de aprendizagem na educação infantil", traz uma reflexão sobre um caminho eficaz para a aprendizagem na Educação Infantil. Nesse sentido apresentam resultados de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, cujo objetivo foi discutir a importância do brincar no processo de desenvolvimento da criança como foco na aprendizagem, visando à construção do conhecimento por meio de jogos e brincadeiras na educação infantil.

O sexto capítulo, intitulado "Os jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil", escrito por Alcilene dos Santos Bezerra da Silva e Genilda de Brito Lopes tem como tema central: Os jogos e brincadeiras no processo ensino e aprendizagem na educação infantil, visto que através do lúdico a criança se desenvolve de forma integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo, bem como, adquire autonomia, habilidades e valores, quanto ao objetivo geral, identificar a importância dos jogos e brincadeiras no processo de interação e aprendizagem na educação infantil.

Escrito por Aldilene Teixeira, Genilda de Brito Lopes e Valdete Batista do Nascimento, o capítulo sete "Leitura e escrita na educação jovens e adultos (EJA)" mostra que a EJA é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade própria. Portanto para a necessidade de se discorrer sobre o contexto pedagógico em que esta modalidade de ensino se efetiva, exige-se uma crítica mais verificada sobre a educação atual e a prática docente na perspectiva das transformações sócio histórica.

Aline Cristiane Bernardo Barbosa e Genilda de Brito Lopes, no capítulo oito, "O lúdico no processo de aprendizagem na educação infantil", vem com uma investigação sobre a importância dos jogos e das brincadeiras, numa perspectiva lúdica, no processo de ensino aprendizagem da criança na educação infantil.

No nono capítulo, Amanda Cristina Bezerra Belinho e Genilda de Brito Lopes, "O lúdico na formação das crianças: múltiplas possibilidades de aprendizagem" busca discutir sobre a importância da ludicidade na prática diária dos professores, e de que forma o mesmo pode contribuir na aprendizagem dos alunos. O lúdico favorece um aprendizado que desperta nas crianças inúmeras possibilidades de se apropriar dos conteúdos.

Para o décimo capítulo, Francisca Emiliana Araújo da Silva e Genilda de Brito Lopes, com a temática principal "A importância da relação família e escola no ensino infantil", tem como foco principal mostrar a importância da relação família e escola no Ensino Infantil, no desenvolvimento e na definição de funções inseridas na sociedade que influenciam a formação do cidadão em seus aspectos sociais, físicos, emocionais e intelectuais por meio das relações humanas.

Escrito por Francisca Jarlene de Araújo e Genilda de Brito Lopes, o décimo primeiro capítulo "Afetividade na educação infantil como facilitador da aprendizagem" afirma que a afetividade é de suma importância na Educação Infantil, pois é a capacidade própria de cada criança, onde se engloba as emoções e sentimentos que ajudam a criar laços de amizades afetivos entre os seres humanos e principalmente na infância, isso acontece como afeto entre os colegas, professores e demais servidores que todos os dias convivem e manifestam com um abraço apertado de boas-vindas, são aspectos diários presentes na Educação Infantil, com palavras de carinho, dedicação, e companheirismo.

Josenilda Ferreira de Lima Medeiros e Genilda de Brito Lopes, no décimo segundo capítulo, "O brincar no desenvolvimento integral da criança na educação infantil", tem como objetivo central da pesquisa aprimorar os conhecimentos em relação à importância do brincar e à aprendizagem na educação infantil. Diante disso, destacam-se a importância da formação e capacitação do professor para que possa executar a proposta curricular e os recursos didáticos e pedagógicos.

No décimo terceiro capítulo, Lidiane dos Santos Cosme e Genilda de Brito Lopes, "As contribuições do brincar na educação infantil" trazer uma reflexão sobre a importância do brincar diante da aprendizagem dos alunos, tendo em vista uma educação de qualidade no âmbito escolar.

Por fim, o décimo quarto capítulo "Inclusão do aluno com deficiência auditiva na educação infantil: libras", de autoria de Luana Fernandes de Paula e Genilda de Brito Lopes, tem como perspectiva uma reflexão sobre o entendimento da inclusão educacional e social por meio das concepções teóricas e desafios da realidade do aluno com surdez, com isso, justifica-se a escolha desse tema pela necessidade de entender como se processa a inclusão de pessoas com deficiência auditiva na educação infantil perante uma sociedade que precisa vencer preconceitos, rever valores e buscar novos paradigmas diante de uma educação igualitária.

Este e-book se constitui em oportunidade de compartilhamento de saberes, reflexões, questões teóricas e práticas de professores pesquisadores que atuam na área da infantil com domínio teórico nos campos epistêmicos assinalados e com autoria de conhecimento para responder aos desafios colocados para a formação de cidadãos e profissionais de educação críticos e transformadores.

Que o manuscrito favoreça uma leitura prazerosa e proporcione bons debates!!!

PREFÁCIO

PROFA. DRA. ANDREZZA MARIA BATISTA DO NASCIMENTO TAVARES

CHEFE DA EDITORA FAMEN (2019 - ATUAL)

PREFÁCIO

A temática do *e-book* pertence ao importante campo da Pedagogia enquanto ciência da educação. O livro digital intitulado "Diálogos contemporâneos constituídos no campo da Pedagogia" apresenta ricos relatos de experiências de acadêmicos da graduação da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), realizados em diferentes contextos formativos que foram *locus* de imersão na travessia do curso de graduação em Pedagogia.

O Programa de graduação em licenciatura da Faculdade FMB é uma das ações que integram a Política de Formação de Professores da Instituição de Ensino Superior. A oferta de licenciatura em Pedagogia tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática dos profissionais da educação, inclusive com o estudo sobre a atuação do pedagogo em áreas correlatas à educação, por meio da imersão de acadêmicos em laboratórios de aprendizagens teóricas e práticas, conforme orienta o Ministério da Educação (MEC).

Com o intuito de ressaltar a importância que a graduação em Pedagogia possui para os trabalhadores da educação no Brasil, o presente *e-book* registra as impressões de pesquisadores da Faculdade FMB em nível de graduação, em um livro que possibilita conhecer melhor o importante Programa de formação inicial de professores tão necessário para o desenvolvimento do Brasil. Ademais, o *e-book* é também um rico instrumento de

avaliação dessa oportunidade formativa proporcionada pela graduação EaD da Faculdade FMB promovida no Rio Grande do Norte.

O *e-book* contempla, entre outras atividades: 1) regência de sala de aula, 2) intervenção pedagógica em escolas, 3) socialização de experiência na área de ensino e 4) orientação de docentes da Instituição Formadora FMB. A qualificada imersão na pesquisa possibilitou aos autores dos capítulos desenvolverem habilidades e competências que lhes possibilitam condições de desenvolvimento profissional sintonizada com qualidade de práticas em diversos contextos educativos.

Ao prestigiar este livro, o leitor perceberá a preocupação de seus organizadores em valorizar as experiências relatadas pelos autores e pesquisadores dando ênfase à superação de dificuldades e aos obstáculos encontrados nas experiências formativas.

É fascinante compreender e valorizar a Graduação EaD da Faculdade FMB a partir dos desafios enfrentados pelos seus acadêmicos de Pedagogia que se esforçaram para estudar e desenvolver pesquisas, metodologias de ensino mediadoras, aulas criativas e transformadoras no Rio Grande do Norte.

Para quem se interessa pela temática da educação, em particular, pelo campo da Pedagogia, este *e-book* é leitura recomendada e indispensável.

Boa leitura!

Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares Chefe da Editora FAMEN (2019 - Atual)

SUMÁRIO

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO AMBIENTE DA SALA
DE AULA
OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES
DURANTE E PÓS PANDEMIA48
Jerry Adriany de Assis Sousa / Adriana Mônica Oliveira / Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares
A INFLUÊNCIA DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL70
Karolaine Coneição Matias / Adriana Mônica Oliveira
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO
ESCOLAR DA CRIANÇA95
Maria Cristiana da Silva Teixeira / Adriana Mônica Oliveira / Valdete Batista do Nascimento
O LÚDICO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL 117
Adrielly Barbosa Bezerra da Silva Cordeiro / Genilda de Brito Lopes
OS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL142
Alcilene dos Santos Bezerra da Silva / Genilda de Brito Lopes
LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
(EJA)168
Àldilene Teixeira / Genilda de Brito Lopes / Valdete Batista do Nascimento
O LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
INFANTIL
Aline Cristiane Bernardo Barbosa / Genilda de Brito Lopes
O LÚDICO NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS: MÚLTIPLAS
POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM221
Amanda Cristina Bezerra Belinho / Genilda de Brito Lopes

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO
ENSINO INFANTIL247
Francisca Emiliana Araújo da Silva / Genilda de Brito Lopes
AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FACILITADOR
DA APRENDIZAGEM276
Francisca Jarlene de Araújo / Genilda de Brito Lopes
O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL302
Josenilda Ferreira de Lima Medeiros / Genilda de Brito Lopes
AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL
326
Lidiane dos Santos Cosme / Genilda de Brito Lopes
INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: LIBRAS351
Luana Fernandes de Paula / Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 1

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO Ambiente da Sala de Aula

Elissandra Lúcia Galvão Pereira

Adriana Mônica Oliveira

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 1

A INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO AMBIENTE DA SALA DE AULA

Elissandra Lúcia Galvão Pereira¹ / Adriana Mônica Oliveira² /
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares³

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz uma abordagem referente a inclusão, diante das diversas leis que direcionam o atendimento de crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) nas escolas de ensino regular do Brasil, ainda existe uma grande resistência por parte dos profissionais que trabalham com a educação, os quais, por diversas vezes, não apresentam

---- 1--

¹ Graduanda em Pedagogia. E-mail: luciaelissandra28@gmail.com.

² Graduada em Pedagogia. Especializanda em Pedagogia Hospitalar; Pedagogia da Infância; ABA – Análise do Comportamento Aplicada; Educação Infantil e Pedagogia Social; Coordenação e Supervisão Pedagógica. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail. amwag_2301@outlook.com.

³ Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. Email: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

capacitação adequada para o atendimento real de inclusão dessas crianças.

Com base nos levantamentos da pesquisa, que nos norteou este estudo para o trabalho conclusão de curso, tem como discussão sobre a inclusão de alunos com autismo tem sido abordada pelos profissionais de educação e aplicada em sala de aula?

Com base nesses estudos foi construída a pesquisa com o objetivo de discutir a inclusão de crianças autistas no ambiente da sala de aula. Para o alcance do objetivo geral dessa pesquisa delineou-se três objetivos específicos, sendo respectivamente: dialogar sobre a educação inclusiva no Brasil; apresentar as políticas educacionais de inclusão no Brasil; e apresentar como a inclusão de crianças autistas pode ser feita em sala de aula. A pesquisa teve o embasamento dos seguintes autores: Crespo (2018), Figueira (2017), Martins (2012), Souza (2016) entre outros.

Nestes termos a pesquisa apresenta grande relevância para o estudo acadêmico, pois abre questionamentos sobre a importância que se tem dado a capacitação de profissionais para atender a elevada demanda por inclusão de crianças autistas nas escolas. Além de apresentar, para os profissionais, novas formas de trabalhar a inclusão, de forma natural, nas classes, mostrando que a inclusão, muitas vezes, dependerá da disponibilidade do professor em conhecer as necessidades e a realidade da criança a ser incluída. Para a sociedade, essa pesquisa mostra que existe

uma preocupação em incluir essas crianças, mas que a participação da família se torna essencial para o sucesso do processo.

O trabalho foi dividido em três capítulos, que buscaram apresentar: a inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE); as políticas públicas direcionadas para o atendimento e inclusão de crianças com NEE, assim como, os autistas; e alguns meios de promoção da inclusão de crianças autistas nas classes escolares.

REVISÃO DE LITERATURA

Educação inclusiva o Brasil

A Educação Inclusiva visa recolocar na rede de ensino, em todos os seus graus, pessoas: com deficiência, com dificuldades de aprendizagem, excluídas por seu gênero, cor, e/ou demais motivos (Crespo, 2018). A educação no sentido inclusivo projeta o acesso ao currículo de maneira autônoma e independente, transpassado de ações educativas que visam o desenvolvimento integral e a aprendizagem significativa de todos os educandos (Pauli, 2019).

Escolas inclusivas são aquelas que possuem um projeto voltado para a inclusão, garantindo os direitos de todos os alunos, para que isso aconteça efetivamente faz-se necessário mudanças

no projeto pedagógico; no ensino; na estruturação das escolas, promover acessibilidade; buscar materiais adaptados e tecnologia assistiva para auxiliar seus alunos; e, principalmente, nas atitudes de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (Figueira, 2017).

Segundo afirma Pio (2018), a Educação Especial (EE) vem, ao longo dos anos, enfrentando muitas batalhas, sabemos que as leis enquanto instrumentos legais não garantem a aceitação da diferença e da diversidade humana, porém, às políticas públicas direcionadas à Educação Especial já são frutos do reconhecimento da sua importância, são conquistas que foram resultadas das muitas lutas e esforços dos que lutam pela Educação Especial, em busca da efetivação de um processo de inclusão totalitário.

Para Figueira (2017) a educação inclusiva projeta o acesso ao currículo de maneira autônoma e independente, transpassado de ações educativas que solicitem o desenvolvimento integral e a aprendizagem significativa de todos os educandos. Dessa forma, desafia a todos os envolvidos a mudarem suas atitudes para que a educação inclusiva seja realmente efetivada na rede escolar brasileira.

Apesar de necessário e urgente, o processo de inclusão no ambiente escolar não é algo simples de se realizar, pois muitas das instituições de ensino ainda apresentam resistência ao processo, o qual requer uma mudança de atitude de todos os

envolvidos no processo educacional, tão necessária em nosso cenário atual (Fumegalli, 2012).

Outro fator importante a ser destacado, é que o simples fato de uma escola receber alunos com deficiência não significa dizer que estejam aplicando o processo de inclusão, como deve ser realizado, de fato, portanto, inserindo os alunos com Necessidades Educacionais Especiais em todos os processos de aprendizagem, direcionando meios para que estes tenham acesso ao conhecimento, visando o desenvolvimento integral destes alunos

Políticas educacionais de inclusão no Brasil

As políticas educacionais objetivam promover o empenho escolar visando garantir o direito de todos ao acesso à educação em seu local de residência, tendo a função de trabalhar de acordo com os interesses da sociedade, suprindo às necessidades da população, tendo por intuito encontrar soluções para os grandes desafios sociais na educação, diminuindo assim os diferentes níveis de escolaridade, bem como as diferenças sociais (Souza, 2016).

A educação inclusiva no Brasil teve suas primeiras discussões no século XX, onde começou a fundamentar-se a partir da Conferência Mundial de Educação Especial em 1994, quando

foi proclamada a Declaração de Salamanca (Salamanca, 1994), a qual sofreu influência da Constituição Federal de 1988 (Reis, 2021),

Quando aprovada a Constituição Federal de 1988 incluiu um capítulo sobre a educação, de modo que: a) no art. 205, inciso I, defende a educação como direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho; b) no Art. 206, inciso I, estabelece a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola"; no Art. 208 garante como dever do Estado a oferta do atendimento educacional especializado para os portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988, p. 64).

Em seguida diversas mudanças foram promovidas pela Reforma Educacional dos Anos 1990, quando foi implantada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB - em 1996, a qual, objetivou organizar a educação brasileira em dois níveis: a educação básica (formada pela educação infantil, ensino fundamental e médio) e a educação superior. Em seu texto a LDB/1996 caracteriza a educação na perspectiva da formação e do desenvolvimento humano, defendendo o acesso à educação, como um direito à formação e ao desenvolvimento humano (Brasil, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/1996 fundamenta o atendimento educacional às pessoas com deficiência: 'A Educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de Educação, a fim de

integrá-los na comunidade". A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em vigência dispõe de um capítulo específico para a Educação Especial, o qual informa que "haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial" (Brasil, 1996).

Ainda no texto da LDB/1996, pode ser encontrada no art. 58, inciso 2, a seguinte afirmativa: "o atendimento educacional será realizado em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a integração nas classes comuns de ensino regular" (Brasil, 1996).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica - CNE/CB, nº 2, 11 de fevereiro de 2001 - vem reafirmar o compromisso com a educação especial e inclusiva. Regida pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma- se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (Brasil, 2001).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC - e conforme define a LDB/1996 deve orientar os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino

Médio, em todo o Brasil. A BNCC também estabelece conhecimentos, competências e habilidades que deve se esperar que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas da educação básica (Brasil, 2017).

A Política Nacional de Educação Especial - PNEE/2008 - no que tange a educação inclusiva, traz orientações que reafirmam também a criação de classes e escolas especiais para crianças com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, e altas habilidades ou superdotação. Trazendo como objetivo a necessidade de: [...] assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantia do acesso ao ensino regular com às oportunidades igualitárias (Brasil, 2008, p. 14).

A Resolução n° 04/2009 que instituiu às Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica, modalidade Educação Especial, traz em seu Artigo 1° que o público alvo do AEE deve ser matriculado nas classes comuns do ensino regular e no AEE, este sendo ofertado em Salas de Recursos Multifuncionais (SEM) ou em Centros de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos (Brasil, 2009).

A resolução abordou, também, os recursos de acessibilidade na educação, incitando a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços por seus alunos (Brasil, 2009).

Por fim, torna-se relevante afirmar que as políticas públicas são fundamentais para a implantação de um sistema educacional inclusivo no país, pois através delas são definidas e implementadas normas, diretrizes, programas e ações que irão chegar às escolas de todo o país, regulamentando e orientando os sistemas de ensino.

Formas de incluir crianças autistas em salas de aula

Considerada como um desafio, ainda nos dias atuais, a inclusão de crianças com autismo é assegurada por Leis, as quais, também asseguram apoio aos professores para a promoção de uma educação inclusiva. O principal desfio surge da alegação feita por unidades educacionais, assim como, por educadores que afirmam não terem preparo para a inclusão dessas crianças, trazendo à tona a necessidade de se discutir e propagar informações acerca do Transtorno do Espectro Autista - TEA (Talau et al., 2021).

A inclusão por si, não é fácil, pois requer o conhecimento dos educadores sobre as necessidades de atendimento requeridas por cada criança. A inclusão de crianças autistas, por sua vez, demanda adaptações e a adoção de estratégias de ensino direcionadas, no entanto, seus resultados são positivos para professores, alunos, família e sociedade (Cruz; Glat, 2014).

A inclusão é difícil, mas não impossível, cabendo aos educadores buscar compreender as necessidades de crianças que apresentam o Transtorno do Espectro Autista - TEA, para poderem programar suas atividades de forma a incluir as crianças no processo de ensino e aprendizagem, incluindo-o no convívio com seus colegas e permitindo seu desenvolvimento integral no ambiente escolar.

A inclusão é favorecida por alguns pontos, os quais precisam ser atendidos por escolas que vão receber crianças autistas, dentre eles podem ser citados: o diagnóstico precoce do autismo; maior contato com a família da criança; ajuda de profissionais especializados que atendem as crianças; empatia dos funcionários da escola; e a troca de conhecimentos e vivências entre a equipe multiprofissional que atua na escola, todos esses pontos, em conjunto, promovem uma inclusão de alunos autistas nas escolas rotina (Gama et al., 2018).

É importante, considerar que a inclusão de crianças autistas nas escolas traz diversos desafios, devido seu amplo espectro, que podem ser destacados, como: os sintomas, a gravidade e as características de cada criança. Destarte, se faz importante ter bom entrosamento com cada aluno, manter uma boa relação e comunicação com a família e com os profissionais

que atendem esses alunos fora da instituição educacional (Sousa, 2016).

Segundo Sousa (2016) nas salas de aula, os professores terão que lidar com toda a diversidade de Necessidades Educacionais (NE), dos alunos que compõem as classes, portanto, planejar suas aulas de forma a atender a todos torna-se o grande desafio enfrentado pelos profissionais da educação, portanto, torna-se necessário delinear algumas atividades que podem ajudar a incluir as crianças autistas nas atividades dentro da sala de aula, como: rotina; respostas aos estímulos; adaptação ao ambiente; evitar sons altos; conhecer interesses específicos do aluno; Fazer uso de recursos visuais, imagens e símbolos; criar atividades coletivas; etc.

Ao criar uma rotina, o professor consegue promover, nas crianças autistas, maior segurança, diante da previsibilidade das ações desenvolvidas nas classes, visto que, elas podem apresentar reações negativas diante de mudanças e adaptações no ambiente. Portanto, pode-se dizer que a repetição das atividades e ações na sala de aula é benéfica para todos.

É necessário que o professor desenvolva maior atenção às respostas aos estímulos em sala de aula, assim, buscando entender o tipo de estímulo que promove melhores respostas das crianças autistas visuais, auditivos, táteis..., através da observação de como ele interage com o professor e com os colegas (Machado, 2019).

Com o objetivo de trazer maior conforto e tranquilidade para a criança, quando as aulas forem iniciadas, o professor pode pedir aos familiares para levarem o aluno para conhecer os ambientes da escola, e os profissionais que irão conviver com ele durante as atividades educacionais, evitando uma brusca alteração da rotina (Gama *et al.*, 2018).

A hipersensibilidade a sons altos e diversos barulhos, apresentados por algumas crianças autistas, promove incômodos que irão interferir negativamente na adaptação dessas crianças no ambiente escolar, assim, os professores podem solicitar que os pais tragam as crianças autistas antes da chegada das outras crianças, para que ela possa ir se ambientando com os ruídos de forma gradual (Santos; Correia, 2022). Buscar conhecer os interesses despertados pelas crianças pode auxiliar no desenvolvimento de atividades que permitam maior desenvolvimento do aprendizado, visto que, algumas crianças com autismo podem desenvolver interesses em temas específicos, desenvolvendo verdadeiro fascínio, assim, ao inserir temas adotados pelos alunos autistas o professor conseguirá atrair sua atenção, garantindo maior aprendizado (Martins, 2012).

É importante ressaltar que as adaptações feitas pelos professores para atender as NE das crianças com autismo não podem gerar diferenciação de conteúdo programático nas salas de aula, visto que, todos os alunos precisam aprender o mesmo conteúdo.

Fazer uso de recursos visuais, imagens e símbolos, visto que o aluno com autismo pode compreender melhor o que se espera que ele faça através da adoção de um dos recursos acima descritos, ou da junção de todos eles. Outro fator interessante que auxilia na inclusão destes alunos é a promoção de atividades coletivas, através de: tarefas, atividades, jogos e brincadeiras em grupo, no entanto, se fazem necessária a observação das reações do autista, para que o professor crie atividades que trazem maior conforto para ele (Benini *et al.*, 2016).

Mesmo diante do grande desafio, que é a inclusão de alunos com autismo nas salas de aula, para os professores, torna-se necessária a busca constante por soluções, visando a superação das dificuldades relacionadas a inclusão de alunos com autismo nas classes de escolas regulares da educação básica brasileira.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem escolhida para a construção deste trabalho de conclusão de curso, foi o método de pesquisa qualitativo, visto que, busca abordar temas, naturalmente, subjetivos como: fenômenos sociais e do comportamento humano, abordando temas que não podem ser quantificados através de equações e meios estatísticos (Poupart *et al.*, 2008).

Para o embasamento bibliográfico, optou-se por uma revisão bibliográfica narrativa, que tem como principal

característica, a possibilidade de selecionar diferentes tipos de informações obtidas de fontes diversas, possibilitando, ao autor, discutir o tema estudado de maneira crítica e reflexiva (Rother, 2007).

Os trabalhos acadêmicos que deram alicerce para a construção desse artigo, resultaram de buscas nas plataformas de pesquisa: Google Acadêmico; SciELO e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os critérios de inclusão dos trabalhos, foram: trabalhos acadêmicos obtidos integralmente, escritos em língua portuguesa, e publicados entre os anos de 2012 e 2022. As pesquisas foram feitas com base nas seguintes palavras-chave: educação inclusiva; inclusão de crianças autistas; políticas educacionais de inclusão.

Segundo afirma Praça (2015), a escolha da metodologia adequada para a condução do estudo tem se tornado um grande desafio para os estudantes, no momento da elaboração de seus trabalhos de conclusão de curso, sendo necessário que o discente abrace seus objetivos de pesquisa e se entregue aos estudos e as pesquisas, com o foco na produção de um trabalho com originalidade acadêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quadro 1 – trabalhos utilizados para o embasamento teórico dessa pesquisa e seus respectivos resultados

	TÍTULO	RESULTADOS
CITAÇÃO		
Martins	Face a face com o	As práticas educativas adotadas
(2012)	Autismo: será a	pela escola, da qual fazem parte
	Inclusão um mito ou	as crianças estudadas, ainda
	uma realidade?	têm um longo caminho a
		percorrer no sentido de se
		tornarem verdadeiramente
		inclusivas e promotoras de
		equidade, denotando-se
		também necessidades de
		transformação em todo o
		processo de ensino
		aprendizagem e nas atitudes
		daqueles que o colocam em
		prática.
Fumegalli	Inclusão escolar: o	A partir do processo de
(2012)	desafio de uma	democratização da educação se
	educação para todos?	evidenciou o paradoxo
		inclusão/exclusão, quando os
		sistemas de ensino
		universalizam o acesso, mas
		continuam excluindo
		indivíduos e grupos
		considerados fora dos padrões
		normais da escola.
Cruz; Glat	Educação inclusiva:	A metáfora da orquestra alerta
(2014)	desafio, descuido e	para a intencionalidade
	responsabilidade de	presente nos projetos de
	cursos de licenciatura	formação docente dos cursos de
		Licenciatura afinados com a
		ideia de uma Educação
		Inclusiva, como uma utopia
		necessária à escola.

Sousa	A política	É preciso compreender as
(2016)	educacional e seus	políticas educacionais, com o
(=010)	objetos de estudo	intuito de conhecer e mostrar
	objetos de estado	como são operadas as relações
		entre o Estado e a Sociedade na
		luta pelo reconhecimento da
		educação como direito, nos
		desafios da sua oferta e
		organização e nos conflitos
		decorrentes da busca por
		qualidade.
Benini;	A inclusão do aluno	Reconhecemos que bons
Castanha;	com transtorno do	resultados na inclusão de
Benini	espectro autista na	autistas são percebidos, quando
(2016)	escola comum:	os profissionais, respondem as
(2010)	desafios e	necessidades de aprendizagem
	possibilidades	destes alunos, com a
	possibilidades	implementação de ações e
		estratégias inclusivas em todos
Como	A do ovo oão do	os espaços da escola.
Gama;	Adequação da	As implementações de práticas inclusivas são diferenciadas
Melo;	organização do ambiente escolar e da	nas escolas, consideradas com
Soares		· ·
(2018)	proposta pedagógica	pontos negativos e positivos, assim contribuindo ou não
	110	
	atendimento das necessidades dos	para um progresso
		significativo do
	alunos autistas	desenvolvimento da criança de
		acordo com as propostas
		pedagógicas e as adequações do
D: (2010)	0 1 1:0	ambiente escolar.
Pio (2018)	Currículo e diferença	É preciso investir maciçamente
	na educação especial	na formação inicial e
	em uma perspectiva	continuada dos atuais e novos
	inclusiva	professores, uma vez que esses
		se mostram inseguros para
		atuarem nas escolas, onde se
		registra a matrícula de
		estudantes com deficiência,
		nesse caso em especial os
		estudantes surdos.

Machado	A importância da	A criança com TEA tem muito a
(2019)	rotina para crianças	aprender, assim como, os
(2017)	autistas na educação	professores e toda a equipe
	básica	multidisciplinar têm muito a
	basica	ser aprendido para que o
		processo de inclusão aconteça
- 1.		de forma concreta.
Pauli	A integração das	A pesquisa identificou que para
(2019)	tecnologias ao	uma escola constituir-se como
	currículo inclusivo de	um espaço inclusivo de fato,
	crianças com TEA	para todos os sujeitos, tenham
		eles ou não uma deficiência, é
		necessário que se invista na
		formação dos professores; nos
		incentivos à formação e ao
		aprendizado contínuo; no
		espaço escolar; em reuniões
		entre os envolvidos no
		percurso da aprendizagem; em
		um processo contínuo de
		reflexão-ação-reflexão.
Reis (2021)	Um breve estudo	Apesar dos avanços na
11015 (2021)	sobre inclusão escolar	legislação, foi possível
	Soore merasao escolar	observar que ainda há distância
		entre a teoria e a prática.
		Muitos dos aspectos essenciais
		para a inclusão, como a
		adaptação curricular, a
		adaptação curricular, a adequação física e pedagógica e
		a formação profissional, ainda
		apresentam deficiências e
		lacunas que precisam ser
- 1	71 7 1 1	resolvidas.
Talau et	Educação inclusiva e	É preciso dar importância à
al. (2021)	a participação dos	disponibilidade dos materiais
	pais na	didáticos para os alunos com
	aprendizagem dos	deficiência, a preparação das
	alunos com	instituições de ensino no que se
	deficiência	refere a acessibilidade,
		capacitação dos docentes,
		contratação de equipe de apoio

		e de profissionais
		especializados, apoio escolar
		para com as famílias, e a
		participação da sociedade na
		inclusão dos alunos deficientes
		nas escolas.
Santos;	Transtorno do	É fundamental que haja uma
Correia	Espectro Autista em	união de esforços do poder
(2022)	contexto escolar:	público, de educadores, de
	algumas	especialistas e dos
	contribuições e	responsáveis pelas crianças
	abordagens de	para que as ações sejam
	ensino.	efetivadas em ambiente
		escolar.

Fonte: elaboração da autora (2022).

Dentre os trabalhos encontrados, pode-se perceber uma concordância entre a maioria dos autores, quando o assunto diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos educadores para a implementação de uma educação inclusiva para alunos com autismo, assim como, outras Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

Fumegalli (2012), vai além, afirmando que no anseio por atender as demandas de inclusão dos alunos com NEE as escolas têm promovido um processo de inclusão exclusiva, onde os alunos são inseridos em salas de aulas, sem o correto acompanhamento pedagógico, assim, reduzindo as chances de desenvolvimento cognitivo, social, emocional, pessoal e integral dessas crianças.

Corroborando, Gama et al. (2018) afirmam que as práticas inclusivas e as propostas pedagógicas têm sido aplicadas de

forma irregular, sem seguir um protocolo adequado, interferindo no processo de aprendizagem e integração dos alunos com NEE nas salas de aulas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio Reis (2021) afirma que apesar da existência de um amplo embasamento de políticas públicas direcionadas para o atendimento das NEE de crianças, pouco tem sido feito nos ambientes escolares para a real implementação dessas Leis, e concluem dizendo que há distância entre a teoria e a prática da educação inclusiva.

Para mudar esse quadro de distanciamento entre teoria e prática sobre a educação inclusiva, Santos; Correia (2022) afirmam que os poderes públicos precisam trabalhar em conjunto com educadores, especialistas e familiares das crianças com autismo, visando uma efetiva política de inclusão dessas crianças nas escolas.

Outros autores afirmam que é preciso que haja investimentos na qualificação dos profissionais para o atendimento dessas crianças com NEE, assim como, as que apresentam Transtorno do Espectro Autista - TEA, mas também na adaptação das instituições educacionais para o atendimento e inclusão adequados desses alunos.

Por fim, Martins (2012) afirma que longo é o percurso a ser seguido pelas práticas pedagógicas, visando o atendimento das necessidades educacionais de crianças autistas, o qual, demandará de uma necessidade de mudanças em todo o processo

de ensino e aprendizagem, assim como, nas ações e atitudes tomadas pelos educadores, que participam diretamente desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo atingiu seu objetivo, visto que, traz embasamento teórico necessário para responder à pergunta que norteou essa pesquisa bibliográfica. Portanto, pode-se dizer que a inclusão de crianças com autismo enfrenta barreiras por parte de profissionais, ainda sem o devido preparo, assim como, pela inexistência de ambientes educacionais preparados para atender as demandas específicas desse grupo.

Diversas são as leis e diretrizes que direcionam a inclusão de crianças com Necessidades Educacionais Especiais, assim como, as autistas, no entanto, na prática não se tem visto a aplicação das determinações previstas em formatos de leis no Brasil.

Algumas práticas, desenvolvidas em salas de aulas podem ajudar na inclusão dos alunos, mais precisamente, na sua adaptação à rotina das salas de aulas, o que demanda empenho e dedicação dos professores, assim como, de uma boa relação entre professores e a família dos alunos, assim como, dos profissionais que compões a escola com os familiares e com essas crianças, que tanto precisam de acolhimento.

Para que a inclusão aconteça de forma legítima, é preciso que haja empenho das autoridades públicas em relação ao investimento no capital humano e das escolas para o atendimento adequado dessas crianças, além do empenho desses profissionais na busca por novas formas de ensino, buscando a inclusão de todos os alunos, visando o desenvolvimento social/humano dessas crianças, não deixando de considerar a participação ativa dos familiares e da sociedade para o bom desenvolvimento do processo de inclusão de crianças autistas nas classes escolares.

REFERÊNCIAS

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo; BENINI, W. Castanha. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Cadernos PDE**, Paraná, v. 1, 2016.

BRASIL. Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.ltr.com.br/loja/folheie/5673.pdf. Acesso em: 20 de nov. 2022.

BRASIL. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acessado em 02 de nov. de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/59030303/Constituicao-Federal-PDF. Acesso em: 12 de nov. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**/Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, 2008. Disponível em: www.mec.gov.br/. Acesso em: 17 jan. 2022.

CRESPO, Alexandra *et al.* **Para uma educação inclusiva:** Manual de apoio à prática. 2018.

CRUZ, Gilmar de Carvalho; GLAT, Rosana. Educação inclusiva: desafio, descuido e responsabilidade de cursos de licenciatura. **Educar em Revista**, p. 257-273, 2014.

DE SALAMANCA, Declaração. **Princípios, políticas e prática em educação especial**. Espanha:[Sn], 1994.

FIGUEIRA, Emílio. O que é educação inclusiva. Brasiliense, 2017.

FUMEGALLI, Rita de Cassia de Avila. **Inclusão escolar:** o desafio de uma educação para todos?. 2012.

GAMA, Alessandra Soriani Guedes; MELO, Maria Laura Batista Custodio de; SOARES, Silvana. Adequação da organização do ambiente escolar e da proposta pedagógica no atendimento das necessidades dos alunos autistas. **Estudos Interdisciplinares em Educação**, v. 1, n. 4, 2018.

MACHADO, Gabriela Duarte Silva. A importância da rotina para crianças autistas na educação básica. **Revista Gepesvida**, v. 5, n. 10, 2019.

MARTINS, Cláudia Paiva. **Face a face com o Autismo:** será a Inclusão um mito ou uma realidade?. 2012. Tese de Doutorado.

PAULI, Patrícia Aparecida Coimbra de. A integração das tecnologias ao currículo inclusivo de crianças com TEA. 2019.

PIO, Déborah Nogueira Araújo et al. **Currículo e diferença na educação especial em uma perspectiva inclusiva.** 2018.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. A pesquisa qualitativa. **Enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica "Diálogos Acadêmicos**, v. 8, n. 1, p. 72-87, 2015.

REIS, Soares Isabella. **Um breve estudo sobre inclusão escolar**. 2021.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SANTOS, Vinícius Medeiros dos; CORREIA, Tiago Rafael Ferreira. Transtorno do Espectro Autista em contexto escolar: algumas contribuições e abordagens de ensino. **Mosaico**, v. 20, n. 1, 2022.

SOUZA, Ângelo Ricardo de. A política educacional e seus objetos de estudo. **Revista de estúdios teóricos y epistemológicos en política educativa**, v. 1, n. 1, p. 75-89, 2016.

TALAU, Danieli Moreira M. et al. Educação inclusiva e a participação dos pais na aprendizagem dos alunos com deficiência. Rev Cient da Fac Educ e Meio Ambiente: Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA, v.12, n.2, p. 1-12, 2021.

CAPÍTULO 2

OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DURANTE E PÓS PANDÊMIA

Jerry Adriany de Assis Sousa

Adriana Mônica Oliveira

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares

CAPÍTULO 2

OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DURANTE E PÓS PANDEMIA

Jerry Adriany de Assis Sousa⁴ / Adriana Mônica Oliveira⁵ /
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares⁶

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta relatos de pesquisas bibliográfica, estudos e experiências vivenciadas, mediante os desafios e as dificuldades que, os professores enfrentaram e estão enfrentando atualmente, mediante o ocorrido da covid 19, que veio a provocar o fechamento das escolas, e depois, vindo a funcionar de forma remota durante a pandemia, afetando toda a

⁴ Graduando em Pedagogia. E-mail: adrianyjerry3@gmail.com.

⁵ Graduada em Pedagogia. Especializanda em Pedagogia Hospitalar; Pedagogia da Infânca; ABA – Análise do Comportamento Aplicada; Educação Infantil e Pedagogia Social; Coordenação e Supervisão Pedagógica. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail. amwag _2301@outlook.com.

⁶ Pós-doutora pela Universidade do Minho, em Portugal e pela UFPI. Email: andrezza.tavares@ifrn.edu.br.

esfera mundial e todas as áreas distintas da sociedade, inclusive com fechamento das escolas.

Pode-se afirmar que, em razão da pandemia, os professores, têm enfrentado grandes desafios e dificuldades, em relação ao ato de ensinar, mediante ao enfrentamento da corona vírus, que contribuiu muito para o aumento do déficit de aprendizado, os professores tiveram que, em meio a pandemia se reinventar, para buscar ferramentas ou metodologias (métodos) para ajudar os alunos na defasagem de aprendizado.

A paralização das atividades escolares, impactou significativamente, na vida social e principalmente na vida escolar dos alunos e professores. E como o surgimento deste vírus, no mundo inteiro, a educação do nosso país sofreu enfraquecimento no aprendizado dos alunos. E com ênfase no tema abordado por estudo, pesquisa e breves comentários de professores no presente ambiente escolar, presenciado por mim, e comentados por teóricos através de estudos e vivência na referida escola, na qual estagiei, Escola Municipal Dom Joaquim de Almeida, que atua na modalidade de ensino fundamental I localizada no centro de São Gonçalo do Amarante RN, mediante estágio supervisionado e remunerado.

Com a proliferação e aumento dos casos, foram elaboradas de forma cuidadosa, as aulas remotas emergencial. A pandemia da covid-19 revolucionou o mundo trazendo diversas, transformações repentinas e bruscas, em todos os setores da

sociedade e no âmbito educacional, propiciando agravamento e mudanças desde o ensino básico, até o ensino universitário.

Cordeiro (2020) afirma que reaprender a ensinar e reaprender a aprender são desafios em meio ao isolamento social na educação do país. Já é certo que vivemos um tempo de transformação digital, e a popularização teve de experimentar, e com isso, as conexões tecnológicas tiveram de ser implementadas, organizadas de forma substanciais, para a prática do ensino e aprendizado dos alunos em ambientes diferenciados, de forma virtual nas esferas municipal, estadual e particular da educação básica, sob a ótica teórica, com aplicação de recursos tecnológico e, com êxito na prática educativa dos estudantes brasileiros. Com a chegada da covid-19 no Brasil em 2020, o cenário da educação brasileira passou a sofrer um impacto significativo.

Pois, a pandemia trouxe consigo em grande velocidade a contaminação em massa, causando distanciamento, isolamento social e quarentena. Com o surgimento do isolamento social, nasce duas propostas e maneiras de atender os grupos de riscos: O vertical, para pacientes que compõe o grupo de risco para a doença, esses ficam isolados: ou horizontal, nesse caso somente os serviços essenciais são mantidos.

O isolamento horizontal é uma medida em que se isola o maior número de pessoas em suas residências e por esse motivo, é o mais indicado no cenário atual, uma vez que apresenta maior potencial para conter epidemia. E com isso se fez necessário a paralisação das aulas presenciais, no qual discentes e docentes, sofreram com o fechamento das escolas de forma circunstancial e momentânea.

Dessa forma no intuito de evitar maiores prejuízos, o Conselho Nacional de Educação-CNE- aprovou as diretrizes que orientam, os sistemas e redes educacionais brasileiras em todos os segmentos. "Esse documento é importante porque apoia e estimula ações de enfrentamento do novo coronavírus e auxilia, as redes de ensino no acolhimento ao direito do aprendizado no país". Essas ações e palavras foram diferidas na época pelo então presidente do CNE, Luiz Curi - Ministro da Educação, 2020. Com isso teve de ser introduzida uma nova tecnologia, que define o processo de integração de métodos.

Com tudo o objetivo geral desta pesquisa realizada é intencionar o desenvolvimento das aulas remotas emergencial, a elevarem didáticas pedagógicas contextualizadas, interdisciplinares e multiculturais no processo de ensino remoto emergencial, por meio de uma discussão que se desloca da esfera educacional nacional e assume um considerável potencial para a educação híbrida. A organização da pesquisa foi realizada através de sessões e subseções relacionado ao contesto histórico sobre a covid-19, desafios e dificuldades enfrentados no período pandêmicos, as práticas educativas realizadas no período, a

metodologia da pesquisa, e os resultados conforme analisado no texto.

REVISÃO DE LITERATURA

O contexto histórico do Covid 19 no Brasil

Com o primeiro caso de covid-19, confirmado no Brasil em São Paulo no dia 26 de fevereiro de 2020, por um vírus chamado de corona vírus, que provocava dificuldade respiratória, na época foram tomados diversas medidas, pelas autoridades brasileiras, no sentido de prevenção da doença.

Enquanto a Europa já registrava centenas de casos de covid-19, a declaração de transmissão comunitária no país veio em março. Mês em que também foi registrada a primeira morte pela doença e que começaram as primeiras ações governamentais ligadas a pandemia da covid-19.

As autoridades de saúde de âmbito local em diferentes esferas administrativas, concernentes as ações dos governos; federal, estadual e municipal criaram algumas medidas no sentido de eficácia do controle e disseminação da doença. A prática do distanciamento social, foi uma das medidas mais difundida pelas autoridades de saúde, entendida de forma geral, pela população e pelas mídias sociais.

Durante todo período de pandemia, com o acesso à internet e posse de equipamentos como computador, celular, tablet, ou seja, recursos mínimos para o acesso as aulas. Os professores tiveram de mudar suas rotinas, fazer adaptações do seu cotidiano e ainda continuam com dificuldades de poder aplicar conteúdos atualizados ao que concerne a idade e aprendizado de cada aluno devido a defasagem anual (Aparecido; Zambon, 2020).

Com aulas suspensas em março de 2020, quando o surto de covid-19 começou afetar o Brasil com maior intensidade, tornouse essencial a definição de medidas, mesmo que paliativa, para dar continuidade ao processo de aprendizagem dos alunos. Os professores demonstraram preocupação com a reposição de aulas e aprendizado.

O ato de ensinar é um processo dinâmico associado à troca de informações com o objetivo de buscar a aprendizagem, pois é onde ocorre a aquisição de conhecimentos, sendo necessário estudar de forma crítica, e associado ao cotidiano do aluno (Souza *et al.,* 2016, p. 22). "As mudanças na prática docente não acontecem de forma acelerada, o que significa que as práticas solidificadas não são apagadas ou deletadas, simplesmente, e depois postas outras para substitui-las" (Greco Júnior, 2021, p. 63).

A necessidade por novas abordagens de ensino, devido as novas gerações, trouxe ao professor a necessidade de pesquisar

metodologias atrativas e dinâmicas, as famosas "metodologias ativas" (Silva *et al.*, 2018).

Nesse contexto, professores segundo Oliveira e Souza (2020) precisaram se ajustar, ou seja, refletir sobre métodos de ensino, adequação ou sistemas de avaliação, e a interação professor e aluno. Assim, de forma continuada, tentar garantir a aprendizagem de seus alunos, tornando-se um desafio cotidiano, pois a interação em sala de aula é de extrema importância.

As perspectivas, desafios e dificuldades dos professores em meio a pandemia

Entretanto com as aulas remotas, os professores se depararam com muitos desafios e dificuldades, desde a carência de instrumentos, por parte de muitos alunos, que facilitariam as aulas virtuais, assim como a incapacidade dos professores em manusear os recursos midiáticos, tendo esses, a busca urgente de capacitações para o uso dos equipamentos e utilização dos equipamentos de tecnologias digitais da informática.

Segundo Martins e Almeida (2020, p. 222),

[...] discorrem sobre a emancipação da ideia de que a educação digital não se faz apenas com internet e aparelhos: A educação on-line não é compreendida exclusivamente pelas tecnologias digitais. Também é amparada pela interatividade, afetividade, colaboração,

coautoria, aprendizagem significativa, avaliação adequada, mediação docente implicada, relação síncrono assíncrono, entre outros, buscando a visão de que aprendemos qualitativamente nas trocas e nas construções conjuntas.

Para os discentes lidar com toda essa tecnologia não é algo que estão plenamente acostumados, trazendo para si mesmos, desafios novos a serem cumpridos todos os dias, muitos ainda precisam da ajuda de terceiros para estabelecerem uma conexão da melhor maneira possível, quando em muitos casos, as aulas não saíam como planejado, há uma sensação de angústia, frustação e desconforto. No que se refere aos alunos e aos seus pais, as aulas remotas, surgem também como um novo desafio, com as aulas à distância, utilizando-se de vídeos, para aplicação dos conteúdos e atividades.

As perspectivas não foram alcançadas de forma significativas, pois infelizmente, nem todos os alunos têm acesso a celular ou até mesmo internet, e com isso, dificultando ainda mais o aprendizado. Com as aulas remotas, muitas dificuldades foram identificadas, desde a carência de instrumentos, por parte de muitos alunos, que perdiam as aulas, assim como a incapacidade dos professores, em manusear os recursos midiáticos, tendo esses ir em busca urgente de capacitações para o uso dos equipamentos.

E com isso abriu-se um leque de oportunidades e possibilidades de abordar os conteúdos da escola de modo mais dinâmico, com o uso do meio digital, por ser um recurso que os professores fazem uso diário, como é o caso do aparelho móvel.

O quesito avaliação, orientação e observação se fizeram necessárias para o quesito didático e com isso permearam a prática e a formação do professor(a). Com a gama de práticas envolvidas que ganham dimensão quando se entende que o ano letivo teve que ser cumprido, mesmo com todos os percalços a escola com seu currículo flexível, permitiu as adequações necessárias para que os discentes conseguissem e tivessem direito a uma aprendizagem significativa e igualitária.

Reflexões e desafios das práticas educativas docentes

A análise das práticas educativas atualmente em meio a tudo vivenciado pelos docentes, e atitudes deles, nos remete e implica a refletir, sobre as situações encontradas em sala de aula, desde a chegada da covid-19 até os tempos atuais. Com isso os educadores tendem a rever, pensar e ressignificar sobre a prática pós pandemia, na profissão docente junto as demandas tecnológicas do século XXI.

As primeiras reflexões possíveis e decorrentes desta pesquisa sinalizam que a sociedade e o campo educacional já viviam crise anterior a pandemia da covid19, apontando para a necessidade de melhorias e aprimoramento e modificação nos processos de ensino e de aprendizagem, o que afeta diretamente os educadores.

A pandemia da Covid-19, por sua vez, deixa evidências claras e os sinais de crise, desafios e as dificuldades enfrentadas pelos educadores. Sem contar que além disso, as novas demandas tecnológicas auxiliam no questionamento do papel e da ação pedagógica de desenvolvimento dos docentes. Há alguns anos, o papel do professor consistia somente em transmitir o conhecimento em um sentido hierárquico de um para todos, dentro da sala de aula, porém, isso já ficou para trás.

A inserção da utilização da cultura digitalizada no ensino tradicional, como ferramenta educacional, necessita de uma reorganização nas práticas pedagógicas, pois ainda são várias as necessidades para tal adequação. Nesse sentido, este trabalho sugere, identificar os desafios e as dificuldades que os docentes tiveram na produção das aulas remotas emergencial, o foco de contribuir através desse trabalho para que a área da educação possa proporcionar aos discentes e docentes o acesso às novas tecnologias tendo como principal objetivo propor a eles(as), o acesso às ferramentas tecnológicas que possibilitasse este recurso como ferramenta de aprendizagem.

De forma emergencial e com pouco tempo de planejamento e discussão (o que levaria meses em situação normal, professores e gestores escolares, público e privado, da educação básica a superior, tiveram que adaptar in real time (em tempo real) o currículo, atividades, conteúdos e aulas como um todo, que foram projetadas para uma experiência pessoal e presencial (mesmo que semipresencial), e transformá-las em um Ensino Remoto Emergencial totalmente experimental. Fazendo um recorte desse processo, podemos afirmar que nunca a educação foi tão inovadora. Foi a transformação digital mais rápida que se tem notícia num setor inteiro e ao mesmo tempo (Ensino, 2020, n.p.).

Dessa forma, faz-se necessário uma conexão entre aquilo que se tem e é visto na escola, com o que o mundo digital lhes apresenta por meio das TICs (tecnologia da informação e comunicação). As TICs vêm pouco a pouco sendo inseridas no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o acesso ao conhecimento. Mas para que isso aconteça tem que existir um pensamento idôneo, (único) entre várias pessoas como; gestor escolar, coordenador pedagógico e os professores, que juntos, possam possibilitar o trabalho em conjunto na introdução das aulas online. As ferramentas online necessárias, possibilitam ao professor ajuda necessária junto as novas tecnologias para o trabalho de ensino e aprendizagem.

Conforme descreve Moran (2015, p. 16),

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente.

Com o avanço da tecnologia em todos os setores da sociedade, inclusive na educação, surgem novas formas de ensino e ferramentas mais prioritárias do que as tradicionais apostilas. Além disso, os alunos não são mais os mesmos. Nascidos em um contexto digital e em um mundo que tem pressa, eles esperam por um ensino diferente e atrativo e mais interessante.

Com ênfase em todo esforço, por parte dos professores e dirigentes da referida escola, na qual estagiei foi que escolhi pesquisar e investigar esse tema. Com tudo, o presente trabalho aqui desenvolvido, nos remete a repensar os modos de aprendizagem, os conteúdos, contextos e grupos envolvidos e pensando nessa temática de estudo deste trabalho, que foi elaborado com muito amor, responsabilidade, e visão profissional no entendimento dos desafios e dificuldades em que os professores tiveram, e atualmente ainda tem, com o enfrentamento da defasagem de aprendizado e aplicação de métodos em sala de aula, assim concebido durante o período de pandemia frente ao novo corona vírus, com aulas, não presencial, por conta da pandemia global e avanço da covid-19.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Contudo, descrevo de forma qualitativa e metodológica esse conteúdo que aborda o novo cenário, que tais práticas docentes tiveram que receber. Com esse novo direcionamento, as atividades de forma remotas tiveram de ser aplicadas, flexibilizadas e fazer o uso direto das tecnologias. Surge então a necessidade de adaptações por parte dos educadores para se adequar à nova realidade frente a covid-19, mesmo em meio as paralisações, disseminar e compartilhar o conhecimento.

De acordo com Lüdke e André (1986), as constatações da pesquisa, de cunho qualitativa apresentado neste artigo, apresenta a obtenção de dados descritivos; o contato direto do pesquisador com a situação; enfatiza mais o processo que o produto e retrata a perspectiva dos participantes.

A pesquisa qualitativa em sua natureza estimula a aquisição do conhecimento, bem como um suporte de múltiplo letramento e multicultural na didática pedagógica, auxiliando assim no que diz respeito às variantes situações de comunicação, que seja social ou escolar.

A pesquisa bibliográfica está conectada de fato em permitir e investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Conforme Gil (2002, p. 44),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

No tocante aos planejamentos metodológicos traçados e fundamentados precisaram ser revistos para que diante da atual conjuntura mundial de momento, que atendesse às novas exigências do sistema de ensino com paralisação e posteriormente de forma remota. No entanto, os recursos tecnológicos que possibilitaram tamanha façanha, com estudos online, computadores, dispositivos móveis e internet não se fazem presente nas moradias de vários educandos brasileiros.

Portanto com um olhar pedagógico, buscamos referenciar com métodos e estratégias eficazes de ensino para que todos possam continuar estudando durante o período pandêmico. Foram desafios mundiais com a finalidade de ajudar no sentido de disseminação de conhecimento e menor agravamento do déficit de aprendizado, ou seja, inibir a defasagem escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em toda e qualquer mudança, no que diz respeito ao cotidiano de um professor (a), requer do mesmo, uma inesperada adaptação na sua maneira de viver, agir e rotina de trabalho. Coisa que nem sempre é tão simples assim. E com esse pensamento, as instituições, com intuito de evitar agravamento e prejuízos por parte dos alunos, implementaram métodos e estratégias de ensino e recomposição de aprendizado, durante e após o isolamento social.

E assim os alunos poderem continuar estudando e evitando evasão escolar. Entre os meios utilizados estão as plataformas de ensino *online*; as aulas ao vivo/*online* desenvolvidas pelas próprias escolas ou compradas; em redes sociais; *Google Meet*, emails, grupos de WhatsApp; impressão de conteúdos tanto na instituição, quanto nas próprias residências de alunos e professores etc.

No entanto a utilização de novas ferramentas, na pandemia da covid-19, requereu dos professores uma cobrança a curto prazo, pois muitos dos professores ainda sentem dificuldades de utilizar as novas tecnologias. Por exemplo; posso citar o fato de alguns professores ter dificuldade de falar em público. "Falar em público é algo desafiador e novo, no mundo tecnológico", disse uma professora, na qual, eu lhe

perguntei em um certo período, durante a elaboração e aplicação das aulas remotas e online.

Como também é notável que alguns profissionais da educação não se adequam ao modelo de ensino estabelecido, mediante os desafios e as dificuldades no uso dessas ferramentas que dão suporte às aulas a distância. O cenário em que a educação passou a ter na pandemia em 2020, indica um possível desafio no ensino remoto (Oliveira, 2020).

Dessa maneira as informações de estudo citados e relatadas neste artigo, tem a finalidade de expressar e comentar sobre os desafios e as dificuldades dos professores durante e pós pandemia da covid-19, através de pesquisas bibliográficas de forma qualitativa e observada em comentários e a vivência, dia a dia, em sala de aula, no estágio remunerado de ensino fundamental. Com isso pude descrever de forma significativa e organizada relatos de convivência e fatos pesquisados, no que consiste a relatos de professores relatando sobre como eles enfrentaram as dificuldades com serenidade, seriedade, otimismo e responsabilidade, mediante tão grandes desafios para todos os docentes.

Com isso um dos maiores desafios e dificuldade, foi enfrentar a problemática, o declínio psicológico e o desgaste físico-emocional dos educadores atingido diretamente ou indiretamente pela pandemia. Após dois anos de pandemia as redes de ensino básico e regular no Brasil se veem diante de um

grande desafio de caráter urgente: a recomposição, recuperação e defasagem do déficit de aprendizado.

É o que revela a oitava onda da pesquisa realizada pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME/1986) com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Itaú Social, em mais de 85% dos municípios pesquisados, escolas e secretarias de educação têm trabalhado juntas para evitar lacunas de aprendizagem e criar estratégias para recomposição de saberes. Pesquisa essa que, ouviu 3.245 municípios brasileiros, representando mais de 14,2 milhões de matrículas. Após mais de dois anos de pandemia, as redes municipais de ensino se veem diante de um desafio urgente: a recomposição\recuperação da aprendizagem. Entre os desafios pelas redes para planejamento apontados 0 a implementação de estratégias de recomposição\ recuperação da aprendizagem está, principalmente, a falta de condições logísticas e de infraestrutura.

Isso inclui dificuldades de transporte escolar dos estudantes e alimentação para a realização de atividades presenciais no contraturno, e falta de conectividade para realizar essas atividades remotas. Outros desafios de planejamento inclui a participação das famílias e a motivação de estudantes e professores. A recuperação de aprendizagem é fundamental para enfrentarmos um cenário de aprofundamento das

desigualdades. Os desafios são enormes, mas não impossíveis de serem solucionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a pesquisa, é a experiência vivenciada, pelos professores, durante a pandemia da covid-19, visto e presenciado em sala de aula, no ambiente escolar trouxe consigo uma gama de necessidades, integradas, entre as práticas pedagógicas e as ferramentas tecnológicas que convencionalmente, circulam e funcionam na forma de acesso ao aprendizado dos alunos.

Durante o processo de pesquisa e investigação qualitativa, os alunos e professores tiveram participação extremamente efetiva, participativa e cooperativa. Os desafios e as dificuldades dos professores, com isso, redigem e remetem de maneira significativa e contextualizada. E em tempo de pandemia global com a aparição da covid-19, o mundo mudou em vários aspectos social, e com isso, o dia a dia, dos professores e estudantes sofreram modificações.

Esse trabalho e pesquisa focou em constatar de imediato, o que os professores e alunos sentiram e ainda sentem quão grande foi e ainda é, o impacto ocasionado durante a pandemia da covid-19 e isolamento social. Com a paralisação das atividades no âmbito escolar, os professores tiveram de enfrentar a realidade dos desafios e dificuldades durante e pós pandemia, que acarretou e

agravou a rápida contaminação da covid-19 no Brasil e em todo o mundo.

Com a paralisação das atividades no âmbito escolar, os desafios e dificuldades das aulas remotas, se intensificaram. No entanto, através das tecnologias vieram mudanças "radicais" na vida pessoal dos alunos e professores, que devido o distanciamento, tiveram de renunciar ao lazer e o convívio social. Os professores tiveram de elaborar as aulas online de forma remota e os alunos por sua vez, tentar

acompanhá-las. Portanto os novos tempos exigiu e continua a exigir, uma postura emergente e uma ação bem eficaz de recomposição de aprendizado e combate a evasão escolar dos alunos brasileiros.

Estamos certos de que os educadores brasileiros, tem se mostrado incansáveis no empenho, amor, perseverança e esperança de dias melhores e a melhoria continua da educação de nossos alunos, Infelizmente os baixos salários ao que compete o trabalho e a responsabilidade dos docentes ainda é baixo, a desvalorização dos governantes para com os professores, a indisciplina dos alunos, o controle burocrático do estado, a violência na escola, o desafio de ser considerado responsável pelo não aprendizado dos alunos e muitos outros fatores de ordem social, política, econômica etc., são exemplos que desmotivam a categoria dos professores brasileiros.

REFERÊNCIAS

APARECIDO, Cristina Tischer Ranalli; ZAMBON, Marcelo Socorro. Democratização da educação e a expansão do ensino a distância no Brasil. **Teoria & Prática: Revista de Humanidades, Ciências Sociais e Cultura**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. 2020.

ENSINO Remoto Emergencial: A oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. SINEPE/RS, Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: https://www.sinepers.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-daescola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar. Acesso em: 31 ago. 2020.

GRECO JUNIOR, Raul. Educação remota em tempos de pandemia: ensinar. Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em tempos de pandemia no Brasil: saberes fazeres escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MORAN, José Manuel. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Editora Penso, 2018.

OLIVEIRA, H. V; SOUZA, F. S. "Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19)". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

OLIVEIRA, Elida. Portal G1, Educação. Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa aponta estudo. Educação. **G1 (globo.com)**. [2020]. Disponível em Acesso em 28 ago. 2020.

SILVA, Ana Carolina Oliveira; SOUSA, Shirlaine de Araújo; MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 298-315, set./set. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5585/dialogia.n36.18383.

SOUZA, F. V. C.; CARON, D.; SOUZA, C. R.M. Ensinar é uma arte. **Cadernos da Fucamp**, v. 15, n. 22, 2016.

UNIÃO Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), fundada em 1986 e com sede em Brasília/ DF. 1986.

CAPÍTULO 3

A INFLUÊNCIA DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Karolaine Conceição Matias

Adriana Mônica Oliveira

CAPÍTULO 3

A INFLUÊNCIA DAS CONTAÇÕES DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Karolaine Conceição Matias⁷ / Adriana Mônica Oliveira⁸

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância e influência da contações de histórias para ensino e aprendizagem da Educação Infantil, como forma de favorecer o envolvimento da criança com o mundo literário. A contação de história é de extrema relevância para a formação de futuros leitores, pois ela estimula e desperta o interesse pela leitura.

Buscamos também compreender como essa prática pode ajudar na formação desse futuro leitor, desenvolvendo o prazer

 $^7\,\mathrm{Graduanda}$ em Pedagogia. E-mail: karolainematias 2017@gmail.com.

⁸ Graduada em Pedagogia. Especializanda em Pedagogia Hospitala; Pedagogia da Infância; ABA – Análise do Comportamento Aplicada; Educação Infantil e Pedagogia Social; Coordenação e Supervisão Pedagógica. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail. amwag _2301@outlook.com.

pela leitura, não só como um processo didático e obrigatório, mas como um despertar para leitura, através uma prática prazerosa.

Diante do cenário que estamos vivendo sobre os leitores desestimulados, nos despertou a preocupação e o interesse sobre como a contação de história onde pode mudar esse cenário, pois diante das pesquisas realizadas chegamos em uma única conclusão, que a falta de leitores está relacionada a crianças que não são estimuladas quando pequenas.

A referidas pesquisas, encontramos autores que tem uma grande influência quando o assunto é a contação de história, pois abordam sobre a importância da contação de história para os estímulos dos futuros leitores.

De acordo com as pesquisas realizadas estamos de fato convencidas, baseadas em Silva (1986), Gotlib (1990), Coelho (1999), Abramovich (2002), Oliveira (2006) e Riter (2009) e entre outros, de que a contação de história é uma grande ferramenta para acordar o senso crítico, e importante para o desenvolvimento da criança, tanto na formação do leitor, como no processo cognitivo. Assim nos afirma Silva (1986) sobre a grande importância da prática de contar história na vida da criança.

Os autores Gotlib e Abramovich (2002), seguem a mesma linha de pensamento, pois para os referidos autores, o primeiro contato da criança com um texto é a través da voz da sua mãe que é transmitida oralmente, seja ela quaisquer tipos de história. Seguindo o mesmo pensamento temos Betty Coelho (1999) que acrescenta que quando a criança ouve história com frequência estórias desperta a sua atenção, ou ainda, segundo Riter (2009), contar histórias é o primeiro passo para formação de leitores.

Para investigar todo esse processo de construção que a referida prática pode desenvolver, realizamos uma pesquisa qualitativa e bibliográfica de autores que estudaram sobre o tema aqui proposto. A fim de melhor explanar as principais ideias dos sobre o tema aqui proposto, vamos iniciar com uma sucinta apresentação de como surgiu a contação de histórias.

O trabalho está estruturado com as seguintes partes: a primeira é a introdução; a segunda o contexto histórico sobre a contação de história; a terceira aborda a influência da contação de história no desenvolvimento e na aprendizagem da educação infantil; na quarta sessão temos o método para contar história na educação infantil; na quinta temos metodologia do trabalho; na sexta, o resultado e discussão e; por último as considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

Contexto histórico sobre as contações de histórias

O ato de contar história nos acompanha desde os primórdios. A contação de história já se fazia presente no tempo

dos homens da caverna, onde eles relatavam os acontecimentos do seu dia a dia através de desenhos, como mostra hoje nas artes rupestres.

Gotlib (1990) relata que falar da contação de história está concomitantemente falando da origem da civilização ao longo da história, mas sempre de um jeito informal, sem uma intenção de seguir o objetivo de registrar algum fato histórico, só após o surgimento da escrita é que tal registro passa a acontecer.

A contação de histórias surgiu desde os primórdios tempos, antes mesmo da escrita, pois desde antiguidade os povos já compartilhavam suas histórias, pois sentia a necessidade de repassar fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo preservando assim suas culturas. Essa prática de contar história existe há muito tempo não podendo assim definir uma data do surgimento, portanto sabe-se que é umas das práticas mais remotas que acompanha a humanidade e era repassada através da oralidade.

Para Abramovich (2002, p, 16) "[...] o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trecho da bíblia, histórias inventadas [...]".

Atualmente as contações vêm dando grandes proporções presentes nas práticas cotidiana das escolas como uma forte aliada, com direcionamento pedagógico para a formação de futuros leitores, ao que cumpre também o despertar e o resgatar

a memória de costumes de um povo. Segundo Riter (2009) as contações tem, portanto dubla função, a qual seja a de reservar a cultura e a formar leitores. É de extrema importância ressaltar que a tradição de reunir a família como era antigamente para contar e ouvir história vem se tornando um momento raro e quase inexistente, mesmo que elas fossem eminentemente orais.

É importante destacar que é responsabilidade da família e da escola desenvolver o gosto e os hábitos de leitura das crianças, pois ambos podem tornar esse momento mais agradável e especial. O ato de contar uma história de família traz um momento interessante, um resgate cultural e fortalece a conexão entre leitores e ouvintes.

Se a criança não lê é porque não estão lhe contando histórias ou não lhe estão apontando caminhos para o desfrute de bons e belos textos... que existem (tantos...) e são fáceis de achar... Literatura é arte, literatura é prazer.... Que a escola acampe esse lado e deixe as cobranças... (Abramovich, 1984, p. 8).

Contudo se faz necessário que as escolas estejam preparadas para receber as crianças e propiciar um ambiente receptível e agradável para que possam adentrar- se no mundo encantado e cheio de aventuras sentir pronta para o aprendizado.

Influência da contação de histórias para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil

O ato de contar história na educação infantil instrui, socializa, diverte as crianças, desperta a curiosidade, desenvolve a autonomia e proporciona a vivenciar diversos sentimentos. O contato com a história é de extrema importância na vida do indivíduo ainda nos primeiros anos de vida, pois possibilita a criança viajar em um mundo imaginário, despertado assim a imaginação, a criatividade, e a oralidade.

A contação de história tem importante influência no desenvolvimento da criança, pois quando ela escuta uma contação ela desenvolve e atingi vários objetivos. À criança é propiciada se aperfeiçoar cognitivamente e emocionalmente enquanto viaja no incrível mundo imaginário e lúdico das histórias seja ela em um teatro de sobra, em uma história cantada, em uma fábula, ou em uma história em quadrinhos, enfim quando ela se permite aprofundar nas histórias criando uma descoberta da realidade como fantasioso, desenvolvendo assim vários tipos de sentimentos levando a um pensamento crítico diante de algumas situações que viverão no dia a dia.

De acordo com Coelho (2004, p. 12),

A história é importante alimento para imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstâncias de vida.

Nesses termos compreendemos que as histórias também possibilitam a compreensão de situações adversas e conflitos, bem como a identificação das histórias ao contexto de quem as ouve, assiste ou lê.

Quando a criança passa a ter contato com a contação de história diariamente seja em uma instituição de ensino ou em casa junto com a família, ela passa a adquirir a expansão do vocabulário e também desenvolve a capacidade de compreensão a fala.

De acordo com as palavras de Betty Coelho (1999, p. 26),

A criança que ouve história com frequência educa a sua atenção, desenvolve a língua oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente a prende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento.

Por esse motivo é preciso ter cuidado ao se contar história, pois a história tem uma grande influência direta no desenvolvimento do indivíduo. Diante disso Rosa (2007, p. 31) destaca que:

A criança, quando ouve uma história, se identifica com o personagem que mais se

aproxima do seu eu (características físicas, psicológicas) e de seu momento de vida (o tema abordado) e com isso ela interage e então passa a brincar quando, por exemplo, veste a roupa da Branca de Neve e imita a personagem quando verbaliza a parte da história que mais gostou, fazendo relação com algum momento de sua vida ou quando fala da parte que não gostou ou sentiu medo, fazendo uma elaboração do seu sentimento, acomodando situações que está vivendo. Todo esse movimento é também brincar de forma lúdica e prazerosa, além da criança também estar tendo a oportunidade de colocar em ordem suas questões emocionais (sua casa interna).

É importante ressaltar que a contação de história contribui efetivamente também na aquisição de habilidade necessária para o desenvolvimento integral da criança no processo de alfabetização. Porém antes mesmo da criança ser alfabetizada ela precisa ter o contato com histórias seja ela por meio da língua oral ou visual. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC - exige que na Educação Infantil venha desenvolver todas as habilidades proposta. A contação de história e a BNCC estão interligadas, pois todas as habilidades tem uma estreita ligação com os cinco campos de experiência propostos pela Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil.

Nos primeiros anos, a escola é um lugar no qual as crianças interagem socialmente, recebendo assim as influências para sua formação. E a partir o Referencial Curricular Nacional para a

Educação Infantil, "a criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico" (Brasil, 1998, p. 21-22).

O ato de contar histórias adquiriu um importante conceito e destacada importância como uma valiosa ferramenta no ambiente educativo, devido a sua concepção para o lúdico. Narrar uma história tornou a ser entendido como uma ótima alternativa satisfatória no ambiente escolar.

Contar uma história possibilita a quem está escutando sentir emoções através das ilustrações, fazendo com que pense e reflita sobre o mundo da história onde foi contada, assim como também permite a ela a construção da sua imaginação e criatividade, já que ouvir e ler histórias encoraja a criança na busca da sua própria autonomia, responsabilidades, costumes e valores importantes no qual ajudarão a fazer suas próprias escolhas.

Concluindo, contar histórias é uma atividade lúdica, pois amplia os horizontes e as possibilidades de uma criança, e a interação que se estabelece cria um vínculo precioso entre narrador e ouvinte. Através das histórias, podemos construir o aprendizado, além de ajudar os pequeninos a resolver conflitos no seu dia a dia.

Práticas pedagógicas para contar histórias na educação infantil

Uma das ferramentas mais importante no processo de aprendizagem de uma criança é a contação de história, pois a prática de contar história na educação infantil é uma tarefa de incentivo à imaginação e o real. Para Silva (1986) é de grande importância a prática de contar história na vida da criança, pois é uma prática que tem o poder de enriquecer o imaginário, a criatividade, a oralidade, auxiliando no desenvolvimento da linguagem, contribuem com o vocabulário, incentiva a prática da leitura, transmite conhecimento e valores. Por esse motivo tornase essencial a prática da contação de história na formação do ensino/aprendizagem.

Para contar história, o professor precisa atrair a atenção do público possibilitando a ele embarcar em um mundo imaginário e encantador, onde a criança possa vivenciar um mundo diferente da sua realidade utilizando a sua criatividade e imaginação e, assim, possibilitando seu desenvolvimento.

Assim, a contação de história não precisa ficar restrita apenas nas leituras dos livros, a contação de história nos dá várias possibilidades de apresentar uma história, pois podemos e devemos utilizar outros recursos, como: mimica, história cantada, brincadeiras cantadas, teatro de sombra deboches e fantoches, brincadeiras de roda e também podemos utilizar os

barbantes, ou seja, o campo de matérias que podemos utilizar é numeroso.

É importante que o contador crie um clima de encantamento, de envolvimento entre as crianças e o conto, saber dar as pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário da criança, deixá-la criar seus próprios personagens seja monstros, princesas, príncipes, mocinhos, bandidos e outros. Deve-se lembrar de que o mais importante é o interagir entre contador e os ouvintes.

Para contar história, requer que o narrador tome alguns cuidados e cumpra alguns requisitos, mesmo existindo diversos métodos de narrar uma história são necessários alguns cuidados, principalmente em ler uma história e contar uma história, pois muitos se confundem, e acham que lê um livro para uma criança é o mesmo de contar história. Contudo, Oliveira cita que existem diferenças entre ler e contar.

As histórias contadas oralmente têm uma força de transmissão oral, isto é: a voz, o olhar e o gesto vivo do contador de histórias, que alegra ou entristece a sua plateia. Na "contação" usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada história, permite-se o uso de recursos e está mais próxima da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias. Ao ler o professor apresenta aos alunos o universo

letrado, instigam a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou o timbre da voz, mas o texto é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e que não utilizamos cotidianamente ao falar (Oliveira, 2006, p. 04).

Muitos confundem a prática de que ler uma narrativa para contar histórias, as duas são completamente diferentes. Portanto a diferença entre elas são que contar uma história é diferente de ler uma história.

Pois o contador de histórias cria imagens que ajudam a despertar as sensações e a ativar no ouvinte os sentidos: paladar, audição, tato, visão e olfato. Assim, suas narrativas são carregadas de emoção e repletas de elementos significativos, como gestos, ritmo, entonação, expressão facial, silêncios. Tais elementos proporcionam uma interação direta com o público e implicam improvisação e interpretação.

De acordo com o pensamento da Eliane Cavalcanti (2008), o processo de estímulo e incentivo para se contar uma história são inúmeros, mas sua eficácia depende de como o contador os utilizará. Ela menciona em uma das suas falas que não existe uma formula mágica que substitua o entusiasmo do contador.

É importante destacar que os principais objetivos do ato de contar histórias é despertar as emoções do ouvinte como possibilidade de reconhecer e ou experimentar novas sensações, observamos que elas são despertadas através da entonação vocal, das expressões faciais e posturas corporais, de tal maneira que se faz necessário ao contador, desenvolver certas habilidades.

Abramovich (1984) afirma que o contador deve: ter familiaridade com história, ou seja, não se pode pegar o primeiro livro que se vê na estante; demostrar capacidade de pronunciar o nome das personagens, isto é, não empacar ao pronunciar o nome de algum personagem; dar pausa nos lugares corretos da história; não demostrar estar escandalizado com uma determinada fala ou gaguejar; e dialogar com as crianças sobre a história e; o que compreenderam bem como sugestões sobre a história contada.

Tendo como base os estudos e as habilidades de Abramovich (1984), criamos sete requisitos importantes para o professor contar história, pois antes de contar histórias para o seu público, deve-se saber como se direcionar a ele. É importantíssimo que o professor explore tudo ao seu redor e desperte o encantamento da contação de história nas crianças. Como mostra o quadro 01:

Quadro 01 – Sete requisitos para contar histórias

	<u> </u>
Preparação	Deve-se sempre se preparar antes de
	qualquer apresentação, trabalhando sempre
	a oralidade e a expressão facial e corporal.
	Deve-se sobre tudo estar familiarizado com a
	história.
Conhecer o	Todo contador ou narrador deve-se conhecer
público	o seu público, principalmente por causa do
_	vocabulário, pois é de extrema importância
	respeitar cada faixa etária.

A escolha da	É de extrema importância que o narrador ou
história	o contador escolha uma história não tão
	longa e nem tão curta, respeitando sempre a
	faixa etária do público e o tempo
	determinado.
Ambiente	É importante que sempre ante de cada
	contação, conheça o local onde será
	disponibilizado para a contação, para se
	familiarizar com o espaço oferecido.
Vestimentas	É crucial que o contador nunca use uma
	vestimenta que chame atenção a mais do que
	a história, pois poderá tirar a atenção do
	público.
Recursos	É de extrema importância que o contador
	utiliza além dos livros outros recursos que
	chame atenção como deboche, palito Che,
	fantoche e etc. Mas é preciso ter controle para
	não exagerar na quantidade se acabar irando
	o foco da história.
Fórmula de	As fórmulas são de suma importante para o
entrada e saída	contador ter em suas contações um início e
	um fim.

Fonte: Elaboração própria (2022).

E importante que na hora do conto, o contador/professor escolha o ambiente adequado para contar a história, e os textos devem ser curtos, pois a leitura esta direcionada as crianças pequenas, e é necessário selecionar as histórias de acordo com cada faixa etária, usar gestos e vozes diferentes de acordo com cada personagem pois essa estratégia desperta assim na criança a emoção, sem exagerar, usar vestimentas de alguns dos personagens, bonequinhos, músicas, pois as crianças adoram

histórias cantadas, porém não se deve exagerar nos recursos para a contação.

Diante das pesquisas realizadas, compreendemos que quem ouve muitas histórias quando criança têm mais chances de adquirir o hábito pela leitura. A contação de história é um caminho para estimular o interesse pelos livros, em um país de tão poucos leitores, o conto é o ponto de partida para reverter esse quadro.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho apresentado baseia-se nas pesquisas bibliográfica e qualitativa que resultou em estudo de vários autores que contribuíram ativamente, na análise da contribuição da contação de história.

A partir dessa necessidade de investigação da prática de contação de histórias na Educação Infantil, desenvolvemos estas pesquisas buscando identificar se essa prática pode influenciar e contribuir para a formação das crianças na educação infantil como leitora. E de ante da construção do nosso trabalho foi necessário buscar autores que relatasse sobre essas contribuições.

Nossa pesquisa se iniciou com levantamento bibliográfico sobre o tema e em seguida com pesquisa qualitativa. Segundo Gil (2002), diz que esse tipo de levantamento é preliminar e também pode ser chamado de exploratório, tendo como finalidade proporcionar a familiaridade do investigador com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Dessa forma, entendemos, como Gil que:

[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos (Gil, 2002, p. 3).

Diante do levantamento de pesquisas bibliográficas preliminar, para aprofundar o tema visando compreender o nosso objeto de pesquisa e alcançar nossos objetivos, desenvolvendo pesquisas por meio de sites e livros, que é uma estratégia metodológica que ajuda a compreender com detalhes o objeto a ser estudado.

Buscamos também a pesquisa qualitativa, pois ela não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o

aprofundamento da compreensão a partir de um grupo social, de uma organização.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores baseados em métodos qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos, nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1999).

Um fundamento teórico pesquisa do tipo qualitativa é a fenomenologia, onde busca compreender o significado que os acontecimentos têm para pessoas comuns, em situações particulares, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo.

Bogdan e Bicklen (1994) ressaltam que Malinowski foi o primeiro antropólogo a enfatizar a importância de apreender o ponto de vista dos nativos, ou seja, das populações locais. Godoy (1995) aborda a pesquisa qualitativa de forma semelhante, enfatizando também a perspectiva integrada, em que o pesquisador vai a campo objetivando captar o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho de pesquisa foi realizado de forma bibliográfica e com o objetivo de analisar as possíveis contribuições da contação de histórias no processo de alfabetização das crianças, foi possível observar que esta prática de contar história é uma arte milenar. Esta é praticada desde a tenra infância, primeiramente por familiares, e que desenvolve muito o imaginário das crianças.

Portanto, a contação de história ela desenvolvem também seu lado cognitivo, a área intelectual, emocional e física, aspectos importantes que influenciam diretamente na aquisição da leitura e da escrita, principalmente elementos cruciais ao processo de alfabetização.

No processo da construção do nosso trabalho, foi realizada pesquisa qualitativa e bibliográfica. Diante desta pesquisa surgiram vários questionamentos sobre como a contação de história poderia influenciar as crianças como um propulsor no processo de ensino e aprendizado.

Diante das pesquisas realizadas, foram obtidos resultados esperados, pois no processo das pesquisas, podemos compreender que a contação de história é a base para a construção de um futuro eleitor e além disso, foi possível perceber que a contação também faz parte da construção da identidade, autonomia e como cada criança interage de forma a

dar aos professores/contadores de história uma base de desenvolver as habilidades psicomotoras e cognitivas.

É importante ressaltar que durante o desenvolvimento deste estudo, percebemos a necessidade de despertar e motivar tanto os professores, quanto as crianças para o mundo encantado das contações de história, pois infelizmente a cada dia o índice de habilidade leitora despenca. Contribui para isto a falta de interesse e prazer dos alunos quando se tem professores desestimulados, pois existem escolas que acham que a contação de história é apenas um passatempo, que serve a penas para preenchimentos de aulas complementares.

De acordo com respostas, que é resultado das pesquisas realizadas, pode-se afirmar que a narração/contação de história é algo precioso, que auxilia a prática pedagógica no processo de ensino-aprendizagem, a mesma desenvolve nas crianças o gosto pela leitura, resultando em cidadãos com senso crítico mais elaborado.

Pois é na fase da educação infantil onde são ativos no mundo da imaginação, e mais vulnerável a constante busca pela a curiosidade; por esse motivo a aprendizagem é uma busca constante pela curiosidade do saber, e essa curiosidade encontrase na contação de história uma práxis educacional fundamental para o desenvolvimento integral da criança em seu aspecto físico, afetivo, psicológico e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho objetivamos refletir sobre a contação de história como recurso no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, demonstrando os resultados obtidos durante as pesquisas. Considerando tudo que foi pesquisado no decorrer do trabalho, chegamos à conclusão de que a contação de histórias fortalece a prática do docente e contribui para a formação de seus alunos como leitores, despertando ainda mais para o mundo literário e o gosto pela leitura, além de favorecer no desenvolvimento e interação social.

Durante o nosso trabalho concluímos que a contação histórias é um dos recursos pedagógicos mais antigos, sendo capaz de se comunicar e transmitir valores, atitudes e florescer gosto e o prazer pela história. Diante disso, narrar uma história é de extrema importância na educação infantil, entretanto, é fundamental que o ato da narrativa ocorra a partir dos primeiros anos da infância para que assim a criança possa ser incentivada, no ambiente escolar/familiar e consequentemente promover o desenvolvimento cognitivo, intelectual e afetivo da criança.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, pois estas práticas expandem o vocabulário, desenvolvem a capacidade de entender a fala e incentivam a criança a participar do mundo da imaginação, comunicação e aceitação neste momento agradável de rendição e empatia, onde

a criança adquire a capacidade de imaginar a história do mundo real, que pode leva-las a desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico.

A contação de história auxilia na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhora seus relacionamentos afetivos interpessoais e abre espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador para a criança.

É importante ressaltar que a chave mestra na arte de contar histórias está nas mãos do mediador e em sua criatividade, pois ao contar histórias o professor/contador proporciona o resgate da memória tanto cultural, como afetiva da criança, mas, para que isso aconteça o professor/contador precisa utilizar de bons recursos e conhecer as técnicas de narração.

Espera-se que o surgimento do interesse nos professores em contar cada vez mais histórias em sala seja incentivada pela instituição de ensino, para que essa prática de leitura na Educação Infantil torna-se um hábito frequente no cotidiano da criança.

No processo do trabalho estudamos as possíveis influência da contação de histórias e no processo do aprendizado das crianças na educação infantil; logo após apresentamos alguns métodos que podem ser utilizadas para ajudar ao docente a contar uma história despertando assim o prazer e o interesse pela contação. E por fim realizamos um fechamento dos resultados e

discussões que desenvolvemos ao longo das trajetórias das nossas pesquisas.

Ao finalizar este trabalho ficou constatado e validado que o recurso de contar uma história influencia na ação infantil, onde por meio dela a criança atingirá conhecimento de valores e regras compostas nas narrativas e que auxiliam a encarar conflitos existenciais e a enfrentar os medos, revelando assim, como solucionar problemas e a entender coisas relacionadas ao cotidiano de maneira lúdica.

Acreditamos que o objetivo foi alcançado, pois, a contação de história contribui efetivamente na aquisição de habilidades necessárias para o desenvolvimento integral da criança no processo de alfabetização, porém ainda existem muitas outras possibilidades a serem estudadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Por uma arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: fazendo artes ,1984.

ABRAMOVICH, F. Pensamentos e Ação no Magistério, Literatura Infantil Gostosuras e bobices, 2002.

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Ed., 1994.

BNCC na Educação Infantil: Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento. **Pedagogia ao Pé da Letra.** 2019.

CAVALCANTI, E. Como contar histórias. Osasco, SP, 2008.

COELHO, B. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, B. Contar histórias: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai/jun, 1995.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOTLIB, N. B. Teoria do conto. São Paulo: Ática, 1990.

RITER, C. A formação do leitor literário em casa e na escola. São Paulo: Biruta, 2009.

OLIVEIRA, C. M. de. Livros e infância. 2006.

SILVA, M. A. S. S. e. **Construindo a leitura e a escrita**: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, E. T. da. Leitura e a realidade brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1986

ROSA, C. B. da. **Educação Infantil e contação de histórias**: memórias e práticas. 2007. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos). São Leopoldo, 2007.

CAPÍTULO 4

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA

Maria Cristiana da Silva Teixeira

Adriana Mônica Oliveira

Valdete Batista do Nascimento

CAPÍTULO 4

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA

Maria Cristiana da Silva Teixeira⁹ / Adriana Mônica Oliveira¹⁰ / Valdete Batista do Nascimento¹¹

INTRODUÇÃO

Diante dos desafios da educação no Brasil as escolas tem desenvolvido diversos projetos para oferecer um ensino de qualidade, formando cidadãos para uma vivência social, procurando interagir com as famílias com a proposta de um apoio pedagógico trazendo essa parceria no âmbito escolar.

⁹ Graduanda em Pedagogia. E-mail: cristiana27teixeira@gmail.com.

¹⁰ Graduada em Pedagogia. Especializanda em Pedagogia Hospitalar; Pedagogia da Infância; ABA – Análise do Comportamento Aplicada; Educação Infantil e Pedagogia Social; Coordenação e Supervisão Pedagógica. Especialista em Formação Docente para o Ensino Superior; Psicopedagogia Clínica e Institucional; Organização e Gestão escolar nas Modalidades de Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos – EJA; Educação Inclusiva; Ludopedagogia e Psicomotricidade; Neuropsicopedagogia. Mestre em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade. Prefeitura Municipal de Pureza/RN. E-mail. amwag 2301@outlook.com.

 $^{^{\}rm 11}$ Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHO-PT.

Apesar da escola ser uma instituição que oferece ensino das crianças aos adultos não deve ser o ponto principal de educação, a família precisa desempenhar o seu papel como educadora na aprendizagem dos filhos.

O objetivo desse trabalho é conscientizar as famílias para que sejam mais participativas na vida escolar dos seus filhos, com certeza isso favorecerá o ensino e aprendizagem das escolas nas instituições de ensino. Percebe-se que as políticas públicas e as escolas podem desenvolver programas para trazer as famílias para a escola, criar projetos que envolva e incentive essa participação.

Escolhemos esse tema para pesquisa, para que os leitores possam refletir sobre a importância e o sucesso escolar, quando a família se torna presente no processo de ensino e aprendizagem do aluno, barreiras e desafios sempre irão existir, mas, a escola em parceria com a família poderá vislumbrar novos horizontes. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e bibliográfica onde podemos observar as contribuições dos autores: Fonseca (2002), Piaget (2007), Parolin (2003), Marcone e Lakatos (2010), dentre outros.

Esta pesquisa está estruturada em revisão bibliográfica com os tópicos: a importância da interação família e escola para o desenvolvimento do aluno, rendimento do aluno quando a família está envolvida com a escola, família acolhedora.

Metodologia apresentando os métodos utilizados na pesquisa, resultados e discussões mostrando os resultados obtidos com este estudo, considerações finais mostrando as contribuições que essa pesquisa trouxe e as discussões que ajudaram a refletir sobre o tema, referências dos autores que contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada.

REVISÃO DE LITERATURA

Ao presenciar a diferença em sala de aula dos meus filhos, sempre procurei participar da vida escolar ajudando no desenvolvimento educacional, foi nítido a diferença em sala de aula, enquanto alguns coleguinhas que a família não ajudava tinham mais dificuldades na aprendizagem.

As instituições de ensino têm contribuído para desempenhar um ensino de qualidade, no entanto esse êxito só pode ser alcançado com a união família e escola ambos buscando o comprometimento para melhorar a educação e diminuir o fracasso escolar.

A família é a base principal da criança e quando essa base é quebrada afeta o desempenho escolar. A escola por sua vez tenta ajudar ao docente com novos métodos para facilitar a aprendizagem e descobrir com o que está causando possível déficit escolar.

A família tem a função de formar a personalidade da criança pois são os responsáveis legais, a escola entra como um ponto de apoio onde é trabalhado o cognitivo, o emocional, o ser cidadão, o físico nas aulas de educação física.

A importância da interação família e escola para o desenvolvimento do aluno

A escola tem um grande desafio lidar com a família que não colabora no processo pedagógico, a parceria família e escola precisam ter um único objetivo ajudar o aluno em sua aprendizagem.

A Constituição Federal Brasileira/1988 no Art. 205, discorre que a educação é um dever, um compromisso da família e do estado, quando temos famílias compromissadas com a escola a transformação é grande, a interação produz melhorias no ensino aprendizagem.

Nos últimos tempos a rotina da família tem mudado, antes as mães ficavam em casa para educar os filhos, porém, diante do desafio econômico a mãe teve a necessidade de trabalhar, deixando nas mãos da escola a educação dos filhos.

Isso vem trazendo importantes impactos na vida dessas crianças, quando os pais não colaboram com as tarefas escolares que as crianças levam para casa, com isso temos visto o fracasso na aprendizagem, e alunos que vão sendo aprovados(as) sem saberem o suficiente, ou seja, podem termina o ensino

fundamental sem dominarem conhecimentos como a interpretação de texto.

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa possam ser complementares mutuamente (Spodek; Saracho, 1998, p. 167).

Apesar da escolar ser um ambiente diferente da casa dos alunos é essencial e de grande importância o convívio mútuo, essa parceria família e escola, o apoio moral dos pais fazem toda a diferença no convívio dos alunos com os professores e escola.

O(a) professor(a) precisa se desdobrar para ajudar as crianças que estão atrasadas, sabemos que algumas crianças possuem um cognitivo que assimilam com facilidade os conteúdos disciplinares, porém existem aquelas que precisam de uma atenção especial e é aí que entra a família como uma intermediadora entre o aluno e o professor.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo, entanto a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola e necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança; no entanto,

ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (Parolin,2003, p. 99).

Toda família sonha com um futuro brilhante para o seu filho, mais para que isso aconteça a família precisa estar presente na vida do aluno, a escola entra com a parte de formar o cidadão e a família por sua fez com a parte da educação pois a primeira base deve vir de casa.

Nesses contextos, dizemos que a escola tem o controle do desenvolvimento educacional do discente, a frequência, reuniões de pais e mestres, a partir desse pressuposto, com esses dados cabe a escola entrar em contato com os pais e conversar sobre a vida escolar dos filhos, criando uma interação incentivando e mostrando a importância desse vínculo família e escola.

Isso ajuda a criança emocionalmente, sabemos que a personalidade é formada ainda quando criança, a família quando se mostra interessada na vida escolar do aluno está somando junto a escola, irá possivelmente diminuir a evasão escolar e as duas instituições trabalhando para melhorar aquele aluno problemático ambos para o melhor desempenho escolar.

Segundo Melo referenciando-se em Costa (2000).

Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal.

Justificam alegando que trabalham cada vez mais, não dispondo de tempo para cuidar dos filhos. Além disso, acreditam que educar em sentido amplo é função da escola (Costa, 2000 apud Melo, 2000, p. 9).

A parte desse pensamento a escola precisa mudar a realidade e a visão que a família tem da escola, é necessário haver uma interação fazer com que a família tenha interesse pela vida escolar do aluno, provendo ações pedagógicas e projetos que tragam a família para escola.

Famílias presentes e ausentes na vida escolar

É fundamental a participação dos pais na vida escolar dos filhos, pois melhora o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo isso irá refletir na aprendizagem da criança.

O acompanhamento vai desde o conteúdo da sala de aula até a atividade enviada para casa, é na tarefa que os pais identificam se os filhos estão ou não acompanhando e entendendo os conteúdos, e se estão sendo participativos, cabe a família ir em busca de esclarecimento sobre a aprendizagem do seu filho.

Existem alunos que vão para a escola mais não assistem aula, as vezes estão em sala, mas, são dispersos, outros assistem as aulas mais não acompanham os conteúdos, outros assistem as aulas escrevem os conteúdos mais não respondem as atividades,

e quando os pais acompanham eles conseguem detectar o problema.

Seus filhos não precisam de gigantes, precisam de seres humanos. Não precisam de executivos, médicos, empresários, administradores de empresa, mas de você, do jeito que você é. Adquira o hábito de abrir o seu coração para os seus filhos e deixá-los registrar uma imagem excelente de sua personalidade (Cury, 2003, p. 26).

Tem pais que na hora de educar, preferem a postura mais liberal, achando que ser maleável de mais é ser o melhor pai, por outro lado existem pais que são rígidos de mais acham que é na força que se resolve tudo, a maior educação que o pai pode dar a seu filho é o exemplo, os filhos ver nos pais como porto seguro e o respeito isso reflete na escola, quando a criança se comporta na escola quando os pais pedem.

Quando temos uma família presente ela busca o professor para saber como está o seu filho e o que está acontecendo quando seu filho não chega com conteúdo e ambos irão buscar soluções, alternativas para ajudar esse aluno a se interessar pela aula.

Através da prática do diálogo, é possível se entender e se pode chegar a um acordo sobre como as coisas devem ser, do que vai ser ético nesse momento, e nessa situação. O ponto mais importante aqui é as pessoas estarem dispostas a conversar, aberta, sem querer impor posições já tomadas. Isso não quer dizer

que você não possa dizer o que pensa. Não só pode, como deve, pois é seu ponto de vista, e ele vai enriquecer, junto com os outros, a discussão (Paggi; Guareschi, 2004, p. 164).

Quando os pais não tem tempo para ajudar seu filho alguns problemas não serão detectados e isso irá afetar na aprendizagem do aluno, uma solução é a família procurar ajuda com aulas de reforço ou alguém da família que poderiam estar ajudando esse aluno.

E quando não há interesse da família fica difícil para escola pois é essencial essa interação entre família + escola + aluno, quando o professor tem alunos que não fazem as tarefas fica difícil pois o rendimento escolar cai e pode se dizer que esse aluno irá ter dificuldades nos anos seguintes com isso aumenta o analfabetismo e a evasão escolar. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais o interesse pelas coisas da escola, chegase a uma divisão e responsabilidades (Piaget, 2007, p. 50).

A família e a escola precisam mostrar para o aluno a importância de estudar, pois há necessidade de abrir os olhos e a mente cultivando um propósito: Preparar os alunos para a vida competitiva que um dia eles irão enfrentar.

Assim a criança criará responsabilidade, para fazerem as tarefas de casa, pegar gosto pelos estudos e entregar os trabalhos no prazo determinado.

A família precisa criar o hábito de visitar a escola, e ver após cada aula se tem tarefas para auxiliar o filho e encorajar que ele é capaz e inteligente para fazer as tarefas. As famílias confundem escolarização com educação. É preciso lembrar que a escolarização é apenas uma parte da educação. Educar é tarefa da família.

A escola tem o papel de alfabetizar o aluno, de prepara-lo como cidadão para cumprir o seu dever perante a sociedade, educar vai além de uma sala de aula e essa é uma tarefa que compete aos pais.

Historicamente, até o século XIX, havia uma separação das tarefas da família e da escola: a escola cuidada do que se chamava "instrução", transmissão seja, a conhecimentos/conteúdo da educação formal e a família se dedicava à educação informal: o que podia-se definir como o ensinamento de valores, atitudes e hábitos. No mundo moderna, a educação passa também a ser objeto de atenção das famílias, que, apesar de ser preocuparem com a qualidade do ensino, transferem à escola competências deveriam ser suas tão somente. Não veem a escola como etapa da educação, mas criam nela toda a expectativa de que será responsável, a vida toda, pela educação de seus filhos. E, em muitas vezes, esquecem de fazer sua parte (Freitas, 2011, p. 20).

Se a família procurar a escola o professor poderá conversar sobre quais as dificuldades de aprendizado e comportamento do aluno e como estão as notas, e na conversa é importante identificar como é o contexto familiar desse aluno isso é fundamental para que o professor possa ajudar esse aluno e ter empatia por ele. Quando a instituição entender que o seu dever perante o aluno, família e escola trabalhando juntas o processo de aprendizagem irá fluir melhor.

A escola e a família podem trabalhar com vários métodos de aprendizagem, sabemos que existem crianças que aprendem ao ouvir, outras aprendem lendo, outras aprendem melhor com jogos, vídeos e aí entra a tecnologia que pode auxiliar tanto o aluno quanto a família.

Hoje os pais possuem uma ferramenta auxiliar a internet, é o mundo dentro de casa, os alunos podem fazer pesquisas rever as aulas que não conseguiram aprender na escola e os pais terá mais facilidade para ajudar os filhos. A escola também tem a internet como uma ferramenta em mãos e através de jogo interativos podem estar juntos com a família auxiliando esse aluno.

Escola acolhedora

Para a escola pública é desafiador fazer com que a criança sinta vontade de estar na sala de aula, uma vez que em casa elas tem o uso da tecnologia onde ficam assistindo ou navegando na internet.

A aula precisa ser interativa, e os conteúdos necessitam sair da lousa para isso a escola junto com o professor devem fazer aulas de campo e colocar o que foi aprendido em prática.

O ambiente escolar também conta muito para que a escola seja acolhedora, ela precisa trazer segurança, uma boa dinâmica escolar jogos e brincadeiras, aulas de campo, ter quadra esportiva, comunicação com a família e uma boa relação professor/aluno.

É importante que a escola tenha interesse pelo aluno para melhorar a sua aprendizagem, proporcionar experiência fora da sala de aula, trazer para a vida do aluno uma conexão com questões culturais, ecológicas, econômicas e políticas. A aprendizagem experiencial trará para a vida do aluno momentos que nunca mais eles esqueceram.

O ambiente também precisa ser saudável preparar uma boa acomodação para o aluno, onde desde os funcionários até a gestão aja respeito e comprometimento com o aluno devem dar apoio independente da classe e cor, e capacidade intelectual.

Na sala de aula o professor deve estar atento incentivando o respeito e empatia, para que não haja bullying, incentivar os alunos com projetos na comunidade, para que eles se tornem cidadãos comprometidos com a sociedade.

Acredita – se que ambientes variados podem favorecer diferentes tipos de interação e que o professor tem o papel importante como organizador dos espaços onde ocorre o processo educacional. Tal trabalho baseia – se

na escuta, no diálogo e na observação das necessidades e dos interesses expressos pelas crianças, transformando – se em objetivos pedagógicos (Brasil 2006, p.08).

Segundo Elias (1994), o respeito é um direito que deve ser garantido ao aluno, deve ser protegido tendo sua integridade física, psíquica e moral. A escola precisa acolher dando confiança e liberdade para que a criança se abra em caso de maus tratos e observar se tem lesões, com privacidade tentar resolver esse tipo de problema.

A escola é acolhedora quando também ela é uma escola inclusiva que se preocupa com os alunos especiais favorecendo um ambiente familiar, onde os pais tenham total confiança em deixar seus filhos especiais.

As políticas públicas precisam olhar para escola com mais visão proporcionando meios para que a escola tenha possibilidade de oferecer um ensino de qualidade.

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de população distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (Declaração de Salamanca, 1994, p. 17-18).

A escola deve organizar um planejamento escolar com base na experiência e vivências dos alunos com deficiência, promovendo o sentimento de fazerem parte do processo educativo.

Respeitando as limitações dos alunos com deficiência a escola precisa promover metodologias que facilite a sua aprendizagem e junto com a família realizarem tarefas que envolva o aluno tanto na escola como na família.

Os professores precisam fazer um planejamento acolhendo e possibilitando de aprendizagem dos alunos inclusos. Pois existem professores que não ajuda a criança especial, não se preocupa em pegar o conteúdo da sala de aula e de uma forma simples passar o conhecimento.

O currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se explicita na parte do projeto de socialização cultural nas escolas. É uma prática, expressão, da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos de ensino. O currículo é uma prática na qual se estabelece o diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam (Sacristán, 2000, p. 15).

Em algumas escolas pude observar professores que fazia o seu plano de aula mais não incluía em seu plano o aluno com necessidades especiais, em achar que o aluno não tinha capacidade de acompanhar o conteúdo, nós professores independente da capacidade desse aluno temos o dever de promover a educação e não podemos impedir que esse aluno tenha a aprendizagem.

A família precisa cobrar se envolver mais na vida do aluno com necessidades especiais e ver de perto como os conteúdos estão sendo passado para os seus filhos, como uma escolha pode ser acolhedora se ela escolher qual aluno terá o direito de participar e aprender os conteúdos disciplinares.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desse trabalho teve o embasamento de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. É a pesquisa científica onde usamos: livros, teses, artigos científicos, dissertações, revistas, anuários, fontes de autores que enriquece um trabalho acadêmico. São consideradas fontes: primárias, secundárias e terciárias.

A pesquisa bibliográfica segundo Fonseca (2002),

[...] a parti do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites. Qualquer trabalho cientifico inicia-se com pesquisa bibliográfica, que permite pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas cientificas que se baseiam unicamente na bibliográfica, pesquisa procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimento prévios sobre o problema a respeito de qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica é fundamental pois refletimos sobre obras já publicadas que enriquece o nosso conhecimento e trabalho de pesquisa, é um conjunto de informações.

Segundo Marconi e Lakatos (2010) uma pesquisa qualitativa se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo o comportamento humano e ainda fornecendo analises mais detalhados sobre as investigações, atitudes e tendencias de comportamento, assim a pesquisa qualitativa é nos processos e nos significados. Para Pope e Mays (2005),

A pesquisa qualitativa(...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamento, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em

função disso, é comumente referida como pesquisa *interpretativa* (Pope; Mays, 2005, p. 13).

Essa pesquisa traz uma visão como é o local de pesquisa e o comportamento social, tentando solucionar problemas em sua abordagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa tem como objetivo analisar o comportamento da escola e dos pais em relação ao acompanhamento escolar dos alunos, e qual a influência que essa parceria terá no seu desempenho.

Os meios utilizados para essa pesquisa são contribuições de autores, experiências próprias como família parceira, e os dados estáticos da turma em que faço estágios.

Com essa pesquisa pretendo alcançar famílias que possam mudar sua maneira de pensar e tome pra si a responsabilidade de acompanhar seus filhos no âmbito escolar e fortaleça essa união família + escola.

Da mesma forma que existem famílias omissas em relação com a educação dos filhos também existem professores ausentes, que ao invés de fazer o seu trabalho como educador fica no celular em quanto as crianças brincam, são professores que deveriam dar a base educacional mais estão preocupados em receber o seu salário todo mês.

O fracasso escolar pode estar nos dois lados tanto por motivo da família como por causa do professor, cabe a gestão acompanhar de perto e ter um diagnóstico

como estão os alunos e tentar da melhor forma tentar ajudar esse aluno prejudicado. Esta pesquisa tem como resultado unir a parceria família + escola fortalecendo esse vínculo e apoiando aluno em sua aprendizagem.

Em uma sala de aula de uma escola municipal com 20 alunos, 40% dos pais reenviam as tarefas prontas, 40% entregam as tarefas de casa atrasadas e 20% não fazem. Ainda é um número alto de famílias ausentes, mas creio que ao passar dos tempos veremos uma família colaborativa. Existem também professores compromissados que dão parte da sua vida pela educação que se dedica são profissionais de encherem os olhos, onde não deixam nada a desejar, levam a sério a educação e motivam a criança a estudar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos a temática: a importância da família para o desenvolvimento escolar da criança é muito importante, uma vez que nossas escolas precisam de uma interação maior com as famílias, para um comprometimento maior pela educação.

A forma como a família lida com as crianças em casa na hora das tarefas irá refletir no seu desenvolvimento e aprendizagem, quando não há o interesse da família esse aluno também não dará importância para os estudos.

O percentual de famílias comprometidas precisa aumentar para que a nossa educação possa alcançar um nível de crianças alfabetizadas em seus níveis de escolaridades.

As famílias precisam ter foco nos filhos para que eles tenham uma aprendizagem melhor, fazendo contribuindo em suas tarefas de casa, serem mais participativas nas reuniões de pais e mestres, ter uma boa comunicação com os professores.

Esperamos que essa pesquisa possa trazer reflexão para os leitores e possamos como família mudar nossa forma de pensar quando se fala em acompanhamento escolar. As escolas por sua vez precisam interagir com as famílias proporcionando ações que fortaleça a interação família e escola, para que a parceria possa ajudar os alunos em sua aprendizagem.

É em casa com a vivência que a família marcar a presença na vida da criança, é na família onde ela irá consolidar normas, valores, sentimentos, responsabilidades, proteção, conduta moral.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: senado federal, 2011.

BRASIL. Parâmetros básicos de infra - estrutura para instituições de educação infantil. Ministério da Educação. Secretaria de educação básica. Brasília: MEC SEB, 2006.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 3 ed. Rio de janeiro: Editora sextante, 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca - Espanha, 1994.

ELIAS, J. R. Comentário ao estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva, 1994.

FONSECA, j. j. S. **Metodologia da pesquisa cientifica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, I. A. **Família e Escola**: A Parceria Necessária na Educação Infantil. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, A. A. P. influência da família no processo de aprendizagem escolar infantil. Pinhais, PR: Melo, 2007.

PAGGI, K. P.; GUARESCHI, P. A. O desafio dos limites. Um enfoque psicossocial na educação dos filhos. Petrópolis, RJ: vozes, 2004.

PAROLIN, I. As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares. Fortaleza: Educar Soluções, 2003.

PIAGET, J. para onde vai a educação?. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2007.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2. ed. Porto alegre: Artmed, 2005.

SACRISTÁN, J. G. O currículo uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SPODEK, B. SARACHO, O. N. Ensinando crianças de 3 a 8 anos. Porto Alegre: Art Med, 1998.

CAPÍTULO 5

O LÚDICO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adrielly Barbosa Bezerra da Silva Cordeiro

Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 5

O LÚDICO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adrielly Barbosa Bezerra da Silva Cordeiro 12 / Genilda de Brito ${\bf Lopes^{13}}$

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema: O lúdico como recurso de aprendizagem na Educação Infantil, um caminho eficaz para a aprendizagem na Educação Infantil. Nesse sentido apresentamos resultados de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, cujo objetivo foi discutir a importância do brincar no processo de desenvolvimento da criança como foco na aprendizagem, visando à construção do conhecimento por meio de jogos e brincadeiras na educação infantil.

A partir deste estudo sugere-se que sejam utilizadas atividades lúdicas como forma de promover a motivação do

¹² Graduanda em Pedagogia. E-mail: adrielyb22@gmail.com.br.

¹³ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional -Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail genildadebrito92@gmail.com.

aluno; além de sua adaptação e socialização no ambiente escolar, pois é através do lúdico, que a criança se sente motivada no ambiente no qual está inserido, aprendendo a conviver no cotidiano com as pessoas que compõe o seu meio social. Trabalhar de forma lúdica na educação infantil é um modo de estimular o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem das crianças.

Desenvolver o lúdico no contexto escolar exige que o educador tenha uma base estruturada. Aprender de forma lúdica pode trazer importantes benefícios para as crianças. A partir das ideias destacadas, para este estudo, temos os seguintes objetivos, qual seja: apresentar as contribuições que o ato de brincar pode trazer para a infância; analisar a importância da utilização do lúdico no contexto educacional na educação infantil e, investigar como determinados jogos desenvolvidos no ambiente escolar auxiliam no processo de aprendizagem da criança.

Pensar em ludicidade como ciência, é antes de tudo, adotar estratégias de intervenção pedagógica que possibilite não apenas oferecer e oportunizar momentos lúdicos, mas extrair deste tempo as dificuldades, facilidades, problemas, desenvolvimento, interação, dentre outros efeitos que a criança demonstra a partir do lúdico. A criança constrói conhecimento ao viver a fantasia, quando cria através da imaginação, associa muitas questões da própria realidade

Ao brincar, as crianças criam trabalhos originais através de diversas linguagens. Os jogos e as brincadeiras fazem parte da vida das crianças de diferentes culturas, uma revisão na literatura pertinente ao tema revela que tanto os jogos como as brincadeiras são importantíssimos para o desenvolvimento das crianças. Cada atividade lúdica onde a brincadeira, o brinquedo, a dança, o jogo, a arte, a música e os instrumentos aparecem favorece o desenvolvimento cognitivo humano. Refletiremos como o desenvolvimento da criança a sua aprendizagem ocorre quando ela participa ativamente: seja discutindo as regras do jogo, ou propondo soluções para resolvê-los.

A referida pesquisa elegeu como principais teóricos: Kishimoto (2006), Antunes (2003), Cardozzo (2007), entre outros. Foi feito um levantamento frente às possibilidades que a brincadeira desencadeia na construção e reconstrução dos conhecimentos, desse modo apresentar as contribuições no processo de ensino e aprendizagem para se obter uma educação de qualidade, capaz de ir ao encontro dos interesses essenciais à criança, pois as atividades lúdicas como jogos e brincadeiras, não são somatórias, mas sim fazem parte do processo de aprenderam do alunado.

Sendo assim, este estudo tem como pergunta saber quais as contribuições do lúdico para o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil? Para isso foi formulado o objetivo geral que consiste em analisar a importância do brincar

na educação infantil e apresentar algumas práticas que podem ser desenvolvidas nesse contexto.

REVISÃO DE LITERATURA

Ludicidade é um termo que tem origem na palavra latina "ludus", que significa jogo ou brincar. Na educação, usamos o conceito do lúdico para nos referir a jogos, brincadeiras e qualquer exercício que trabalhe a imaginação e a fantasia. Kishimoto nos afirma que:

O brincar deve ser visto como um fato marcante na vida da criança, assim, a ludicidade passa também a ter característica marcante na vida da criança. As escolas precisam primar pela valorização da criança, buscando, através da brincadeira dentro dos conteúdos curriculares, a dinamização do processo construtivo do conhecimento (2006, p. 36).

Com essa ótica, a ludicidade na educação infantil é um instrumento potente para o processo de ensino-aprendizagem em qualquer nível de formação, mas está presente com mais frequência na Educação Infantil. Isso porque, na infância, a forma como a criança interpreta, conhece e opera sobre o mundo é, naturalmente, lúdica. Todavia, a infância como a conhecemos hoje é fruto de uma época recente, relataremos por meio de um breve histórico como se deu a educação infantil ao longo da

história bem como a sua função, com destaque para a realidade do Brasil.

O histórico da educação infantil vem desde a idade média quando a criança era vista como um adulto em miniatura. "A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais" (Ariès, 1981, p. 14).

A origem da educação infantil no Brasil está diretamente ligada a um acontecimento importante, que é a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Isso aconteceu por volta da década de 1940, que, sem ter com quem deixar as crianças, as mulheres recorriam às "criadeiras", que eram mulheres que cuidavam de muitas crianças ao mesmo tempo e, na maioria das vezes, em condições precárias de higiene. Dessa forma, as creches surgiram como uma medida de sanitização, como um "mal necessário" para substituir as criadeiras, que eram vistas como as principais causas da mortalidade infantil.

Esse começo foi um dos motivos pelos quais a creche ficou tanto tempo associada à ideia de assistencialismo. Nas décadas de 1970 e 1980 essa realidade começou a mudar com o surgimento de estudos e novas concepções sobre a infância. O primeiro grande marco na história da educação infantil veio com a Constituição Federal de 1988, que reconheceu pela primeira vez a creche e a pré-escola como parte do sistema educacional no país. Em 1996 outro marco importante veio com a Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional - LDB, Lei 9.694/96, que constituiu a educação infantil como dever dos municípios.

Hoje a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças, pois é onde elas começam a existir fora do convívio familiar, o que envolve lidar com diferenças, o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, seu principal objetivo é promover nos pequenos estudantes o desenvolvimento dos aspectos físico, motor, cognitivo, social e emocional, além de fomentar a exploração, as descobertas e a experimentação.

É nesta fase, que as crianças começam a interagir com pessoas de fora do seu círculo familiar e comunitário, principalmente através da realização de jogos e atividades que envolvem a ludicidade. No Brasil a educação infantil é um direito da criança, sendo o estado obrigado a disponibilizar espaços e profissionais adequados para atendê-la corretamente.

Breve histórico e retrospectiva histórica da educação lúdica

Buscando relacionar-se com os outros membros da sociedade, o homem encontra na brincadeira uma forma de expressar-se, estreitando assim, laços de amizade e união entre si. Dessa maneira, as brincadeiras vêm difundir-se com maior intensidade na Idade Média, onde o brincar era comum a toda sociedade sem discriminação de idade ou classe social, onde todos participavam igualmente, sendo comumente realizadas nas festas tradicionais próprias da época.

Os jogos e as brincadeiras eram realizados tanto pelos meninos como pelas meninas, sendo os brinquedos comuns para ambos os sexos, no geral confeccionados no próprio ambiente familiar de forma artesanal.

A maioria dos brinquedos tem origem também na Idade Média, primeiramente utilizada pelos adultos e posteriormente pelas crianças na perspectiva de imitar os adultos, como é o caso do cavalo-de-pau, que surgiu por ser o cavalo o principal meio de transporte da época, a boneca, que é um dos brinquedos mais antigos e difundidos em todas as culturas, além de muito apreciado pelas crianças, os bibelôs, também considerados brinquedos, e as miniaturas como os moveizinhos, faziam parte não só do mundo infantil, como serviam para enfeitar as salas das casas e serem expostos em vitrines, já os bonecos e fantoches, serviam para divertir as pessoas, por meio da representação de personagens populares.

Posteriormente, essas atividades lúdicas, realizadas com participação dos adultos juntamente com as crianças, perderam seu caráter religioso e comunitário, adquirindo características individuais restritas às crianças. Passou-se então a permitir o uso de alguns jogos nas escolas, com a preocupação moral e como

forma das pessoas obterem a higiene do corpo e também como treino de rapazes para a guerra. Havendo, dessa forma, uma relação positiva referente ao jogo como fonte de instrução e saúde, assim como sua classificação de acordo com a idade. Com a crescente industrialização, intensificou-se o processo de urbanização, ocasionando mudanças no cotidiano das cidades.

O brinquedo passa a ser mercadoria de consumo, em detrimento dos artesanais que antes eram fabricados pelas próprias crianças, havendo assim, uma relação direta com o brinquedo, os novos brinquedos utilizados pelas crianças são totalmente desvinculados do real significado do ato de brincar, são considerados perfeitos, transportando à criança a função de mero espectador passivo, são objetos caros, desprovidos de imaginação.

O processo de industrialização destruiu não apenas o lado criativo do brincar infantil, como ocasionou o esquecimento das brincadeiras realizadas nas ruas visto que, com o preenchimento do espaço urbano pelo tráfego de veículos e pessoas, não é permitido que se brincasse como antes, No Brasil, a modernização surge em meio ao atraso cultural e tecnológico, tendo sua origem no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Neste período a vida das crianças, transcorria numa relação direta como meio ambiente, brincava-se livremente nas ruas de amarelinha, lenço-atrás, pula-corda, pipas, bolas feitas de meia, brincadeiras estas que favoreciam a integração,

influenciando diretamente no aprendizado e desenvolvimento infantil.

Sobre este aspecto refere-se Friedmann nos diz que:

Cada geração de crianças transformas brincadeiras antigas, ao mesmo tempo em que criam as suas próprias, específicas. Assim usando o antigo e o novo, cada geração tem suas próprias características e padrões de sensibilidade. Na sociedade infantil, a atividade lúdica é a forma através da qual essa sensibilidade e potencial são liberados e modelados, o que outorga à mesma um papel importante nas realizações culturais e sociais (2000 p. 39).

Ao longo da história da humanidade o lúdico vem contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento psicossocial e cultural da criança como recurso na transmissão de conhecimentos, valores, crenças e divertimentos.

Sobre este aspecto Kishimoto a respeito de Huizinga, afirma que:

O lúdico é uma atividade antiga praticadas por sociedades primitivas, considerada como uma atividade cultural, com suas definições menos rigorosa e muito mais ampla, para buscar a essência e o prazer de brincar. Com isto chegou a chamar o homem de "homo Ludens" (homem que brinca), para ele a capacidade de jogar e brincar são tão importantes para a nossa espécie quanto o

raciocínio e a construção de objetos (2003 p. 32).

Nesse sentido, com a evolução dos tempos em Roma e na Grécia antiga surge um novo sentido do lúdico. Um dos maiores pensadores da humanidade, segundo Lima (2008, p. 03) foi Platão (427 – 348), e este afirmava que os primeiros anos da criança deveriam ser ocupados com jogos educativos, praticados em comum pelos dois sexos, que deveriam aprender brincando. Platão dava ao jogo, tão difundido na época, valor educativo e moral, colocando o lúdico em pé de igualdade com a cultura intelectual, destacando a contribuição do mesmo na formação do caráter e da personalidade da criança.

Na idade Média, os jogos eram basicamente destinados aos homens, visto que as mulheres e as crianças não eram consideradas cidadãs e, por conseguinte, estando sempre a margem, não participavam de todas as atividades organizadas pela sociedade. Porém, em algumas ocasiões nas quais eram realizadas festas da comunidade, o jogo funcionava como um grande elemento de união entre pessoas (Aries, 1981). Segundo o autor citado as crianças eram vistas como adultos em miniatura, na maioria das vezes somente os meninos podiam participar dos jogos e brincadeiras com os adultos e os adultos da época lidavam com as crianças como se fossem iguais no raciocínio sem considerar a faixa etária das crianças e as suas fases de desenvolvimento.

Nesta época e por um longo período de tempo, o lúdico foi considerado uma atividade sem importância, destinada exclusivamente a recreação. Os jogos mais conhecidos da época segundo (Kishimoto, 2006), que também são conhecidos atualmente são: bilboquê, chicote queimado, quebra cabeça, cara ou coroa e trunfo.

Com o passar dos anos, os jogos deixaram de ser comuns a todas as idades e classes sociais, como acontecia na idade Média. Os adultos das classes sociais mais abastadas abandonaram o hábito do jogo, que permaneceu somente nas crianças menos favorecidas, o ato de jogar e participar de brincadeiras e festas da comunidade perpetuou-se. A burguesia, no século XIX, principalmente na Inglaterra, resgatou o ato de jogar, que passou a ser chamado de esporte, e, assim, sobreviveu ao longo dos tempos, até as sociedades contemporâneas (Ariès, 1981).

Através da linda do tempo, desde a idade Média, chegamos ao renascimento, período no qual uma nova concepção de infância se destaca como o desenvolvimento da inteligência através da brincadeira, foi no decorrer do Renascimento que o lúdico contribuiu para divulgar princípios da moral e da ética e conteúdo de áreas como história e geografia, com a intenção de que o lúdico era uma pratica livre que beneficiava ao desenvolvimento da inteligência facilitando a aprendizagem escolar.

A partir deste momento, inicia-se um processo de entendimento, por parte da sociedade, com relação a algumas especificidades infantis, Diante da transformação sobreo lúdico torna-se uma forma adequada para a aprendizagem dos conteúdos escolares.

Segundo Kishimoto (2006), diz que a criança poderia aprender melhor com o uso de atividades práticas, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos. O famoso educador do século XVII, Jan Amos Komensky (1592-1670) em seu livro Didática Magna, recomendava a utilização de jogos no processo educativo com ele iniciou-se uma revolução do pensamento pedagógico moderno.

Brincar e suas contribuições na aprendizagem

Quando consideramos o brincar como uma característica da infância, compreenderemos que o lúdico é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social da criança.

As razões para brincar são inúmeras, posto que a brincadeira só faz bem, e só não entendemos porque em muitos lugares isso incomoda tanto algumas pessoas, pais, professores, uma vez que o brincar é um direito da criança, conforme preconiza a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que no seu Capítulo II, Art. 16°, Inciso IV,

fixa que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se.

O brincar favorece a descoberta, a curiosidade, uma vez que auxilia na concentração, na percepção, na observação, e, além disso, as crianças desenvolvem os músculos, absorvem oxigênio, crescem, movimentam-se no espaço, descobrindo o seu próprio corpo. O brincar tem um papel fundamental neste processo, nas etapas de desenvolvimento da criança. Na brincadeira, a criança representa o mundo em que está inserida, transformando-o de acordo com as suas fantasias e vontades e com isso solucionando problemas.

Para Cunha (2000), o brincar é uma característica primordial na vida das crianças, porque é bom, é gostoso e dá felicidade além disso, ser feliz e estar mais predisposto a ser bondoso, a amar o próximo e a partilhar fraternalmente, são outros pontos positivos dessa prática.

Para Piaget (1971), quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objetivo não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui.

Ainda segundo Antunes (2003), as brincadeiras constituem extraordinário instrumento de motivação, uma vez transformam o conhecimento a ser assimilada em um recurso de ludicidade em sadia competitividade.

Sobre este aspecto, Piaget (1971), considera que os jogos e brincadeiras facilitam a construção do conhecimento, tornandose prazeroso e desejável por todos. Assim, a criança se sente segura em relação às outras e a ela mesma, capaz de lançar hipóteses e curiosidades sobre o meio.

O jogo sempre foi uma característica do ser humano e, dessa forma, deve fazer parte também de suas atividades educativas. Assim é que, segundo Kishimoto relata que:

Do ponto de vista histórico, a análise do jogo é feita a partir da imagem da criança presente no cotidiano de uma determinada época. O lugar que a criança ocupa num contexto social específico, e a educação a que está submetida e o conjunto de relações sociais que a mantém com personagens do seu mundo, tudo isso permite compreender melhor o cotidiano infantil - é nesse cotidiano que se forma a imagem da criança e do seu brincar (1998, p. 43).

Com essa visão, a importância e a utilização na educação das crianças dão-se historicamente desde a Grécia Antiga até teóricos da educação e estudiosos da Pedagogia Ativa como Dewey, Montessori, Rosseau, Froebel, Piaget, Frinet e Paulo Freire, dentre outros. Desta forma, é através do jogo que a criança busca o prazer e, o jogo causa de prazer por que da ilusão, satisfaz imediatamente os desejos infantis. Ele permite esforço e conquista, por isso é motivo de prazer.

Os jogos representam recursos didáticos de grande valor na aprendizagem infantil, pois acriança aprende melhor brincando e todos os conteúdos podem ser ensinados através da brincadeira e jogos.

Segundo Piaget (1971, p. 57): "Os jogos não são apenas uma forma de entretenimento para gastar energias das crianças, mais meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual".

Assim, a ideia de aplicar o lúdico na aprendizagem infantil difundiu-se principalmente a partir do advento do Movimento Escola novista. Nesta perspectiva, o brinquedo surge para enriquecer e implementam as atividades lúdicas juntamente com os jogos, desenvolvendo assim, relevante papel no que concerne às atividades cotidianas das crianças.

Almeida (1990, p. 43), faz referência ao brinquedo quando afirma que: "O brinquedo faz parte da vida da criança. Ele simboliza a relação pensamento x ação e, sob este ponto, constitui provavelmente a matriz de toda atividade linguística, ao tornar possível o uso da fala, do pensamento e da imaginação".

De acordo com Cunha, (2000, p. 35), advoga que:

O brinquedo e as brincadeiras são excelentes oportunidades para nutrir a linguagem da criança. O contato com diferentes situações estimula também a linguagem interna e o aumento do vocabulário. O entusiasmo da brincadeira faz com que a linguagem verbal se

torne mais fluente e haja maior interesse pelo conhecimento de palavras novas. A variedade de situações que o brinque possibilita pode favorecer a aquisição de novos conceitos. A participação de um adulto, ou criança mais velha, pode enriquecer o processo; a criança faz experiências descobrindo as leis da natureza, o adulto introduz novos conceitos por ela vivenciados, complementando assim, a sua integração.

Ainda de acordo com Cunha (2000, p. 23), diz que: "O brinquedo e as brincadeiras são excelentes oportunidades para nutrir a linguagem da criança. O contato com diferentes situações estimula também a linguagem interna e o aumento do vocabulário".

As Atividades lúdicas escolhidas pelos professores, além de oportunizarem a diversão e aprendizado como própria função pedagógica, devem considerar, também, o relacionamento entre as pessoas.

Ao contrário do que muitos pensam, o brinquedo não é uma simples recreação ou passatempo, mas a forma mais completa que a criança tem de se comunicar consigo mesma e com todo mundo. Em suma, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras, proporcionam o aprender-fazendo, o pleno desenvolvimento da linguagem, o senso de companheirismo e a criatividade.

O lúdico no ambiente escolar

Ao destacar o tema lúdico na escola, percebemos que o lúdico é um elemento educativo que nem sempre é uma ideia aceita sem restrições na educação brasileira, mas o fato é que, desde o início das ideias até os dias de hoje, o trabalho com jogos nas salas de aula vem ganhando força a cada dia. Os educadores por várias razões recorrem aos jogos como uma ferramenta importante no processo de ensino aprendizagem.

Com relação a este tema, reintegramos que o jogo que envolve o ser humano em suas cognições, afetividade, corpo e intenções sociais permite a ação intencional (afetiva). Pode-se afirmar que o jogo contempla várias formas de representações das crianças, contribuindo para a sua aprendizagem e desenvolvimento (Kishimoto, 2006).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) é importante mencionar da postura do professor neste contexto: o sucesso da aula dependerá das ações do professor quanto a utilização do jogo. O professor deverá ter calma, incentivar a boa comunicação e entrosamento com seus alunos que de forma alguma devemos esquecer como educadores principalmente quando se escolhe a metodologia de trabalho com o lúdico a questão da paciência.

Segundo Cardozzo (2007, p. 08) as brincadeiras de classe se caracterizam em desenvolver o ensino-aprendizagem, é evidente

a relação que permeia os temas brincadeira e aprendizagem isto faz enfatizar que a introdução do brincar no currículo escolar estimula o desenvolvimento físico, cognitivo, criativo, isto ocorre com sucesso, pois, as atividades e experiências alternativas, como o brincar, promovem a aprendizagem na criança.

O professor que atua na Educação Infantil deve considerar o jogo ou a brincadeira com o importante, pois através dele faz com que desenvolva na criança a criatividade e o raciocínio, levando asa formularem os seus conceitos e hipóteses.

Entre as brincadeiras de creche as que mais se destacam são as que têm mais sons, cores, encaixes, as de esconde-esconde, túnel, bola, trenzinho ou cobrinha, pula corda, pira – esconde, macaca, estica encolhe, relaxamento, mímica, dança das cadeiras e pinturas o que elas desenvolvem é a imaginação, criatividade, lateralidade, percepção e coordenação motora das crianças.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia aplicada neste trabalho foi baseada na pesquisa bibliografia qualitativa e virtual a fim de colher informações de autores que já abordaram o tema em uma natureza metodológica onde permitiu-nos uma abordagem qualitativa destes elementos conceituais, além do favorecimento de uma melhor reflexão sobre tais fenômenos lúdicos, como eles se apresentam a importância do lúdico na educação infantil, bem

como: o lúdico e a aprendizagem; o lúdico e o ambiente escolar, o que os teóricos recomendam para o uso do lúdico em sala de aulas, como: os jogos e brincadeiras na educação infantil; a importância do brincar para a aprendizagem das crianças na educação infantil.

A pesquisa bibliográfica, de acordo como o pensamento de Prodanov e Freitas (2013), coloca o pesquisador em contato direto com toda a produção escrita sobre a temática que está sendo estudada. Para os autores, "Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar" (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Em seus estudos, Lakatos e Marconi (2003, p. 183), esclarecem que a pesquisa bibliográfica tem como finalidade "[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas".

Para Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa é a que "se desenvolve em uma situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto, flexível, e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada" (1986, p. 18).

Assim foi realizado um levantamento teórico objetivando a compreensão do conceito lúdico dos jogos e brincadeiras

procurando diagnosticar como os mesmos podem auxiliar na aprendizagem das crianças da educação infantil.

As considerações finais contemplam as conclusões relativas ao significado e importância do lúdico para a aprendizagem das crianças, tendo em vista o brincar constituirse em uma característica pertinente a infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das pesquisas ficou constatado que o lúdico promove na educação infantil uma prática educacional de conhecimento de mundo, oralidade, regras e socialização. Percebe-se que o lúdico aliado aos jogos e brincadeiras é de fundamental importância para aprendizagem das crianças da educação infantil, pois ensinam brincando e colocam regras às atividades planejadas pelo professor.

Pois o lúdico desperta no aluno o desejo do saber, ou seja, do aprender desenvolvendo sua personalidade, pois cria conceitos e relações lógicas de socialização o que é de suma importância para seu desenvolvimento pessoal e social.

As atividades lúdicas favorecem para o crescimento intelectual e físico da criança, colaborando para sua formação, inserindo-a no ambiente social, contribuindo também para o desenvolvimento da sua autoestima. O professor deve ter ciência dos objetivos que quer alcançar quando está realizando os jogos e

as brincadeiras com as crianças, direcionando toda a atividade e contribuindo para a construção do desenvolvimento em caráter pedagógico.

Assim, este trabalho apresenta-se como relevante, pois, por meio da concretização do mesmo espera-se que possa provocar outras inquietações, novos estudos e (re) construção de conhecimentos sobre a utilização do lúdico na Educação Infantil no processo educativo de forma coerente, dinâmica e flexível, visando à promoção de um ambiente favorável à qualidade da aprendizagem, bem como, à formação plena dos alunos, enquanto sujeitos críticos e ativos no meio social do qual fazem parte. Ao brincar a criança entra no mundo da imaginação e consegue realizar seus desejos e construir uma aprendizagem sem frustrações.

Assim, foi possível visualizar a importância do lúdico aliado aos jogos e brincadeiras, pois os mesmos auxiliam no desenvolvimento e na autonomia da criança. Desta forma o estudo constatou que ensinar ludicamente através dos jogos e brincadeiras torna a aprendizagem da educação infantil significativa e prazerosa, porque ambas proporcionam um aprendizado sem cobranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as informações contidas nesse estudo podese concluir que é importante mencionar que as atividades lúdicas em sala de aula, podem ser consideradas contribuições positivas para professores e crianças da educação infantil.

Concluindo, os benefícios didáticos do lúdico são procedimentos didáticos altamente importantes; mais que um passatempo; é o meio indispensável para promover a aprendizagem disciplinar, o trabalho do aluno e incutir-lhe comportamentos básicos, necessários à formação de sua personalidade.

Nesse sentido, o lúdico deve estar presente no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo na metodologia de ensino, sendo considerado um importante fator neste processo, que vem acarretada de uma educação flexível, que norteiam aspectos e características que serão importantes para o aprendizado e para inserção no meio social.

As brincadeiras, para a criança, constituem atividades essenciais que trazem, segundo a revisão bibliográfica deste estudo, grandes benefícios do ponto de vista físico, intelectual e social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. O Jogo e a Educação Infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. Fascículo 15. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.

ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo, SP: Loyola, 1990.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1981.

BRASIL. Congresso nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF; **Diário Oficial**, 23 dez 1996.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1988.

CARDOZZO, E. C. Educação Infantil na contemporaneidade. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

CUNHA, N. H. **Brinquedoteca**: um Mergulho no Brincar. São Paulo: Ed. Maltese, 2000.

FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

FRIEDMANN, A. O bricar na educação infatil: observação, adequação, conclusão. São Paulo: moderna, 2000.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2003.

KHISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedos, brincadeiras e a educação infantil. São Paulo, 2006.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, LCT, 1998.

LIMA, N. P. **Educação lúdica**: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

MALUF, Â. C. M. **Brincar**, **prazer** e **aprendizado**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PIAGET, G. *In*: BARROS, C. S. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ed. Ática, 1971.

CAPÍTULO 6

OS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alcilene dos Santos Bezerra da Silva Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 6

OS JOGOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alcilene dos Santos Bezerra da Silva¹⁴ / Genilda de Brito Lopes¹⁵

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema central: Os jogos e brincadeiras no processo ensino e aprendizagem na educação infantil, visto que através do lúdico a criança se desenvolve de forma integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo, bem como, adquire autonomia, habilidades e valores, quanto ao objetivo geral, identificar a importância dos jogos e brincadeiras no processo de interação e aprendizagem na educação infantil.

Para que o educador incorpore jogos no dia a dia da sua sala de aula ou idealize atividades lúdicas é preciso, que ele acredite

¹⁴ Graduanda em pedagogia. E-mail alcilenesantos441@gmail.com.

 ¹⁵ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 - Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

que o brincar é primordial na obtenção de conhecimento no desenvolvimento da sociedade, e na identidade ligados à educação infantil sobre a dinâmica dos jogos e brincadeiras, esse tema procura estabelecer uma relação entre o ato de brincar e o desenvolvimento sociocultural das crianças, bem como apontar os fatores que contribuem para seu desenvolvimento, tentando relacioná-las as dinâmicas contidas, nos jogos e nas brincadeiras.

Contudo é através do brinquedo, que a criança vai construindo o seu universo, manipulando-o e trazendo para a sua realidade situações inusitadas do seu mundo imaginário. O brincar possibilita o desenvolvimento, não sendo somente um instrumento didático facilitador para o aprendizado, já que os jogos, brincadeiras e brinquedos influenciam em áreas do desenvolvimento infantil como: motricidade, inteligência, sociabilidade, afetividade e criatividade. Desse modo, o brinquedo contribui para a criança exteriorizar seu potencial criativo.

A motivação por esse tema surgiu através das observações com as crianças em sala de aula na vivência do estágio da educação infantil, o que analisei a importância dos jogos e brincadeiras, assim podendo destacar a sua relevância para o processo de aprendizagem das crianças.

Oliveira (2000), afirma que, o brincar não significa apenas recrear, mas sim desenvolver-se integralmente. Por meio do brincar a criança pode desenvolver áreas importantes da

personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, criatividade além de capacidades como atenção, memória, a imitação e a imaginação.

Podemos afirmar que, os jogos e as brincadeiras representam um eixo relevante no desenvolvimento da criança. Por serem os jogos e as brincadeiras ingredientes vitais para uma infância sadia e para um aprendizado significativo. É por meios dos jogos e das brincadeiras que se estimula o desenvolvimento intelectual da criança, como também se ensina os hábitos necessários ao seu desenvolvimento.

Para a organização deste trabalho, busquei contribuições dos autores estudiosos na área como: Kishimoto (2002), Melo (2005), Friedmann (2012), dentre outros de renome, que possuem destaque por seus estudos sobre a importância dos jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

Em relação à organização textual deste trabalho, está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos a introdução, que contextualiza os elementos do artigo; dando sequência, dividimos o restante em tópicos. No primeiro tópico, foram discutidos a revisão de literatura, os jogos no cotidiano da criança no aprendizado da educação infantil, os jogos brinquedos e brincadeiras, as contribuições das atividades com as brincadeiras no aprendizado da criança. No segundo tópico apresentamos a metodologia para o desenvolvimento do

trabalho. Dando sequência, no terceiro tópico refletimos sobre os resultados e discussão. E por fim versaremos nossas considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

Os jogos no cotidiano da criança no aprendizado da educação infantil

Os jogos e brincadeiras devem sempre fazer parte do cotidiano das crianças da educação infantil - pois é por meio deles que as crianças podem estimulam o desenvolvimento do raciocínio lógico, cooperação, da criatividade, coordenação, imaginação e socialização. Através dos jogos e brincadeiras as crianças podem aprender a respeitar regras, discutir, inventar, criar e transformar o mundo que estar em sua volta, isso porque o jogo constituí se em "uma atividade organizada por um sistema de regras na qual se pode ganhar ou perder" (Queiroz, 2003, p. 158). O jogo é uma atividade que envolve o ato de brincar, assim faz com que a criança tenha conhecimento para adentrar em um mundo que só existe no seu imaginário.

O jogo e a brincadeira permitem que o aluno possa criar, imaginar, fazer de conta e viajar no mundo da imaginação, um mundo de aprendizagem que a criança pode experimentar, medir, utilizar, equivocar-se é fundamentalmente aprender (Leontiev, 1998, p. 23).

No jogo a criança em algo maior que obedecer às regras, ganhar ou perder, jogar um jogo é envolver-se com o brinquedo, com a fantasias, isso é jogar. Pois, jogar estimula a criança a usar sua mente para formular estratégias para cada jogada. De acordo com Friedmann (2012):

O jogo não é somente divertimento ou recriação. Não é necessário provar que os jogos em grupo são uma atividade natural e satisfazem o ser humano: necessário e justificar seu uso em sala de aula. As crianças muitas vezes, aprendem mais por meio de jogos em grupos do que lições e exercícios (2012, p. 38).

Partindo-se deste pressuposto, o jogo não é uma simples atividade para brincadeira, o jogo proporciona a criança a se desenvolver no ensino e aprendizagem. Pois ao brincar a criança adquire conhecimentos por meio das conversas e discussões que acontecem com as outras crianças ou mesmo quando estão só.

Com a sua imaginação a criança tem a força de transformar os seus próprios brinquedos em desenhos animados de conversar com eles como se fosse pessoas reais. E no brincar que elas adquirirem conhecimento sem estresse e sem medo, é onde desenvolve o seu intelectual, social e emocional, o brincar faz com que as crianças cresçam saudáveis e com mais autoestima,

para sua imaginação. Para Grassi, "enquanto brinca e joga, a criança age, sente, pensa, aprende, desenvolve-se, aplica esquemas, metais à realidade circundante, aprende assimila e constrói a sua realidade, reproduz vivencias, transformando o real seguindo necessidade e desejos" (2008, p. 99). Ainda segundo a autora, "brincar, é de suma importância para o desenvolvimento do sujeito e possibilita que este se processe de maneira saudável e harmoniosa" (2008, p. 110), ou seja, brincando a criança está sem perceber criando sua aprendizagem e desenvolvendo diante do novo.

Portanto, podemos dizer que enquanto a criança a brinca estar adquirindo o seu próprio conhecimento de forma global, pois é com a imaginação que a criança "viaja" pelo mundo que a cerca. Pois uma vez que a criança aprende brincando o seu desenvolvimento vai mais além, onde elas vão aprendendo a respeitar as regras e normas de convivência. Além disso as atividades com jogos, são capazes de levanta a autoestima da criança proporcionando-a bem-estar.

Brincar é uma atividade fundamental para estimular as crianças a interagir uma com a outra, assim podendo permiti que elas se comuniquem com outras pessoas expressando as suas alegrias e tristeza. Brincar também faz as crianças socializar na escola, pois brincando que as crianças aprendem a conviver em sociedade.

Segundo Vigotsky (1994), brincar tem um papel fundamental no desenvolvimento do próprio pensamento da criança é por meio da brincadeira que a criança aprende a operar com o significado das coisas. A criança não realiza a transformação de significados de uma hora para outra. Ao brincar dá-se um passo importante em direção ao pensamento conceitual que se baseia nos significados das coisas e não dos objetos.

Assim, devemos incentivar ao professor a inovar os jogos e brincadeiras para um melhor desenvolvimento nas atividades, permitindo que as crianças brinquem ao ar livre, para que elas desenvolvam as suas habilidades por meio das atividades propostas. Moyles destaca:

Entretanto, dentro da noção do professor como um mediador e iniciador da aprendizagem, o brincar livre e o dirigido são aspectos essenciais da interação professor/criança, porque o professor tanto permite quanto proporciona os recursos necessários e apropriados (2002, p. 29).

Portanto sabemos que o brincar ao ar livre permiti a criança tirar suas próprias conclusões sobre o mundo que o cerca.

Rosa (2002), afirma que, quando a criança constrói seu conhecimento através de suas brincadeiras e fantasias a sua realidade, ela transforma suas inseguranças em algo seguro e

prazeroso, ao passo que ela constrói seus conhecimentos sem quaisquer limitações.

Assim podemos dizer que os jogos e brincadeiras não representam somente uma ferramenta de aprendizagem, os jogos também contribuem para o desenvolvimento físico e motor da criança.

Jogos, brinquedo e brincadeiras

Os jogos e as brincadeiras são um conjunto de atividade que estimulam a criança na imaginação e no aprendizado, contribuem para o despertar da criança na educação infantil. Os jogos, brinquedo e brincadeiras são e serão elementos fundamentais para a infância, é brincando que as crianças se conhecem, se juntam e interagem com o mundo a sua volta. O jogo e a brincadeira, além de satisfazer a necessidade da criança, agem também como atividades lúdicas que sempre estarão presentes na vida do ser humano.

Para uma melhor compreensão, os jogos e as brincadeiras são de suma importância no desenvolvimento de ensino e aprendizagem na educação infantil. Sendo assim, podemos defini-los como o despertar, o gosto pela vida que faz com que as crianças enfrentem os desafios que surgem dentro do jogo ou de uma brincadeira como poderão ter que enfrentar na vida real e/ou na vida adulta.

As crianças adoram expressar suas fantasias, seus desejos e suas experiências, é nesse modo simbólico que as crianças desenvolvem os conhecimentos adquiridos através da brincadeira e jogos, pois esses instrumentos despertam nas crianças uma característica de observações, raciocínio, coordenação motora e comunicação. Segundo Kishimoto (2002, p. 27), "Ao brincar a criança vai além do mundo real, quando brinca toma certa distância da vida cotidiana e entra no mundo imaginário".

Por isso a importância de trabalhar jogos e brincadeiras na educação infantil para buscar conhecimento de aprendizagem e compreensão não só de conteúdo, mas, de valores. Pois essas atividades envolvem diversão e ao mesmo tempo um espaço de investigação e construção de conhecimento sobre a criança e sobre o mundo.

O jogo, o brinquedo e a brincadeira nos acompanham desde o nascimento é com o brinquedo que aprendemos a dá os primeiros passos, que buscamos superar os desafios físico e intelectuais. O brinquedo é um objeto mágico que ganha força cada dia com a expansão na educação infantil, pois ele é um dos recursos, mas necessário para o desenvolvimento da criança na aprendizagem. Oliveira define:

O brinquedo educativo se auto-define como agente de transmissão metódica de conhecimentos e habilidades que, antes de

seu surgimento, não eram veiculadas às crianças pelos brinquedos. Simboliza, portanto, uma intervenção deliberada no lazer infantil no sentido de oferecer conteúdos pedagógico ao entretenimento da criança (1984, p. 44).

Portanto podemos dizer que os brinquedos são jogos educativo e é através de brinquedos, jogos e brincadeiras, que a criança tem a oportunidade de desenvolver o conhecimento, o aprendizado, pois além delas terem a curiosidade de brincarem com outras crianças vão criando autoconfiança e autonomia para estimular o seu desenvolvimento na linguagem. Fazendo com que as crianças despertem a sua imaginação.

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança, pois quando ela brinca explora e manuseia tudo que está a sua volta, tem um sentimento de liberdade. É brincando que as crianças se prepararam emocionalmente para controlar as suas emoções e atitudes em meio a sociedade, é no brincar que elas se organizam para a vida adulta. O brincar não visa somente à busca do prazer, ele está ligado também aos aspectos físico e da atividade simbólica.

O aspecto físico abrange as habilidades motoras e sensoriais que a criança necessita desenvolver para sobreviver e adaptar-se, enquanto o desenvolvimento das habilidades linguísticas, cognitivas e sociais pode ser observado pelo brincar simbólico. Pelo faz-de-conta, as crianças testam e experimentam os diferentes papeis existente na sociedade e com isso, desenvolvem suas habilidades com o avançar da idade. O faz-deconta declina e começam a aparecer brincadeira que imitam cada vez mais o real e os jogos de regras (Cordazzo; Vieira, 2008).

Portanto, devemos sabe que as crianças adquirirem e desenvolvem as suas habilidades linguísticas por meio do brincar. O brincar é uma das atividades mais importante para o desenvolvimento da criança, as brincadeiras e os jogos vão surgindo na vida da criança, as mais funcionais até os de regras, esses são os elementos que proporcionam e possibilitam a conquista para a formação da sua identidade.

Como podemos perceber, os jogos, brinquedos e as brincadeiras são fontes inesgotável de interação lúdica e afetiva. Para uma aprendizagem eficiente é preciso que o aluno construa o conhecimento e se assimila aos conteúdos com clareza.

O jogo é um excelente recurso para facilitar ao desenvolvimento e aprendizado, e brincando que as crianças aprendem a respeitar as regras do jogo a ampliar o seu relacionamento social a respeitar a si mesmo e ao outro. Por meio da brincadeira a criança aprende com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões.

A brincadeira é uma forma de aprendizagem na vida da criança fazendo com que na medida em que elas vão crescendo, elas trazem para as suas brincadeiras o que veem, escutam e observam no seu dia-a-dia. O jogo, o brinquedo é as brincadeiras estão presentes na vida de cada um desde muito cedo, mas devemos sabe que a brincadeira com jogos tem um objetivo seja ele para aprendemos ou simplesmente para passar o tempo com as crianças no seu universo infantil.

De acordo com Vigotsky:

[...] a brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é a outra coisa se não a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente potencial determinado através da solução de um problema, sob a orientação de um adulto ou um companheiro de mais capaz (1989, p. 130).

Portanto, devemos saber que o brincar é muito importante para o desenvolvimento da criança, não devemos utilizar só como uma passa tempo ou preenchimento de atividade. Pois sabemos que as brincadeiras são uma peça fundamental para desenvolvimento o intelectual da criança.

As contribuições das atividades com as brincadeiras no aprendizado da criança

É por meio das atividades, com brincadeiras, que as crianças constroem os seus conhecimentos, que desenvolvem a sua imaginação e a autoestima. A criança precisar brincar, ter prazer e alegria para crescer e conhecer o mundo que está a sua

volta. É muito importante que o ato de brincar esteja presente na educação infantil, para que as crianças possam ter contatos umas com as outras.

A brincadeira faz com que a criança descubra as suas habilidades tanto psicomotoras quanto cognitiva e afetiva. As atividades com brincadeiras estimulam a curiosidade, incentiva a autoconfiança, proporcionam a aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento logico. Brincar é construir uma proposta criativa e recreativa de caráter físico ou mental da criança. O ato de brincar está associado ao lúdico, o que ajuda na aprendizagem e auxilia na construção de autonomia e criatividade.

De acordo com os Referenciais Curriculares para Educação Infantil - RCNEI, brincar é uma das atividades essenciais para o desenvolvimento da autonomia e identidade da criança, ele destaca que:

A criança ao brincar, pensa e analisa sobre sua realidade, cultura e o meio em que está inserida, discutindo sobre as regras e papeis sociais. Ao brincar a criança aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser, favorecendo desenvolvimento curiosidade, autoconfianca. autonomia. linguagem e pensamento. O fato de a criança, desde muito cedo, pode se comunicar por meio de gesto, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver

algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socializações, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papeis sociais (Brasil, 1998, p. 22).

Assim, devemos saber que não importa o ambiente ou espaço que a criança vai estar, mas que a brincadeira vai sempre fazer parte da sua vida do seu cotidiano. É por meio de atividades com brincadeiras que as crianças ampliam os seus conhecimentos, que desenvolvem a sua imaginação, interagem com outras crianças e fazem com que elas desenvolvam as suas próprias aprendizagens. No meio da brincadeira aprendem a conviver e a respeita as regras e normas que vão surgindo no ato de brincar com outras crianças.

Na educação infantil, por exemplo, existem brincadeiras essenciais que fazem com que as crianças utilizem sua capacidade motora cognitiva e social. Assim, as crianças interagem, relacionam-se e trocam ideia de conhecimento com outras crianças. Destacamos que ao realizar as atividades devemos observar o espaço e o ambiente onde as mesmas vão ser desenvolvidas, pois sabemos que as atividades, tais como brincadeiras ao ar livre, fazem com que a criança sinta mais satisfação, entusiasmo e dedicação ao realizar a atividade, assim elas vão adquirindo mais aprendizagem, pois a brincadeira permite a criança criar, imaginar.

O simples "faz de conta", torna-se uma brincadeira que possibilita a criança desenvolver seu conhecimento. A brincadeira é uma ferramenta para ajudar no processo de ensino-aprendizagem. É através da brincadeira que a criança aguça a sua imaginação, ao imaginar a criança pode ir bem adiante pode sonhar e realizar toas as suas aventuras que elas gostariam de vivenciarem no seu dia-a-dia, Melo e Valle relatam que:

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porem capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papeis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair (2005, p. 45).

Assim, podemos dizer que a brincadeira sendo ao ar livre faz a criança despertar mais prazer para conhecer o mundo que está lá fora. A brincadeira é um ótimo recurso pedagógico para o professor utilizar em sala de aula, mas esses recursos não devem ser usados só para a diversão da criança, eles devem ser elaborados de acordo com o conhecimento de cada um para um melhor desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Sabemos que as crianças aprendem brincando, mas para que esse aprendizado aconteça na educação infantil é preciso que o professor realize atividades lúdicas. Acreditamos que brincando a criança aprende, socializa outras crianças e/ou adultos, aprendem a dividir, a competir e a cumprir regras.

O brincar é de fundamental para o desenvolvimento infantil, uma atividade sociocultural, impregnada de valores, hábitos e normas para refletir o modo de agir e pensar de um grupo social.

Para Lopes, "o jogo para a criança e o exercício e a preparação para a vida adulta" (2005, p. 35). Para a autora, a criança aprende brincando, ela afirma que o jogo para criança é o exercício que faz desenvolver sua potencialidade. Enquanto a criança está simplesmente brincando incorpora valores, conceitos conteúdos. Assim dessa forma podemos dizer que as crianças enquanto brinca ela está adquirindo valores, pois, o ato de brincar as crianças tem conhecimento nas atividades sociocultural.

A brincadeira é a atividade principal da infância. Essa afirmativa se dá não apenas pela frequência de uso que as crianças fazem do brincar, mas principalmente pela influência que este exerce no desenvolvimento infantil. Vigotsky ressalta que "a brincadeira cria as zonas de desenvolvimento proximal e que estas proporcionam saltos qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil" (1998, p. 78). Nesse mesmo pensamento, Leontiev amplia esta teoria afirmando que "durante a brincadeira ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico infantil" (2007, p. 16). O autor destaca

que a brincadeira é o caminho de transição para níveis mais elevados de desenvolvimento.

Sendo por intermédio da brincadeira, a criança explora e também reflete sobre a realidade e a cultura na qual está inserida, interiorizando-a. A experimentação de diferentes papéis sociais o papel de mãe, pai, bombeiro, super-homem, é através do faz-deconta que permite à criança compreender o papel do adulto e aprender a comportar-se e a sentir como ela mesma, constituindo-se como uma preparação para a entrada no mundo dos adultos. A criança procura assim conhecer o mundo e conhecer-se a si mesma.

É através da brincadeira que a criança tem oportunidade de simular situações e conflitos da sua vida familiar e social, o que lhe permite a expressão das suas emoções. Brincar é uma forma segura das crianças encenarem os seus medos, as suas angústias e a sua agressividade e de tentarem elaborar e resolver os seus conflitos internos.

Nas brincadeiras, os jogos, onde está subentendido o perder e o ganhar, que permite que a criança possa começar a trabalhar a sua resistência à frustração. Aprender a lidar com esse sentimento é essencial para o seu equilíbrio emocional e para o desenvolvimento da personalidade.

Outro aspeto importante do brincar é o desenvolvimento do raciocínio, da atenção, da imaginação e da criatividade, na

medida em que as brincadeiras trazem novas linguagem e ajudam a criança a pensar a realidade de forma criativa.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa engloba as descrições relativas ao tema abordado, os instrumentos utilizados para esses resultados foi em base à pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, permitindo obter resultados mais claros sobre os objetivos proposto.

Gil destaca que "a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a coberta de uma gama de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente" (2009, p. 50).

Sabemos que a pesquisa qualitativa é uma abordagem que possibilita o pesquisador uma compreensão, mas ampla e detalhada do objeto de estudo, Chizzotti destaca que a pesquisa qualitativa "parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito". Sabemos que essa abordagem facilitar o objeto de estudo.

Compreendemos que o brincar é de suma importância para o desenvolvimento do aprendizado da criança na educação infantil, pois é no ato de brincar que as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, pensam, sentem e se movimentam, ou seja, desenvolvem os seus aspectos físico e motor.

Este trabalho teve como discussão uma pesquisa bibliográfica que abordou métodos de relevância na educação infantil. A importância de jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, é de grande valia para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

É válido lembrar que esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem e estudo qualitativo, pois esses dados tem a finalidade de informar a importância dos jogos e brincadeiras em sala de aula para o processo de ensino e aprendizagem das crianças na educação infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão que guiou e encaminhou teoricamente esse estudo, percebemos que a infância é uma fase importante da vida do indivíduo, no qual o brincar deve estar presente de modo que os elementos da ordem cognitiva, social, efetiva e motora dos educandos sejam trabalhados. No ato de brincar, a criança aprende a descobrir o mundo, dando um novo significado aos fatos e emoções vivenciadas no seu cotidiano no qual tem como foco principal a importância dos jogos e brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

Por meio de um breve levantamento bibliográfico e a afirmação de alguns pesquisadores do assunto, nota-se que se pode trabalhar os jogos e brincadeiras dentro da sala de aula de uma forma lúdica, onde o aluno irá ter mais interesse em aprender.

Sabemos que é de suma importância que os jogos, brinquedo e brincadeiras estejam presente no cotidiano da criança da educação infantil, mas, para isso os educadores precisam saber utilizar o material de maneira correta para que as aulas sejam produtivas para a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos, quando os professores utilizam a criatividade e planejam suas aulas, os objetos que estão presente em sala de aula podem ser utilizados como recursos lúdicos.

De acordo com Piaget (1971), no momento em a criança está brincando vai assimilando o mundo de acordo com a sua visão, desprovida de compromisso com a realidade, pois sua interação com o objetivo não depende da natureza do objetivo, mas da função que a criança lhe atribui.

Compreendemos que as brincadeiras devem está sempre presente no cotidiano das crianças por possibilitar o despertar do raciocínio lógico, do pensar e descobrir o mundo a sua volta.

Diante desta afirmação podemos dizer que os jogos e brincadeiras são de suma importância para o processo de ensino aprendizagem na educação infantil, por contribuir para o desenvolvimento das crianças, dando-lhes a oportunidade de aprender de forma prazerosa.

Discorremos sobre a importância das atividades lúdicas na educação infantil, visto que permitem um desenvolvimento mais amplo, global, contribuindo para uma visão de mundo pautada em elementos reais, concretos, ainda que partam da fantasia. As atividades lúdicas auxiliam na descoberta da criatividade, de modo que a criança se expresse, analise, critique e transforme a realidade a sua volta.

Contudo, é preciso que, enquanto educadores, possamos garantir toda esta riqueza que a brincadeira traz em sua essência e que tais momentos sejam de qualidade humanizadora e, como educador, poderá garantir toda esta riqueza presente nas brincadeiras às suas crianças por isso, durante todo o ato de brincar, a criança internaliza o seu conhecimento de mundo, as suas vontades e expectativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas nos afirmam que a criança aprende enquanto brinca. As brincadeiras se fazem presente ao longo de nossas vidas e acrescenta saberes indispensáveis na construção do ser humano.

Pois ao brincar as crianças está construindo um mundo de saber, podendo se relacionar consigo mesma e com aqueles que estão ao seu redor, através desse processo de ensino e aprendizagem lúdico a criança tem liberdade para imaginar situações para além de seu cotidiano, raciocinar logicamente, conhecer formas, cheiros e sentidos, enfim, conhecer recursos que ensinam, desenvolve e educam de forma prazerosa. A utilização de jogos e brincadeiras na educação infantil tem como objetivo de fazer com que as crianças gostem de aprender.

Diante dos resultados desta pesquisa torna-se evidente que os jogos e as brincadeiras devem estar inseridos na prática pedagógica de creches, escolas da educação infantil como um mecanismo de auxílio para o desenvolvimento de competências e habilidade dos educandos desta modalidade de ensino.

Buscou-se apresentar ao longo deste trabalho reflexões relevantes referentes à importância dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil. Acreditamos que esse artigo pode propiciar mudanças nas práticas dos educadores quanto à inserção de atividades lúdicas com intencionalidade, objetivando o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Através deste estudo podemos confirmar que os jogos, brinquedos e brincadeiras é uma ferramenta importante para o desenvolvimento no ensino-aprendizagem, pois vários estudos demonstram que ao brincar a criança idealiza outro mundo, por meio do faz de conta, a criança "viaja" pelo mundo da imaginação

expõe toda a sua emoção, expressando um sentimento de liberdade para compreender o mundo a sua volta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da educação e do desporto secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, volume: 1 e 2 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: cortez, 2001.

CORDAZZO, S. T. D.; VIEIRA, M. L. V. Caracterização de brincadeiras de crianças em idade Escolar. **Psicologia Reflexiva crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 365-373, 2008.

FRIEDMANN, A. O bricar na educação infatil: observação, adequação, conclusão. São Paulo: moderna, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GRASSI, T. M. **Oficinas psipedagógicas**. 2. ed. Curitiba: Lbpex, 2008.

KISHIMOTO, T. M. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneiro Thom som Learning, 2002.

LOPES, M. da G. **Jogo na educação**: criar, fazer, jogar. 6. ed. São Paulo: cortez, 2005.

LEONTIEV, A. N. Os principios psicológicos da brincadeira préescolar. *In*: Vygotsky, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. (Orgs.), **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Moraes, 2007.

MELO, L.; VALLE, E. O brinquendo e o brincar no desenvolvimento infantil. **Psicologia argumento**, Curitiba, v. 23, n. 40, jan/mar. 2005.

MOYLES, J. R. Só o brincar? Papel do brincar na educação infantil. Porto alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, P. S. O que é brinquedo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, V. B. de (org). **Brincar é a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

PIAGET, L. E. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: zahar, 1971.

QUEIROZ, T. D. dicionário pratico de pedagogia. São Paulo: Rideel, 2003.

ROSA, S. S. brincar conhecer, ensinar-questões de nossa época. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGOTSKY, L.S.; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Edusp, 1998.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins fontes, 1989.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CAPÍTULO 7

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Aldilene Teixeira

Genilda de Brito Lopes

Valdete Batista do Nascimento

CAPÍTULO 7

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO DE **JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Aldilene Teixeira¹⁶ / Genilda de Brito Lopes¹⁷ / Valdete Batista do Nascimento¹⁸

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central a leitura e a escrita na educação de jovens e adultos - EJA. A EJA é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade própria. Portanto para a necessidade de se discorrer sobre o contexto pedagógico em que esta modalidade de ensino se efetiva, exige-se uma crítica mais verificada sobre a educação atual e a prática docente na perspectiva das transformações sócio histórica.

¹⁶ Graduanda em Pedagogia. E-mail: aldilenecamara99403@gmail.com.

¹⁷ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional - Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) - Graduada em Pedagogia Superior Pres. Kennedy, e-mail: Instituto de Educação genildadebrito92@gmail.com.

¹⁸ Mestra em Ciências da Educação, área de especialização em Educação de Adultos, pela UMINHO-PT.

A EJA tem como objetivo geral intervir no meio social do aluno a fim de desenvolver a leitura e a escrita dentro de um processo em sala de aula. Dessa forma, é importante expor, inicialmente, a seguinte reflexão: a quase totalidade dos alunos dessa modalidade, incluídos os adolescentes, são trabalhadores. Sujeitos que com sacrifício, acumulando responsabilidades profissionais e domésticas ou reduzindo seu pouco tempo de lazer, dispõe-se a frequentar cursos noturnos, na expectativa de melhorar sua condição de vida.

A motivação acadêmica sobre a temática veio por meio do despertar de um olhar mais apurado e crítico sobre o contexto por ter vivenciado o ensino de jovens e adultos no estágio da EJA, ao poder conhecer de perto a realidade de cada um desses alunos desta modalidade de ensino. Pude constatar que a grande dificuldade que os alunos encontraram é exatamente o fato de não ter o domínio de leitura e, consequentemente da escrita. O problema é tanto que provoca um bloqueio no que diz respeito à aprendizagem desses jovens, não pode haver aprendizagem se não existe domínio dos elementos da leitura e da escrita.

Diante deste contexto, torna-se essencial colocar em destaque que, no debate sobre a EJA, é interessante se refletir sobre os aspectos pedagógicos pertinentes, considerando as seguintes dimensões: econômica, política e cultural. Por outro lado, torna-se indispensável discutir o contexto social em que se vive articulado com as pretensões educacionais, críticos e

reflexivos. Dada a complexidade da educação no Brasil se faz necessário e urgente destacar que a realidade posta para a educação de jovens e adultos no âmbito das escolas públicas pelo país. Tratam-se de condições cada vez mais preocupante e que requerem, do poder público e dos gestores escolares, a implementação de políticas públicas educacionais e a prática de gestão escolar mais eficientes, algo que somente a didática e a pedagogia não conseguem resolver sozinhas.

Contudo, para esta pesquisa, que ressalto a importância dos componentes curriculares estudados ao longo do curso de pedagogia, a disciplina de alfabetização por exemplo, me deu o suporte teórico para trabalhar com crianças no processo do desenvolvimento da leitura e da escrita, estudo esse que serve também, quando adaptado, para trabalhar com jovens e adultos.

A importância da leitura e escrita são de suma importância na educação, pois elas possibilitam a capacidade do criar e do recriar conhecimento principalmente no meio social da camada mais vulnerável, ler e escrever possibilita aos educandos tornamse seres questionadores e críticos em uma sociedade que geralmente discrimina pessoas que não tiveram oportunidades de frequentar uma escola na idade certa e por isto acessar os conhecimentos acumulados pela humanidade.

Para aprofundar esta questão é de fundamental importância analisar o contexto histórico da educação de jovens

e adultos, discutir sobre o letramento, prática da leitura e escrita, além de averiguar as práticas pedagógicas utilizada na escola.

Este trabalho tem como objetivo geral destacar como desenvolver a leitura e a escrita dentro de um processo na sala de aula pode proporcionar uma intervenção positiva no meio social do aluno. Como objetivo específico, compreender processo de alfabetização e suas aplicações, desenvolver prática pedagógica que possa ser inserida na alfabetização, conhecer a metodologia adotada pelo os professores, verificando os vínculos estabelecidos com a realidade dos alunos, argumenta os processos adotados pelos educadores que favorecem a alfabetização.

Por fim, entendemos que a responsabilidade que este artigo tem para que haja a discussão e reflexão das políticas educacionais existentes para a EJA, tanto para que se possa destacar e repensar um pouco sobre as metodologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, complementando com a pesquisa já existente sobre o tema.

O presente estudo teve como referência as teorias de Freire (1987), Aléssio (2004), Emilia Ferreiro (1995), entre outros renomeados possibilitando assim, um conhecimento teórico que servirá como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvem a trajetória do sujeito da EJA. Discorrer sobre esse tema, exige destes autores uma posição crítica e realista, buscando elencar os mais recentes dados a respeito do assunto, assim como,

considerando nos fundamentos da metodologia do trabalho científico, o embasamento teórico que o contempla.

REVISÃO DE LITERATURA

Contexto histórico da leitura e escrita na Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem como público alvo indivíduos que por algum motivo tiveram que interromper seus estudos quando criança, por motivos tais como: trabalho, gravidez na adolescência ou até mesmo aqueles alunos tidos como problemáticos (rebeldes); com consistente evasão escolar, inúmeras reprovações, entre outros aspectos que fazem com que estas pessoas se tornem marginalizadas pela sociedade.

Desde o Brasil colônia não há registro de uma atenção sistemática no que diz respeito à educação de jovens e adultos, neste período fala-se muito superficialmente da educação e o que se tem registro e que esta era tão somente para adaptar o índio ao trabalho braçal. Segundo Aléssio (2004), vemos ainda que o pouco da educação formal era destinado aos jovens, que não estavam fora de faixa, principalmente porque necessitavam de muito pouco saber formal para uso em suas atividades diárias, com isto, os homens da sociedade tinham uma presença muito pequena na educação escolar. E quando frequentavam a escola compunham

salas multisseriadas, os alunos ficavam no mesmo ambiente independentemente da série que se encontravam.

Dada a vulnerabilidade social de boa parte dos alunos da EJA, destaca-se a importância do domínio da leitura e escrita como práticas que se relacionam e completam a formação de um leitor competente, o objetivo maior da escola, pois ler e a escrever são maiores instrumentos para a construção do conhecimento.

Dessa forma, posso dizer que o aluno se alfabetiza à medida que vai interagindo com a leitura e com a escrita nas diversas situações do seu cotidiano, pois desde cedo, mesmo sem ser alfabetizado os sujeitos já convivem com letreiros, ou, faixas, cartazes, rótulos e diversos outros gêneros textuais, chegando a escola já fazendo uma leitura de mundo diferenciada, do seu modo e com suas características própria, conforme esclarece Freire, "a leitura do mundo precede a leitura das palavras" (1987, p. 22).

Hoje compreendemos o quanto é importante se levar em conta os estágios da produção da escrita dos jovens e adultos, produção essa que podem auxiliar nesse processo, como defende Emília Ferreiro (1987), quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado: "[...] Aprender a lê-las, isto é um longo caminho a aprendizagem que requer uma atitude teórica" (Ferreiro, 1987, p. 16-17).

A leitura e escrita é um processo complexo de desenvolvimento, pois, não basta que os sujeitos apenas saibam ler e escrever, tem-se que motivar para a leitura. Abud (1987), enfatiza que a alfabetização faz parte da formação da personalidade do sujeito, neste sentido, aprenda a ler e escrever não basta por si só, mais do que isso e necessário que se encontre na leitura uma motivação permanente.

A alfabetização tem que passar por um preparo para entender as etapas de leitura bem-sucedida em todos os sentidos, e cabe aos professores, mediadores de conhecimentos buscarem uma metodologia que possa ajudar os educandos a vivenciarem essas etapas e sair das mesmas, com o conhecimento necessário adquirido.

É preciso que os professores que trabalham com a educação de jovens e adultos tenham essa compreensão sobre a prática de alfabetizar, ou seja, à medida que vai adquirindo a prática da leitura e consequentemente a escrita, vai englobando no todo do aluno sua cultura, ajudando-o a ver o mundo num sentido mais crítico e mais criterioso, muito embora se reconheça que para tal tem o domínio da leitura e da escrita.

Paulo Freire como um dos predecessores da alfabetização de jovens e adultos, lutou pelo fim da educação elitista, tendo como objetivo uma educação democrática e libertadora. Freire liderou e participou de movimentos de cultura popular, onde eram seguidas algumas de suas propostas emancipatórias,

porém com o golpe militar, o mesmo foi exilado por 14 anos, passando assim parte de sua vida no Chile e em diversos outros países. Mesmo exilado, continuou escrevendo e desenvolvendo trabalhos relacionados com a educação

Freire conhecido por ter uma ideologia focada nos problemas sociais do país e defensor de uma educação de qualidade principalmente para as pessoas economicamente desfavorecidas. Considerava que a pedagogia deveria ser 'libertadora' e para isso o educando tinha que aprender mais do que simplesmente o mecânico, aprender a pensar o mundo de forma crítica utilizando a palavra como uma importante aliada (Aranha, 1996).

Freire defende a não utilização de materiais prontos no processo de alfabetização para ele as experiências, a cultura e a vida de cada educando acontecem de forma diferente de uma cidade para outra e deve ser valorizada como parte do processo de ler e escrever. Sendo assim, seu método consistia primeiramente em uma breve entrevista com os candidatos a sala de alfabetização, em que eram feitas perguntas sobre diversos temas de sua vida como: política, trabalho, família, religião, entre outras para compreender o contexto de vida dos sujeitos e adequar a educação a compreensão dos educandos sobre sua realidade.

As dificuldades de aprendizagem na EJA

Por ter vivenciado já o ensino de jovens e adultos e conhecer de perto a realidade desta modalidade, pude constatar que grande dificuldade que os alunos encontram no processo de aprendizagem exatamente pelo fato de não dominarem a leitura e, consequentemente, da escrita. O problema é tamanho, o que provoca nos mesmos, um bloqueio psicológico no que diz respeito à aprendizagem por não existir o domínio dos seus elementos principais que são, a leitura e a escrita. Ramal explica que

Vivemos numa sociedade letrada, na qual aqueles que não conhecem os da linguagem escrita estão inevitavelmente marginalização na dinâmica das relações sociais. Jovens e adultos que não tiveram acesso à escola e, portanto, não tiveram a oportunidade de aprender a lidar com os sinais que constituem o universo das representações escrita, ficam limitados nos entendimentos das situações de leitura mais cotidianas, como a de cartazes, placas, formulários ou bulas de remédios. Dependem de ajuda de outros para escrever aos parentes ou para decifrar as instruções mais simples. Estão sujeitos a ser enganados e são sempre menos valorizados pelos demais que sabem ler (1999, p. 35).

Nesse sentido, vemos sendo a escrita um objeto sociocultural, condicionado às situações oportunidades em que o

jovem e os adultos possam vivenciar. Assim sendo, quando os sujeitos chegam à escola com conhecimentos em escritas a partir das experiencias e vivências do seu meio, cabe então a escola fazer com que o aluno tenha a possibilidade de instrumentalizar esses conhecimentos. Desta forma pode dizer que o aluno se alfabetiza à medida que vai interagindo com a leitura e com a escrita nas mais diversas situações do seu cotidiano. É necessário trabalhar a leitura e a escrita para facilitar o entendimento dos fatos e situações que está presente na relação do educando com o meio em que vive, com vistas a prepará-lo para a vida na sociedade em que está inserido.

A leitura e a escrita são procedimentos básicos e indispensável à aprendizagem em todos os níveis de escolaridade. Entretanto, frequentemente se observa que o interesse dos alunos ainda é precário diante desta perspectiva, esta proposta tem como objetivo despertar o interesse dos alunos pela prática da leitura e compreensão de textos, bem como, oportunizar ao aluno desenvolver sua criatividade por meio da produção de textos escritos.

Para que este trabalho seja desenvolvido é necessário que a escola permita e incentive professores e direções a apoiar e ajudar no que for necessário para realizá-lo. O aluno da EJA chega à escola com algumas dificuldades, principalmente o aluno com distorção idade-série, desestimulado pelas condições de estar novamente retornando aos estudos achando de certa forma que

demorará muito tempo para concluir. As dificuldades encontradas e a falta de orientação pedagógico, falta de material adequado e a falta de estímulo dos alunos pelo cansaço da jornada de trabalho. Mas, com incentivo e material concreto pode-se desenvolver este trabalho.

Caminhos para facilitar a aprendizagem na EJA

Pensar em alfabetizar jovens e adultos é associar logo a alguma a teoria dada a complexidade que é trabalhar com essa modalidade de ensino. Pensa-se logo em Paulo Freire com toda sua temática metodológica fundamentada, principalmente na dialética. É pensar também em Emília Ferreiro que tão bem trata o tema, analisando de modo geral a problemática e a complexidade, quando faz a distinção entre o que o aluno fala e aquele que lê e escreve se apropriando da habilidade da escrita.

A construção de uma proposta curricular fundamentada em método que norteiam e facilitam aprendizagem de jovens e adultos é algo essencial e extremamente necessário, para tal é necessário, antes de tudo, que se conheça e se respeite as origens e as condições que esses jovens e adultos, não alfabetizados, trazem consigo (Brandão, 1986).

Para Brandão (1986), na teoria de Paulo Freire pode-se compreender que não existe uma fórmula pronta de como alfabetizar jovens e adultos, todo o fundamento de seu "método"

e baseado na dialética, ou seja, é participando da realidade do aluno que vai se construindo o caminho para se trabalhar sua aprendizagem, levando em consideração a leitura e escrita como premissa.

A metodologia freiriana é algo que chama a atenção devido a importância que se dá em conhecer a realidade dos alunos a partir de sua convivência no seu meio social, interagir junto com ele o seu dia a dia e em seguida planejar as aulas fundamentadas na realidade daquele educando, ao ponto de que os assuntos, a alfabetização e o letramento estejam coerentes com a vivência prática do aluno.

Para Brandão (1985), o processo deve caminhar sobre temas geradores da realidade de cada um procurando alfabetiza-los e ao mesmo tempo despertar uma postura e visão de mundo crítica e consciente de quem faz parte do seu meio, para poder interagir de forma responsável.

O processo interdisciplinar é um dos fatores muito importante dentro de sua metodologia, é o ponto de partida para o desenvolvimento do processo de alfabetização dos jovens e adultos, partindo sempre do seu mundo real e fundamentado na leitura e na escrita. A partir do pensamento de Paulo Freire, Brandão afirma que,

A leitura do mundo precede mesmo a leitura da palavra. Os alfabetizadores precisam compreender o mundo, que implica falar a respeito do mundo; finalmente, uma alfabetização crítica, sobretudo, uma pósalfabetização não pode deixar de lado as relações entre o econômico, o cultural, o político, o pedagógico (1985, p. 6).

Com isso, acredito que, não possa existir um método mais eficaz para fazer com que esse aluno se desenvolva intelectualmente. Porém, pela experiência que já tive com alunos dessa modalidade de ensino, o processo de interação social que deve existir entre a comunidade escolar (alunos, professores, diretor, funcionários, país e sociedade de um modo geral) é primordial e contribui ajudar mais ainda na aprendizagem do aluno (Brandão, 1985).

É um fundamento muito interessante a ser seguido no qual me apropriei de alguns passos metodológicos de Paulo Freire, com a forma de ajudar na minha prática e campo de investigação temática, onde visa compreender e aceitar o universo vocabular dos alunos e sua origem, tendo em vista que as palavras geradoras facilitam o desenvolvimento aula; recorri ainda à tematização, outro campo metodológico trabalhado por Paulo Freire em sua metodologia, que vai se referir a codificação e a decodificação dos temas geradores, interpretados por alunos e professores.

Pôr fim a problematização da realidade do aluno que é algo extremamente necessário a ser trabalhado, pois partindo de uma

palavra ou uma situação procura-se tirar o aluno de uma conduta ingênua e o leva a uma visão crítica da realidade.

A teoria de Paulo Freire é muito rica. Além dos pontos acima citados que me deram um subsídio muito grande e rico para o desenvolvimento de minha prática com jovens e adultos, trabalhar com palavras geradoras, retiradas do meio e do cotidiano do povo, em seguida a formação dos círculos da cultura a partir dessas palavras, onde serão discutida, ditadas, trabalhadas em todas sua dimensão, levando o aluno a refletir mais profundamente sobre sua realidade principalmente no que diz respeito a seu dia a dia, fundamentaram e me deram meios para cada vez mais gostar do que eu estava fazendo.

A contribuição que Paulo Freire dá na sua teoria para trabalhar jovens e adultos na fase de alfabetização, é relevante e essencial. Muda completamente a prática de quem passa a conhecer, ajuda no desenvolvimento do professor, bem como, na aprendizagem do aluno, sendo isso que o EJA tanto precisa para seu desenvolvimento como forma de valorização dessa modalidade de ensino e como a forma de incluir o aluno no meio social de forma consciente e responsável.

O papel dos professores, na promoção de uma aprendizagem significativa é desafiar os conceitos já aprendidos, para que eles se reconstruam mais ampliados e consistentes, tornando-se assim mais inclusivos com relação a novos conceitos. Quanto mais elaborado e enriquecido é um conceito,

maior possibilidade ele tem de servir de parâmetro para a construção de novos conceitos.

Isso significa dizer que quanto mais se sabe, mais se tem condições de aprender, pois, educação é também um ato coletivo e solidário e nunca se dá isoladamente. "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1987, p. 13).

Com essa visão acreditamos que os professores de jovens e adultos devem estar aptos a repensar a organização disciplinar e de séries, no sentido de abrir possibilidades para que os educandos realizem percursos formativos mais diversificados, mais apropriados às suas condições de vida.

A escola, para os alunos adultos, demanda ter um sentido real, com isso deve-se selecionar conteúdos direcionados ao dia a dia. As aulas necessitam ser proveitosas no sentido de que o aluno da EJA busque acelerar a aquisição de conhecimento e abreviar o tempo escolar. Oliveira (1999) ressalta que o adulto está inserido no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente.

A Constituição Federal de 1988 estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado, e que o ensino fundamental é obrigatório e gratuito, inclusive sua oferta garantida para todos que a ele não tiverem acesso na idade própria. A Lei de Diretrizes e Bases-LDB - Lei nº 9.394/1996, em seu artigo 37º, assim se expressa: "A educação de jovens e adultos será

destinada àqueles que não tiverem acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade apropriada". Segundo Freire (1997) pode-se considerar que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção ou construção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologia é a ciência que estuda os métodos aos quais ela mesma recorre. De acordo com a lógica, ela estabelece os métodos específicos de investigação, pesquisa e estudos.

Com isso, utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica qualitativa e virtual, que busca selecionar os trabalhos e teóricos que tratam do tema, procedendo a revisão da literatura no contexto atual, ao passo que possibilita o surgimento de novas percepções sobre o letramento no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo André (1995, p. 10) na pesquisa existe a constante interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. O pesquisador é um instrumento principal na análise e coleta de dados. Eles respondem ativamente as circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta e se necessário rever as questões que orientam a pesquisa localizando novos sujeitos, revendo a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho.

Neste tipo de pesquisa, o pesquisador deverá aprender e retratar a visão pessoal dos participantes. No trabalho de campo que o pesquisador fará, ele irá se aproximar as pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado também há uma ênfase no processo, ou seja, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados.

Diante de tantos desafios a respeito de como alfabetizar na educação jovens e adultos EJA, resolvemos levantar questões que possam ajudar a minha prática e de outros professores alfabetizadores que procuram obter bons resultados na educação da EJA. Procuramos levantar questões que no meio educacionais são considerados postura tradicionais e outras inovadora. Fizemos pesquisa bibliográficas onde encontramos procedimentos que serviram para obtenção de dados daquilo que queríamos pesquisar.

Na bibliográfica, Gil destaca que, "é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (2002, p. 44), os quais correspondem ao suporte utilizado para o embasamento da nossa pesquisa.

Para Ludke e André, a pesquisa qualitativa é a que "se desenvolve em uma situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto, flexível, e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada" (1996, p. 18). As autoras descrevem bem o conceito de pesquisa qualitativa, quando relatam que:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como uma fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento: Os dados coletados são predominantes descritivos; A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; "O significado" que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador (Ludke; André, 1996, p. 12).

Com essa visão, á uma pluralidade de saberes que evidência na modalidade de jovens e adultos é para tanto faz se necessário a utilização de metodologia que impulsionam os alunos a aprendizagem eficaz com também continuidade nos estudos. Em contrapartida exige dos profissionais que atuam nessa modalidade refletir inúmeras estratégias que serão mais adequadas para utilizar e sala de aula. Levando em consideração vários fatores, um deles é que: esses alunos estudam e trabalham, portanto, faz necessário a organização do tempo e espaço adequado a cada realidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa possibilitou um estudo de pesquisa bibliográfica acerca da metodologia trabalhada na educação de jovens e adultos. Atualmente os educadores se baseiam na metodologia de Paulo Freire, precursor da modalidade de ensino EJA. Através desse estudo buscou-se compreender sobre a importância dessa metodologia utilizada no dia a dia e o sentido

que se faz na vida dos alunos, além dos docentes que atua nessa modalidade de ensino.

No entanto para garantir a permanência e acesso a EJA é necessário a valorização do professor por meio de formação continuada, além de política de incentivo e valorização do retorno a escola.

Para que haja aprendizagem é preciso que o aluno tenha relação entre o aprendido e o que já sabe, isso o ajudar a ressignificar o que aprender. É preciso acreditar no próprio trabalho e no potencial do aluno, deve ser tomado como partida o conhecimento do sujeito, e com plena consciência de que cada um tem o seu tempo de aprender.

Porém, para compreender, agir e garantir o reconhecimento e o atendimento a diversidade da EJA, são necessários posicionamento, prática, políticas e atendimento da relação entre a visão ampla da educação e o desenvolvimento sustentável.

Uma reflexão sobre a escrita, entendemos que para os jovens ser alfabetizado não é memorizando e sim refletindo sobre o processo da escrita e leitura. Com o passar do tempo houve uma revolução conceitual e a escola deixou de lado suas práticas de ensino. Em uma sala de aula quando o professor solicitava uma leitura ao aluno este se sentia coagido, uma grande verdade é que eles argumentam que não sabiam escrever ou ler. Na atualidade depende do esforço de nós professores para

mudar a realidade exercendo uma atitude positiva para eliminar o receio do educando da EJA em relação a escrita e a leitura.

O presente trabalho procurou refletir sobre educação de jovens e adultos na visão de Paulo Freire, ressaltando que não há pretensão de criticar a metodologia dos professores e sim ajudar em apontar soluções e contribuir, por meio de estudos para o melhor interpretação e reflexão sobre o método de ensino na EJA.

A alfabetização é um meio para o letramento, com o intuito de formar cidadão participativo, para isto deve-se levar em consideração a noção do letramento e não de alfabetização. Letramento é o hábito de ler e escrever corretamente, este é o jovem/adulto precisa saber o uso e envolver-se nas atividades da leitura e escrita, precisa buscar o hábito de ler jornais, revistas, livros necessitam do convivo efetivo de leitura desta forma irá apropriar-se da escrita.

As discussões sobre o contexto da educação de jovens e adultos é um processo que não se encerra, uma vez que essas práticas devem estar ligadas a realidade em estão inseridas em constante modificações.

Acreditamos que é possível sim, obtermos e oferecermos, uma educação transformadora, como já dizia Freire, uma educação como prática social, como prática da liberdade, que atenda às necessidades dos educandos, e que além de alfabetizar, possa despertar nos alunos, o sentimento de criticidade e a percepção do meio em que vivem.

Por sua vez, a educação de jovens e adultos, é um importante suporte para o desenvolvimento dessa criticidade, pois ela não representa apenas uma reparação social com aqueles que não tiveram acesso à educação na idade dita regular, mas é considerada também como o início de uma série de direitos civis inerentes ao ser humano. Concluímos que a escola mesmo não sendo a única responsável pelos problemas sociais, consideramos como a nossa maior aposta de mudança, a fim de reparar os problemas excludentes da nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que a leitura e a escrita na EJA é um dos grandes processos de ensino-aprendizagem dos alunos, se faz necessário algumas considerações sobre o tema em questão, para que, partindo daí se possa então formar um pensamento crítico reflexivo e se possa interagir sobre o meio de forma mais consciente e responsável.

A decodificação das palavras, bem como sua interpretação, por si só já é algo um tanto difícil quando trabalhado com crianças na fase de alfabetização. Precisa de muita habilidade e paciência por parte de quem está alfabetizado, pois o ato de ensinar e ler consequentemente a escrever, é uma ação mediadora de algo novo. É mostrar uma forma diferente de visão

de mundo, de interpretação de dados, de transformação da um senso comum, em um conhecimento mais elaborado e real.

Daí a grande necessidade por parte do professor de estar preparado, ter em mente um objetivo traçado para poder entender a realidade de todos e de cada um, dentro do contexto em que está acontecendo o processo de ensino-aprendizagem. Isto tudo deve estar voltado para alfabetização de jovens e adultos, que de certa forma foram excluídos do sistema educacional por algum motivo.

Se alfabetizar crianças já requer por parte do professor uma capacitação muito bem-feita, trabalhar com jovens e adultos analfabetos então é uma qualificação maior e voltada exclusivamente para a EJA.

Nesse sentido, enquanto educadores e educando devemos nos unir e com ações bem articuladas juntos aos organismos responsáveis diretamente pela EJA, atuando e procurando as soluções para a educação de jovens e adultos.

A formação de professores, sendo isto de suma importância para a EJA, entendendo que a formação permanente dos professores possibilita a melhoria da prática docente, principalmente, quando está centralizada no âmbito escolar, pois desperta no educador a necessidade de pensar o seu papel e suas atribuições na escola.

Por isso a formação dos professores da EJA deve ser específica e pensada para atender às necessidades dos indivíduos

dessa modalidade de ensino. Sabe-se que o processo de ensino da EJA deve ser centrado em prática pedagógica individual e coletiva, só assim será possível interferir e modificar a realidade dos alunos inseridos no espaço escolar. Portanto, é fundamental que os educadores da referida modalidade sejam habilitados e tenha qualificação específica para atuar nessa modalidade de ensino. Deve-se considerar também como essencial ao professor, o interesse acerca dos saberes docentes, tanto no período de formação como ao longo de sua vida profissional.

Concluímos que este estudo não se dá por encerrada as discussões em torno da Educação de Jovens e Adultos, mas tem o caráter de contribuir com a produção científica, um exemplar a ser somado.

REFERÊNCIAS

ABUD, M. M. O ensino da literatura e a escrita na fase inicial da escolarização. São Paulo: EPN, 1987.

ARANHA, M. L. A. Histórico da educação. 2. ed. São Paulo, 1996.

ALÉSSIO, R. S. **Educação jovens e adultos**. *In*: I conferência Municipal de educação de Olinda "Educação/cidadã: desafio para o governo popular Recife/PE. Fevereiro, 2004.

ANDRÉ, M. E. D. A de etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BRASIL. **Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 set. 2022.

BRANDÃO, C. R. O que é método Paulo Freire. São Paulo: Nova cultura Brasília, 1985.

BRANDÃO, C. R. O que é Método Paulo Freire. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FEREIRO, E. Apresentação da linguagem e o processo de alfabetização. *In*: **Reflexão sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez 1995.

FEREIRO, E. **Os processos de leitura e escrita**: Novas perspectivas. Porto Alegre: artes médicas 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Paz e Terra. São Paulo. 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

OLIVEIRA, M. H. M. A. **Leitura e Escrita**: análise da produção com ênfase no universitário. Tese (Doutorado em Psicologia Ciência e Profissão). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1999.

RAMAL, A. C. Língua portuguesa. O quê e como ensinar. *In*: **salto para o futuro**. Educação jovens e adultos. Brasília: Mistério da educação SEED. 1999.

CAPÍTULO 8

O LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aline Cristiane Bernardo Barbosa

Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 8

O LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aline Cristiane Bernardo Barbosa¹⁹ / Genilda de Brito Lopes²⁰

INTRODUÇÃO

É de vital importância que a escola, os projetos pedagógicos, professores e todos os profissionais envolvidos no processo educacional tenham plena consciência do que é Educação. Para quê educar? O que é autonomia? Como educar para ter autonomia? Que ferramentas utilizar? Enfim, são questionamentos que integram o presente trabalho acadêmico, na intenção de compreender o processo educacional, com abordagem no papel do professor em sua prática pedagógica com a finalidade de educar com o fim de transformá-lo num ser autônomo em seu processo e desenvolvimento educacional.

Com enfoque na utilização de instrumentos de mediação e materiais didáticos como importantes recursos para atingir o

¹⁹ Graduanda em pedagogia. E-mail: allynnekristianeh20@gmail.com.

²⁰ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional -Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

objetivo que é a aprendizagem, e que o indivíduo possa ser consciente da sua autonomia através do lúdico por meio da utilização dos jogos e das brincadeiras. Enfatizando sobre a importância da atividade lúdica no processo de ensino/aprendizagem como possibilitadora do desenvolvimento integral da criança.

O presente artigo tem como tema central o lúdico no processo de aprendizagem na educação infantil, brincar é uma atividade que já faz parte do mundo das crianças, e se tem continuidade na escola, poderá em muito contribuir para que elas aprendam melhor, se socializem com mais facilidade, aprendam a tomar decisões e adquiram maior percepção em relação ao mundo dos adultos, além da satisfação de poder aprender e continuar aprendendo.

O objetivo da pesquisa e refletir sobre a importância dos jogos e das brincadeiras, numa perspectiva lúdica, no processo de ensino aprendizagem da criança na educação infantil. Como se ampara a pesquisa bibliográfica, qualitativa e virtual, a fundamentação teórica se fortalece com teóricos como: Pereira (2005), Barbosa (2010), Almeida (2009), entre outros autores de renome.

Com isso, a motivação acadêmica surgiu por meio de muitas inquietações despertadas durante o curso de pedagogia, como também da vivência e experiência como estagiária em sala de aula. Sendo assim, justifico a escola do tema por influir

diretamente no desenvolvimento e na capacitação da criança de modo geral, tornando-a mais inserida no contexto social.

Para substanciar a investigação, utilizamos metodologicamente os procedimentos de pesquisa bibliográfica, qualitativa e pesquisa virtual, objetivando analisar o desenvolvimento infantil por meio da educação lúdica.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro momento constitui-se a introdução, trazendo informações, sequência e toda a estrutura do presente artigo. No primeiro tópico aborda sobre a revisão de literatura, o que é o lúdico, a ludicidade na educação infantil, e as contribuições das atividades lúdicas. Em seguida, no segundo tópico destaca as metodologias de ensino, no terceiro tópico, expõem-se os resultados e discussão do trabalho, por fim, trazem-se as considerações finais acerca da temática abordada.

REVISÃO DE LITERATURA

Conceituando o lúdico

Apresentar uma definição sobre o lúdico hoje, principalmente no que se refere à educação infantil, não tem sido uma tarefa fácil, tendo em vista que várias são as enfoques e estudos sobre o tema, isso demonstra que a palavra "lúdico" vem do latim (*ludus*) e, segundo Ximenes, significa "tudo o que é

relativo a, ou que tem caráter de jogo, divertimento ou brincadeiras" (2000, p. 591).

Diante o contexto, torna-se relevante destacar que, a partir do entendimento supracitado, entende-se que a ludicidade é, de forma concreta, a vivência familiar e social que a criança estabelece na relação diária com os demais, desde os mais íntimos e simples afetos e ações que são dispensadas a criança a partir dos primeiros dias de vida, quando se coloca à disposição da criança, brinquedos e diversos com os quais ela interage.

De acordo com Kishimoto "a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento por contar com a motivação interna, típico do lúdico" (1990, p. 37). Nesse sentido, é preciso que o professor esteja atento a esta necessidade e se programe para oferecer a criança, as mais variadas situações lúdicas a partir do jogo ou de brincadeiras diversas durante as aulas e recreação.

Redin ressalta a importância dessa condição infantil, frisando que:

O lúdico é a mediação universal para o desenvolvimento e a construção de todas as habilidades humanas. De todos os elementos do brincar, este é o mais importante: o que a criança faz e com quem determina a importância ou não do brincar. O lúdico é um típico divertimento da infância, é uma atividade natural da criança, que não implica em compromissos, planejamento e seriedade

e que envolve comportamentos espontâneos e geradores de prazer (2000 p. 39).

Portanto, é fácil compreender que, em todas as aprendizagens se encontra o aspecto lúdico, onde o sujeito, alegre e/ou prazerosamente, aprende e desaprende para aprender outra vez. O lúdico tem essa capacidade; articular os saberes e condicionar o sujeito ao desenvolvimento de suas capacidades motora, cognitiva e psíquica.

Nesse sentido, é a partir da infância que toda essa condição humana se estabelece e, quando há a estimulação a partir de procedimentos práticos, o lúdico assume o papel central na organização e estruturação da aprendizagem da criança. Assim, conceituar o lúdico pode não significar muito, tendo em vista que, o desenvolvimento da criança está, quase que totalmente, relacionado à ludicidade, principalmente, no contexto da instituição escola com as suas diversificadas práticas pedagógicas.

Entretanto, para Gaspar, "uma forma corriqueira de se definir ludicidade, é dizer que lúdico é aquilo que dá prazer e que traz alegria" (2011, p. 12). Entende-se, no entanto, que nessa perspectiva a ludicidade seria um propiciador da alegria que se estabelece entre as pessoas em determinadas situações. Situações essas do tipo, entre uma pessoa e um animal, uma criança e um brinquedo, ou seja, o lúdico está atrelado a todas, pelo menos é o

que se espera as situações agradáveis que nos proporcionam bem estar.

Para tanto se sabe que o descobrir e o aprender faz parte da vida do ser humano, o contato, bem como o convívio com seus semelhantes favorece essa relação com o novo, o despertar para aquilo que não se sabe, mas que se quer descobrir. O homem está intrinsecamente ligado à aprendizagem, a procura, a descoberta, logo a apropriação dos conhecimentos por ele buscados, e é essa busca que lhe garante a sobrevivência e a integração no meio em que vive como um ser participativo, crítico e criativo. E sendo tudo isso atrelado à atividade lúdica, tal busca flui em seu dia a dia sem mesmo o notar.

Pode-se perceber que o lúdico tem a capacidade de permitir um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da capacidade criadora, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar aquilo que é real. Se bem inserida e, principalmente, se bem compreendida, a educação lúdica terá grande contribuição para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores. Pois, o lúdico tem grande contribuição para o desenvolvimento das crianças na sociedade.

As situações lúdicas além de trazer prazer e diversão se revela também um desafio provocando um pensamento reflexivo na criança, também proporcionam um estado de estrema felicidade, que são difíceis de encontrar em outras atividades do meio escolar. De acordo com Dallabona e Mendes:

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão de mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino quer na qualificação ou formação crítica do educando (2004, p. 2).

Com essa ótica, na prática da atividade lúdica, não é apenas o produto da atividade nem o que dela resulta que se deve ser valorizado, mas a própria ação, ou seja, o momento vivido. Pois, possibilita a quem a vivencia, momentos de encontro conseguem mesmo, e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, em suma, momentos de vida.

Há reflexões sobre a utilização de materiais e atividades lúdicas no sentido de tornar o ensino aprendizagem um processo dinâmico e significativo. Talvez por isso o lúdico esteja hoje tão presente nos debates e discussões acerca deste assunto.

Hoje, o lúdico é apenas uma forma de distração, de fazer passar o tempo, de ocupar a criança. É a partir deste conceito que se faz necessário compreender que atividades lúdicas são imprescindíveis na vida da criança, não apenas como um momento de distração e prazer, mas principalmente como um facilitador da aprendizagem.

A ludicidade na educação infantil

O lúdico é uma importante ferramenta na mediação do conhecimento, pois enquanto a criança brinca com material concreto, jogos, ou seja, tudo o que ela possa manusear ela está sendo estimulada a refletir e reorganizar; por outro lado se a brincadeira é de faz de conta o estímulo é voltado para recriar e o inventar, e assim se pode dizer, imaginar fantasiar.

A partir das ideias acima, verifica-se que as atividades quando entrelaçadas com o lúdico a aprendizagem acontece com mais facilidade e entusiasmo, pois a criança aprende sem perceber, pois ela aprende brincando. Nestes termos o que se vê é que o brincar (jogo) enriquece a dinâmica das relações sociais em sala de aula (mas também fora dela), como na brinquedoteca fortalecendo a relação entre o ser que ensina e o ser que aprende.

Segundo a visão de Kishimoto, "a brinquedoteca deve ser na escola, um lugar integrado a uma proposta pedagógica que incorpora o lúdico como eixo do trabalho infantil" (2002, p. 23). Por meio desta afirmação o que se pode dizer é que essa é uma visão viável, pois muitas vezes algumas crianças só têm a escola para se soltar e interagir com seus colegas através da brincadeira.

Piaget enfatiza que, "a criança ao brincar externa traços de sua aprendizagem através da interação com atividade lúdica que está sendo desenvolvida" (1975, p. 55). Pode-se perceber a validade do pensamento de Piaget, quando se tem em sala de aula crianças consideradas como introvertida na sua vida cotidiana, contudo, quando envolvidas em atividades lúdicas conseguem expor de maneira sucinta sua capacidade de aprendizagem.

Percebe-se que a presença da ludicidade na educação infantil é algo que vem sendo trazido aos poucos para a realidade, em vista que após essa emancipação dos jogos tecnológicos, algumas escolas ainda resistem, e, isso envolve tanto os profissionais da educação quanto a família que acredita na ideia de que a escola e a brincadeira são vistas como instâncias distintas.

O brincar consiste em um excelente método que facilita a aprendizagem das crianças na educação infantil, pois o educador, por meio desse método poderá propiciar situações que despertem nas crianças o respeito interpessoal de ser e de estar com os outros, priorizando a aceitação, confiança e o acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. De acordo com Debortoli

Brincadeira na escola, só se tiver uma utilidade clara: domar o caráter, aprender e competir, compreender que nem todos vencem, desenvolver habilidades e comportamentos auxiliar outras aprendizagens escolares, aliviar tensões de aulas chatas e sem significado para as crianças (2006, p. 84).

Sendo assim, percebe-se a presença dos jogos e das brincadeiras livres na escola, muitas vezes, é perda de tempo, ou, simplesmente, as brincadeiras são atividades que serviam para ocupar um espaço de tempo livre ao final da aula. A busca pelo conhecimento e a aprendizagem são ignoradas, pois ao brincar livremente a criança não apenas se diverte, mas também aprende.

São poucas as atividades que permitem a manifestação do imaginário infantil por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente pelo professor. Entre professores e pais, há uma presença acentuada da ideia de que o jogo infantil é perda de tempo na escola e que deve ser utilizado quase exclusivamente em momentos de lazer e descanso (Silva, 2011).

Na escola a ludicidade deve acontecer nos momentos de brincadeira livre como o recreio, e nas atividades fora e dentro de sala de aula. Mas, também é possível se constatar o ato de ludicidade em forma de atividades direcionadas desde a chegada dos alunos. Assim, complementa Pereira

As atividades lúdicas são muito mais que momentos divertidos ou simples passatempos e, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si; possibilitam, ainda, que educadores e educandos se descubram, se integrem e encontrem novas formas de viver a educação (2005 p. 19-20).

Ainda de acordo com Pereira (2005), considera as atividades lúdicas como uma possibilidade de entrega que é transcorrida pelos símbolos, sonhos, desejos, necessidades, dores e alegrias; uma integração conosco e com o outro, em uma troca implícita e expressiva.

Ao se considerar que as atividades lúdicas transpõem o fazer mecânico, o fazer por fazer, cabe ressaltar o quão importante é que o professor não utilize as atividades lúdicas apenas como um passatempo em sua prática, mas como um momento de interagir, de estabelecer trocas e de compartilhar. "A atividade lúdica quando bem aplicada desencadeia momentos de integração dos pensamentos, dos sentimentos e dos movimentos em sua prática pedagógica cotidiana" (Silva, 2011, p. 27).

Para Modesto e Rubio, "a discussão sobre a importância dos jogos e brincadeiras na educação vem se consolidando, pois, as crianças apresentam nessas atividades grande capacidade de raciocinar e resolver situações-problemas" (2014, p. 03). Entretanto, nem todos os educadores conseguem perceber a importância da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, os profissionais da educação que se veem comprometidos com a qualidade de sua prática pedagógica, reconhecem de imediato a importância do lúdico como veículo para desenvolvimento social, intelectual e emocional de seus alunos. Para entender o universo da ludicidade é necessário

compreender que ele envolve os jogos, os brinquedos e as brinçadeiras.

Sendo assim, vê-se que essas atividades são relevantes para a formação da criança, pois contribuem para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança. Como já foi dito o uso do lúdico no âmbito escolar, faz da sala de aula um espaço de reelaboração do conhecimento vivencial e constituído, pois, a criança que convive com atividades lúdicas percorre de forma natural o caminho pela busca de uma autoafirmação social, dando a ela continuidade nas suas ações e atitudes, possibilitando o despertar para aprender.

As contribuições das atividades lúdicas

O brincar é uma atividade constante na vida de toda criança, algo que lhe é natural e muito importante para o seu desenvolvimento. As brincadeiras, para a criança, constituem atividades primárias que trazem benefícios do ponto de vista físico, intelectual e social e a maneira como a mesma brinca reflete sua forma de pensar e agir. Para Negrine

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a

motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança (1994, p. 19).

Com essa ótica, o lúdico é uma atividade de grande eficácia na construção do desenvolvimento infantil, pois o brincar gera um espaço para pensar, e que por meio deste a criança avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, satisfaz desejos, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade.

As interações que o brincar e o jogo oportunizam favorecem a superação do egocentrismo, que é natural em toda criança, desenvolvendo a solidariedade e a socialização. A capacidade de brincar possibilita às crianças um espaço para resolução dos problemas que as rodeiam. A criança, por meio da brincadeira, reproduz o discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento. De acordo com Vygotsky

A brincadeira cria para as crianças uma "zona de desenvolvimento proximal" que não é outra coisa senão a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz (1984, p. 97).

Portanto, é por meio das atividades lúdicas, que a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz de conta, são reelaboradas. Esta representação do cotidiano se dá por meio da combinação entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real, de acordo com suas afeições, necessidades, desejos e paixões. Estas ações são fundamentais para a atividade criadora do homem.

Negrine (1994), em estudos realizados sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil, afirma que quando a criança chega à escola, ela já traz consigo toda uma história prévia que foi construída a partir de suas vivências, sendo elas em grande parte vividas por meio de atividades lúdicas. A brincadeira lúdica amplia sua importância, deixando de ser um simples divertimento e tornando-se uma ponte entre a infância e a vida adulta.

Através do brincar, a criança inicia sua integração social; aprende a conviver com os outros, a situar-se frente ao mundo que a cerca. Portanto, o brincar possibilita o desenvolvimento integral da criança, já que ela se envolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente, tudo de uma maneira envolvente, em que desprende sua energia, imagina, constrói suas normas e cria alternativas para resolver imprevistos que surgem no ato de brincar.

Por essa razão, Callois *apud* Ferreira (1999), afirma que: O brinquedo não se constitui numa aprendizagem do trabalho. Ele não prepara um ofício definido, mas admite que possa introduzir na vida em seu conjunto geral fazendo crescer as capacidades de superar os obstáculos ou de enfrentar dificuldades.

Portanto, o brincar facilita a compreensão da realidade, é muito mais um processo do que um produto, não é o fim de uma atividade ou o resultado de uma experiência, por ser essencialmente dinâmico. Brincar possibilita a emergência de comportamentos espontâneos e improvisados, exigindo movimentação física, emocional, além de provocar desafio mental. E neste contexto, a criança só ou com companheiros integra-se ou volta-se contra o ambiente em que está.

De acordo com Malaquias e Ribeiro (2013), a introdução do lúdico na vida escolar do educando torna-se uma forma eficaz de repassar pelo universo infantil para imprimir-lhe o universo adulto. Promover uma alfabetização significativa à prática educacional. Almeida complementa que "as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, porque colabora na sua formação seu desenvolvimento pessoal e consequentemente no desenvolvimento de uma autoestima satisfatória" (2014 p. 25). Ainda na visão de Almeida, "a educação lúdica contribui e influência na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático

enquanto investe em uma produção séria do conhecimento[...]" (2008, p. 41).

Barbosa explica que "o lúdico auxilia no desenvolvimento da criança, pois através dele ela consegue aprender com mais facilidade, com os jogos e brincadeiras, além de uma prática de atividade física, promove também, um estímulo intelectual e social" (2010, p. 7). Ou seja, o lúdico é um instrumento metodológico que possibilita as crianças a terem uma aprendizagem significativa por meio do relacionamento com os outros, assim promove maior desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo. O lúdico é um método importante para o desenvolvimento do aluno na educação infantil, porém é necessário proporcionar ao mesmo um ambiente descontraído para estimular o interesse, a criatividade e a interação dos alunos proporcionando assim uma aprendizagem de qualidade.

Para Kishimoto

[...] O lúdico é o amplo conhecimento adquirido através das brincadeiras, ou seja, é um conhecimento específico das crianças que brincam, e é fundamental que ela adquira essa bagagem de informações lúdicas, pois é isso que a tornará um ser brincante ativo (2010, p. 30).

Pode-se perceber que o brincar, se ele qual for tem poder de transformar a vida da criança e fazer com ela se sinta feliz, tenha entusiasmo para aprender sempre mais e coragem para enfrentar desafios.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia aplicada neste trabalho foi baseada na pesquisa bibliográfica qualitativa e virtual, através de pesquisas em revistas pedagógicas, sites da Internet entre outros. Segundo Gil, "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos relacionados com o estudo em questão" (1991, p. 48).

Posto dessa forma assumiu-se o posicionamento de Ludke e André, "para a pesquisa qualitativa é aquela que tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, que supõe o contato direto e prolongado com o ambiente e a situação que está sendo investigada (1986). Em Torres temos que, "metodologia nas ciências sociais não é apenas uma mera ferramenta que o investigador utiliza objetivamente para testar as suas hipóteses" (2014, p. 67).

Segundo Ferreira, Torrecilha e Machado, a técnica de observação é utilizada em diversas áreas de conhecimento, visto que a mesma possibilita ao pesquisador extrair informações de grupos e situações. As observações podem ser estruturadas, semiestruturadas ou não estruturadas, ou seja, o pesquisador pode ir a campo com um roteiro previamente estabelecido ou sem

ele (2012, p. 3). "A observação não estruturada, o observador age livremente observando e decidindo o que pode ser significativo" (Ferreira; Torrecilha; Machado, 2012, p. 4).

Nesse sentido, Severino entende os métodos como sendo "[...] os procedimentos mais amplos de raciocínio, enquanto técnicas são os procedimentos mais restritos que operacionalizam os métodos, mediante o emprego de instrumentos adequados" (2007, p. 162). Embora atribuindo significados diferentes aos termos método e técnica.

Nessa perspectiva, a intenção da pesquisa apresenta-se, como uma possibilidade de resposta aos anseios, questionamentos e inquietudes intelectuais oriundos da experiência de vida, acadêmica e profissional.

Ao longo desta pesquisa foi possível reconhecer a função que a brincadeira assume no desenvolvimento infantil e compreender que o ato de brincar é imprescindível para satisfazer as necessidades das crianças. As brincadeiras proporcionam um trabalho múltiplo, pois é por meio do movimento que aprimora a motricidade, do faz de conta, estimula a imaginação, através dos papéis traduz o que é do mundo real para a sua realidade infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O lúdico é um recurso pedagógico importante frente às dificuldades de aprendizagem, pois a criança pode ser trabalhada na individualidade ou em grupos com o objetivo de corrigir e solucionar o que é de real dificuldade em seu processo de aquisição da leitura e escrita. A aposta desta pesquisa foi a de contribuir com o reforço desta ideia, daí a escolha do nosso tema. Entretanto, o trabalho procurou mostrar o papel do professor como mediador de ações, gerador e de formas de atividades para a execução da proposta pedagógica. Argumentamos que os jogos e as brincadeiras na sala de aula, quando trabalhados de forma planejada, promovem a interação e a construção do conhecimento da realidade vivida pelas crianças.

Reitera-se que a importância do lúdico está nas possibilidades de aproximar a criança do conhecimento científico, levando-a a vivenciar situações. Sendo assim, ela é colocada diante de atividades que lhe possibilitará a utilização de conhecimentos prévios que já tem consigo, para a construção de outros mais elaborados no futuro. Vale considerar que a inclusão da ludicidade no planejamento escolar e nas atividades desenvolvidas na sala de aula, resulta na promoção de uma educação eficaz e mais significativa na vida da criança.

A mentalidade tradicionalista instituída por alguns professores pode vir a ter mais reflexos negativos, comparado a

aqueles que buscam por meio de metodologias diversificadas atrelarem o processo de ensino e aprendizagem a um ato prazeroso para ambas as partes, buscando potencializar o desenvolvimento de seus alunos com atividades lúdicas, enriquecendo cada vez mais o repertório cognitivo.

A Educação Infantil é a base para a educação de qualquer indivíduo, portanto é essencial que trabalhos nesta área sejam desenvolvidos de modo a explanar a importância desta fase, assim, como apresentar técnicas que professores possam fazer uso e auxiliem o desenvolvimento da criança. O lúdico contribui para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, favorecendo a criatividade e iniciativa das crianças na expectativa de aprender a aprender e aprender a conviver.

Por meio do brincar, as crianças equilibram as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua marca pessoal e sua personalidade. Aprender brincando, é um enunciado que contempla a lógica do Princípio da Ludicidade que permeia as práticas pedagógicas na Educação Infantil.

Assim, este trabalho apresenta-se como relevante, pois, por meio da concretização do mesmo espera-se que possa provocar outras inquietações, novos estudos e (re) construção de conhecimentos sobre a utilização do lúdico na Educação Infantil no processo educativo de forma coerente, dinâmica e flexível, visando à promoção de um ambiente favorável à qualidade da aprendizagem, bem como, à formação plena dos alunos,

enquanto sujeitos críticos e ativos no meio social do qual fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização das atividades lúdicas vem permeando os ambientes das universidades, pois, com tantos estudos valorizando o brincar como forma de aprendizagem significativa, percebesse-se neste movimento a preocupação com a formação dos profissionais que irão atuar neste ambiente lúdico de forma que estejam implicados no processo educacional da criança, e saibam efetivamente transformar a atividade lúdica em instrumento de aprendizagem e, sobretudo de potência de vida da criança.

O assunto abordado nesta pesquisa proporcionou uma visão mais profunda sobre a importância da utilização do lúdico para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Pois, partindo do princípio de que o brincar é da natureza de ser criança, pode-se perceber as múltiplas formas das mesmas verem e interpretarem o mundo,

Assim, foi possível visualizar a importância do lúdico aliado aos jogos e brincadeiras, pois os mesmos auxiliam no desenvolvimento e na autonomia da criança. Desta forma o estudo constatou que ensinar ludicamente através dos jogos e brincadeiras torna a aprendizagem da educação infantil

significativa e prazerosa, porque ambas proporcionam um aprendizado sem cobranças.

Em nível mais complexo, acredita-se que o lúdico é um ingrediente indispensável no cotidiano escolar, pois ele favorece o relacionamento entre as pessoas, afetividade, prazer, autoconhecimento, cooperação, autonomia, imaginação e criatividade. Permite que as crianças construam por meio da alegria e do prazer, seus conhecimentos, abrindo caminhos para que elas possam reconhecer-se como sujeitos e autores sociais plenos, fazedores da própria história e da história do mundo que as cercam.

Nesse sentido, espera-se que este trabalho sirva aos educadores e a todas as demais pessoas que dele se utilizarem, para que busquem uma educação mais emancipadora e humanizadora, tornando a aprendizagem um processo prazeroso, visando à compreensão e a construção do educando como um agente transformador de seu meio. A partir deste estudo, acredita-se que a verdadeira educação libertadora é aquela que permite às pessoas deixarem de serem "objetos" para se tornarem "sujeitos" de sua própria história e da história da sociedade.

Conclui-se que, o lúdico na educação infantil, em situações educacionais, proporciona não só um meio real de aprendizagem como permite também que os professores perceptivos e competentes aprendam sobre as crianças e suas necessidades. As

atividades lúdicas favorecem para o crescimento intelectual e físico da criança, colaborando para sua formação, inserindo-a no ambiente social, contribuindo também para o desenvolvimento da sua autoestima.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ludicidade como instrumento pedagógico. 2008. Disponível em: http://www.cdof.com.br/recrea22.htm. Acesso em: 12 jul. 2022.

ALMEIDA, A. M. da S. A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança. 2014. Disponível em: http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-import%C3%A2ncia-do-l%C3%BAdico-para-o-desenvolvimento-da-crian%C3%A7a.aspx cesso em: 02 de jul. de 2022.

BARBOSA, A. P. M. Ludoteca: um espaço lúdico. 2010. Disponível em:http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ANA%20 PAULO%20MONTOLEZI.pdf. Acesso em: 20 jul. de 2022.

CAILLOIS, R. Os jogos e os homens. Lisboa: Cotovia, 1999.

DEBORTOLI, J. A. O. As crianças e a brincadeira. *In*: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (Org.). **Desenvolvimento e aprendizagem**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006.

DALLABONA, S. R.; MENDES, S. M. S. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, v. 1, n. 4, p. 107-112, jan./mar. 2004.

FERREIRA, L. B.; TORRECILHA, N.; MACHADO, S. H. S. A **Técnica De Observação Em Estudos De Administração**. 2012. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_EPQ482.pdf. Acesso em: 03 jul. de 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GASPAR, A. S. **O lúdico na Educação Física Infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) -

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em:

http://www.uel.br/cef/demh/.../alessandra_gaspar_lef200_2011 .pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 2002.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** UNISUL, 2010. Disponível em:

https://www.unisul.br/wps/wcm/connect/4b738da1-647d-46ad-bd7e-

ae486e5dee55/brinquedos_e_brincadeiras.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em: 14 ago. 2022.

KISHIMOTO, T. O brinquedo na educação: Considerações históricas. *In*: **O cotidiano na pré-escola.** São Paulo, FDE, 1990.

KNEBEL, C. O lúdico na educação infantil: uma visão psicopedagógica. **Travessias**, Cascavel, v. 8, n. 3, 2014. Disponível em: https://e-

revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10952. Acesso em: 2 ago. 2022.

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MODESTO, M. C.; RUBIO, J. de A. S. A Importância da Ludicidade na Construção do Conhecimento. São Paulo: São Roque. 2014.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil**: Simbolismo e Jogos. Porto Alegre: Prodil, 1994.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro. Zahar. 1975.

PEREIRA, L. H. P. **Bioexpressão:** a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores, 2005, 388p. Tese (doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança**: se der tempo a gente brinca. Porto Alegre: Mediação, 2000.

RIBEIRO, S. de S. A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância. 2013.

SILVA, F. F. da. A Vivência Lúdica na Prática da Educação Infantil: Dificuldades e Possibilidades Expressas no Corpo da Professora. Originalmente apresentada como Dissertação de mestrado, Programa de pósgraduação, UFSJ. São João Del-Rei. 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TORRES, L. L. (Orgs.). Metodologia de investigação em ciências sociais da educação. Portugal: edições húmus, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

XIMENES, S. Minidicionário da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

CAPÍTULO 9

O LÚDICO NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS: MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

Amanda Cristina Bezerra Belinho Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 9

O LÚDICO NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS: MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

Amanda Cristina Bezerra Belinho²¹ / Genilda de Brito Lopes²²

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico tem como tema central: O lúdico na formação das crianças: múltiplas possibilidades de aprendizagem, busca discutir sobre a importância da ludicidade na prática diária dos professores, e de que forma o mesmo pode contribuir na aprendizagem dos alunos. O lúdico favorece um aprendizado que desperta nas crianças inúmeras possibilidades de se apropriar dos conteúdos.

As brincadeiras fazem parte do cotidiano das crianças de todas as classes sociais e quando incluída no processo de ensino auxilia as mesmas a se desenvolverem e a socializarem melhor o

²¹ Graduanda em pedagogia. E-mail: amandacristinabezerracunha@gmail.com.

 ²² Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 - Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

conhecimento. A relação desenvolvida entre a criança e os objetos a sua volta faz com que ela compreenda o significado das ações por ela praticada.

Durante a pesquisa realizada, ficou evidente que o lúdico é promotor de aprendizagem, ajuda a criança a ampliar sua visão sobre as coisas, a explorar mais o ambiente alfabetizador. Se faz necessário uma prática pedagógica que busque envolver o aluno em diversas situações que o permita participar de maneira ativa em sala de aula. Quando utilizado de forma eficiente, o lúdico poderá se tornar um recurso de fundamental importância na aprendizagem das crianças.

Ao trabalhar por meio de atividades lúdicas, os professores conseguem melhorar não só a saúde intelectual das crianças como também a saúde física das crianças, fazendo com que as elas sejam capazes de realizar as atividades propostas sem muitas dificuldades. Para isto é preciso incentivar e estimular para que busquem aprender cada vez mais. Sabemos que o processo de ensino é complexo e exige metodologias desafiadoras por parte dos educadores, cabe a estes a responsabilidade de elaborar estratégias de ensino dinâmicas e eficientes, que garantam uma aprendizagem satisfatória pelo educando.

É de inteira importância que a escola ofereça as condições necessárias para o desenvolvimento das atividades lúdicas, sabendo que estas podem melhorar a memória, a coordenação motora, o raciocínio lógico, além de ajudar a desenvolver a consciência e propiciar aos alunos a satisfação no que fazem. É por isso que desde cedo, a criança precisa ser inerida em situações de aprendizagem que sejam estimulantes e significativas para elas. Segundo Queiroz, "a atividade lúdica é essencial para a criança porque estimula a inteligência, a imaginação, a criatividade, ajuda o exercício a concentração e atenção, favorecendo a formação da motricidade infantil" (2009, p. 21).

Com isso, o lúdico, além de proporcionar a construção do conhecimento de forma prazerosa, promove a interação entre as crianças, ou seja, na medida que a criança vai interagindo cada vez mais vai aperfeiçoando o que aprendeu, neste momento, os educadores vão estimulando cada vez mais para que os educandos possam ir construindo novos saberes. Quando planeja, os professores trabalham o lúdico de maneira significativa, permitindo as crianças interagir e ampliar seu conhecimento sobre de um determinado assunto.

Posto isto, o artigo aqui apresentado tem como objetivo contribuir com possibilidades de desenvolvimento integral das crianças, ampliando suas habilidades e favorecendo um aprendizado mais dinâmico e prazeroso. A pesquisa foi embasada a partir de diferentes autores a fundamentação teórica se fortalece com teóricos como: Kishimoto (2000), Matos (2013), Santos (2012), Dias (2013), entre outros de renome, por meio de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, onde os diversos autores expressaram suas opiniões a respeito do ensino intermediado

pelo lúdico e suas contribuições para o avanço das potencialidades dos indivíduos durante o processo de ensino aprendizagem.

Desse modo, esse artigo tem como propósito permitir ao leitor compreender o lúdico como uma proposta pedagógica inovadora que tem a finalidade de fazer com que o aluno possa construir conhecimentos e explorar o mundo a sua volta. É preciso que os professores possuam a formação necessária para atuar junto as dificuldades apresentadas pelos mesmos e garantir as condições necessárias para que eles possam atuar na sociedade em que vivem.

REVISÃO DE LITERATURA

A ludicidade na educação infantil

Trabalhar o lúdico no ensino infantil é algo desafiador, pois, quando bem planejado e direcionado pode proporcionar condições para que as crianças possam desenvolver o seu emocional, cognitivo, social, motor e físico. O brincar tem se tornado uma prática cada vez mais presente na sala de aula, isso ocorre devido ao fato de que a mesma vem contribuindo com o desenvolvimento integral da criança.

Além disso, por serem crianças ainda muito pequenas, as atividades dinâmicas são geralmente a melhor opção didática

porque geralmente o professor consegue uma atenção maior por parte delas. Quanto mais envolvidas as crianças estiverem melhor serão os resultados alcançados. É preciso que as atividades estejam de acordo com a idade e com o nível de cada uma delas, isso facilita o trabalho do professor.

Segundo Santos, "o lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento" (2002, p. 12).

Nesse sentido, o lúdico é uma ferramenta pedagógica que proporciona um aprendizado essencial na formação das crianças, principalmente nesta fase onde as mesmas passam maior parte do tempo brincando, é neste momento que o professor deverá fazer as intervenções necessárias para que os conteúdos sejam aplicados. Na educação infantil, as atividades lúdicas serão trabalhadas por meio de jogos, brinquedos, brincadeiras, música e a contação de histórias também pode ser uma opção. Essas atividades não podem ser aleatórias, precisa estar associada aos conteúdos. Segundo Afonso, "devem-se buscar estratégias criativas e produtivas para trabalhar com a dimensão nos diferentes contatos educacionais para fins eticamente válidos, preservando assim, a dimensão lúdica da aprendizagem" (2013, p. 46).

Assim, ao mesmo tempo em que faz uso do brinquedo, a criança consegue estabelecer relações e formar um pensamento significativo a respeito do conteúdo estudado. O objetivo do lúdico é, envolver as crianças em situações de aprendizagem. De acordo com a LDB nº 9.394/96, em seu artigo 29, a finalidade da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade. O que tornou significativo a infância, favorecendo a educação, interação e o aprendizado.

É sempre bom lembrar que a instituição escolar tem o dever de propiciar um ambiente que possibilite as crianças ampliar o seu conhecimento e se apropriar do mundo a sua volta. O lúdico é um método de ensino que desperta nas crianças sua curiosidade e atenção para realizar as atividades, além disso, os professores conseguem falar numa linguagem mais infantil, onde as crianças conseguem compreender melhor e se sentirem seguras na hora que necessita tirar as dúvidas.

Como sabemos, a educação infantil é à base da formação de todo individuo, por isso, as instituições de ensino precisam proporcionar métodos de ensino que permita aos alunos desenvolver sua imaginação e curiosidade. O lúdico também pode promover uma aprendizagem significativa e provisória, ao utilizar os jogos e brincadeiras como ferramenta para ensinar as crianças a desenvolverem suas habilidades, contribuindo para o crescimento das mesmas. Para Neiva, "o brincar é uma forma de

linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro e com o mundo, é através dos jogos, do brincar que a criança vai construindo seu mundo, ter conhecimento sobre a realidade em que vive" (2005, p. 21).

As crianças quando estimuladas por meio do lúdico aprendem de maneira satisfatória e descontraída. Os recursos utilizados pelos professores em sala de aula possibilitam adquirir autoconfiança nas ações que elas realizam, e dessa forma passa a expressar cada vez melhor os seus pensamentos.

Ao inserir o lúdico no ambiente escolar, os professores permitem que as crianças sejam inseridas no processo de aprendizagem. Quanto mais as aulas forem dinâmicas e atrativas, melhor será o resultado. As aulas podem ser por meio de diferentes tipos de jogos, quebra-cabeças, futebol, teatro com fantoches, cantigas de roda, músicas infantis, enfim, a metodologia utilizada faz toda a diferença na hora de ensinar.

Cabe ao professor, criar situações que possam envolver todas as crianças e tenha algum significado para as mesmas. É preciso criar um espaço para realização das atividades e organizar os materiais que serão utilizados. Ao introduzir o lúdico no processo de ensino, o educador promove o desenvolvimento da criança e possibilita uma aprendizagem prazerosa. No processo de ensino aprendizagem é importante que os professores priorizem o lúdico como instrumento

pedagógico que pode proporcionar a aquisição do conhecimento por parte das crianças.

Considera-se que, a criança, aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano inteiro com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais, pois o brinquedo desempenha um papel de grande relevância para desenvolvê-la. Segundo Kishimoto

O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos, como xadrez e jogos de construção exigem, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio objeto e suas regras (2000, p. 18).

Nesse contexto, ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e o desempenho de ações sensóriomotoras (físico), e as trocas nas interações (social), ou seja, o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Conceituando o lúdico

A história do uso do lúdico no processo de ensino e aprendizagem tem sua utilidade desde os primórdios, passando pela Idade Média até os dias atuais com o objetivo de buscar um melhor aprendizado dos alunos. A palavra "lúdico" se origina do latim, que significa brincar. Neste sentido o brincar estar relacionado há uma atividade que oportuniza prazer e diversão para aqueles que estão envolvidos. A iniciativa do lúdico na escola valoriza o desenvolvimento a criatividade ajuda na aprendizagem da criança, e na educação infantil, as atividades lúdicas são mais empregadas no aprendizado e forma que elas interagem umas com as outras, desempenham papéis sociais, desenvolvem a imaginação, criatividade e capacidade motora e de raciocínio, enfim, o lúdico no desenvolvimento da criança como um ser em construção para a vida pessoal e em sociedade. De acordo com Wajskop

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação, imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos (2012, p. 41).

Nesse caso, convém salientar que, o brincar para a criança é uma forma de viver o real de maneira fictícia, que a criança expõe desejos, emoções, sentimentos que em muitas outras formas de lecionar não é possível identificar isso. Desta maneira o professor está ajudando a criança imaginar, pensar, aprender a trabalhar em grupo, está possibilitando a criança ter noção de que brincar é conhecer o novo atrativamente, consciente de que o brincar é coisa séria.

Na visão de Wajskop, "era a de que desde os primórdios da educação greco-romana, com base nas ideias de Platão e Aristóteles, utilizava-se o brinquedo na educação. Associando a ideia de estudo ao prazer, Platão sugeria ser, o primeiro, ele mesmo, uma forma de brincar" (2012, p. 38). Desta forma, vê-se que antes disso as brincadeiras já não eram consideradas apenas momentos de recreação, e passou a ser valorizada como uma atividade pedagógica que dá o auxílio ao desenvolvimento da criança prazerosamente. Como afirma Feijó, "o lúdico é uma ferramenta básica da personalidade, do corpo e da mente, fazendo parte das atividades essenciais da dinâmica humana, caracterizada por se espontânea, funcional e satisfatória" (1992, p. 02).

É preciso considerar o brincar como um dos meios encontrados pelos professores para despertar nas crianças o desejo de aprender. Pois, a partir da manipulação dos objetos a sua volta, a criança vai construindo conceitos, se permitindo

conhecer novos saberes que são essenciais para a sua formação. Além de estimular a curiosidade das crianças, permitindo que as mesmas possam ir além das suas possibilidades.

O uso do lúdico embora tão utilizado em todas as épocas, perpassando por vários sistemas, ficou fortalecido com os estudos e pesquisas das áreas das ciências humanas que tratam do desenvolvimento cognitivo da criança. Temos a Psicologia, a Pedagogia e até mesmo a Sociologia estudando como o convívio social das crianças influencia no seu aprendizado, dando ênfase à utilização do lúdico como objeto de estudo e pesquisa para o desenvolvimento da criança.

Os professores deverão estar sempre buscando envolver os alunos em atividades dinâmicas as quais os alunos possam ir a busca do significado. As habilidades dos educandos são construídas ao longo do tempo, por meio dos métodos aplicados em sala de aula. Ao trabalhar o lúdico, o professor propicia o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e socializador na criança, fazendo com que as mesmas se apropriem do conhecimento, transformando o que aprendeu para vivenciar sua realidade.

A criança vai se apropriando e ao mesmo tempo vai associando os conhecimentos aos saberes que elas já possuem. as brincadeiras de certo modo geram uma liberdade a criança de poder expressar seus pensamentos e faz com que elas saiam da rotina.

Dessa forma, é preciso reformular as práticas educativas, oferecendo alternativas para que as crianças possam ter uma participação mais direta na nas atividades, dando ênfase ao lúdico, e sabendo que o brincar, o cantar, os jogos e o dramatizar aproximam a criança do mundo real. Entende-se que o lúdico é uma maneira de melhorar aprendizagem, podendo proporcionar momentos de prazer socializando e interagindo, pois se acredita que ela estimula a imaginação, abre os horizontes, transmitindo conhecimentos, induz a criança a querer aprender cada vez mais. O lúdico é uma das melhores alternativas para as crianças que estão iniciando sua vida escolar, o professor vai adequando os conteúdos e vai deixando as mesmas tirar as informações possíveis contidas nos objetos.

O aluno quando bem informado provoca mudanças no seu ambiente escolar em todos os lugares possíveis. Uma das características do lúdico é, promover o conhecimento, respeitando as crianças e o modo como aprendem, garantir um aprendizado pautado no brincar e na liberdade de expressão. Como afirma Cruz e Praxedes, "os empregos das atividades lúdicas no conteúdo das crianças nos primeiros anos escolares são de suma importância para seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e psicomotor" (2018, p. 187).

Nesse sentido, o lúdico é uma ferramenta para estimular a aprendizagem, pois desperta na criança a vontade de aprender, despertam a curiosidade e a atenção, por ser uma atividade dinâmica, o lúdico promove o desenvolvimento de quase todas as habilidades das crianças. A mediação feita pelos professores de forma planejada promove um ensino de qualidade e proporciona diversos benefícios durante o aprendizado das mesmas.

Segundo Souza, "o lúdico representa para a criança um meio de comunicação e prazer que ela domina ou exerce em razão de sua própria iniciativa" (2015, p. 1). A ludicidade poderá ser uma ferramenta essencial na educação infantil, pois a mesma possibilita a relação da criança com o mundo, como também, passa a ter uma maior liberdade de expressar os pensamentos e formular conceitos, se torna mais criativa e passa a raciocinar melhor sobre o mundo a sua volta.

As contribuições das atividades lúdicas

As contribuições das atividades lúdicas na educação infantil, os professores promovem uma aprendizagem que contribui para a sua formação. O mesmo possibilita a aquisição do conhecimento por parte da criança e promove seu desenvolvimento intelectual. Desse modo, podemos ressaltar que o lúdico proporciona vários benefícios, principalmente quando se trata das crianças do ensino infantil, pois nessa fase elas á brincam, e ao inserir as atividades lúdicas elas passam a sistematizar o conhecimento que elas já sabem. Matos explica que "a ludicidade é uma ferramenta muito importante para a

formação das crianças, pois é através dela que a criança desenvolve seu saber, seu conhecimento e sua compreensão de mundo" (2013, p. 139).

Quando as atividades são lúdicas promove-se um interesse melhor na realização das mesmas. O lúdico proporciona na criança como também no adulto uma troca de aprendizado. Portanto, sua relevância no espaço educacional, se dá, pela sua utilização como uma ferramenta pedagógica, por trazer sentido à aprendizagem proporcionando eficácia e prazer. Segundo Negrine

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem ponderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão vinculadas à inteligência, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, motora, intelectual e motriz da criança (1994, p. 19).

Nesse sentido, o lúdico é uma ferramenta que conduz o aluno a sentir segurança naquilo que está realizando. Os jogos e brincadeiras fazem com que as crianças passem a ser críticos e reflexivos, pois as mesmas se envolvem com as atividades e conseguem realizar com sucesso. Na verdade, um dos maiores objetivos da ludicidade é desenvolver os aspectos sociais, físicos, motores e emocionais da criança. Para Dias, "existem diversas razões importantes para destacar o brincar, desde o prazer até a

importância do desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social da criança" (2013, p. 13).

Ao brincar, a criança se envolve gradativamente os conteúdos e passa a explorar melhor o mundo a sua volta. Quando a criança brinca, ela cria situações imaginárias que lhe permitem operar com objetos e situações do mundo adulto. Seu conhecimento do mundo se amplia, pois ela pode fazer de conta que age de maneira adequada ao manipular objetos com os quais o adulto opera e ela ainda não. Conforme comenta Souza, "o brincar proporciona o prazer e a motivação pessoal que dão origem as ações e explorações que realizam ao longo da brincadeira" (2015, p. 29).

Para criar situações estimulantes, o educador precisa não somente de conhecimentos teóricos obre o nível de desempenho da criança, mas também, de experiências práticas para motivá-las a participarem das brincadeiras, o brincar deve fazer parte do currículo como um todo. É preciso que o professor possa incluir os jogos e as brincadeiras na rotina diária dos alunos, pois ao mesmo tempo que as crianças se divertem elas aprendem e assim vai se apropriando do conhecimento.

Desse modo, ao trabalhar as atividades lúdicas, é possível estimular os alunos por meio de diferentes atividades de maneira que possa ampliar o seu conhecimento e possibilitar a aprendizagem dos conteúdos. É preciso que haja motivação e organização nas atividades para que as crianças possam

compreender qual o objetivo para a realização das mesmas. A criança já possui dentro de si uma capacidade nata, que vai desenvolvendo à medida que vai sendo estimulada pelos professores. Santos afirma que

A ludicidade tem a capacidade de ser trabalhada em sala de aula por mais de uma disciplina, favorecendo a diversidade e contribuindo para que as atividades sejam desempenhadas, de forma que a criança se sinta bem com o novo conhecimento e assim possa estimular para realizar as atividades futuras (2012, p. 3).

Nessa visão, ao permitir que as crianças realizem as atividades lúdicas, o professor possibilita aos mesmos aprender de forma criativa, espontânea, onde possam conseguir expressar o que pensam e ter maior liberdade para realizar as atividades. É nesta fase da pré-escola que o professor deve introduzir o lúdico como método de ensino, o qual conduz a um ensino bem mais atrativo.

Quando o professor trabalha com o lúdico, ele faz com que a criança não fique limitada as atividades prontas e acabadas. É preciso incentivar e estimular as crianças para que elas possam explorar o máximo os recursos lúdicos para criar situações estimulantes, o educador precisa não somente de conhecimentos teóricos sobre o nível de desempenho das crianças, mais também de experiências práticas para motivá-las a participarem das

brincadeiras, e estas devem fazer parte do currículo como um todo.

Portanto, é preciso que os professores possam incluir os jogos e as brincadeiras na rotina diária dos alunos, pois, ao mesmo tempo em que as crianças se divertem elas aprendem, e assim, vão se apropriando do conhecimento. O lúdico contribui para o desenvolvimento das capacidades motoras, físicas e sociais das crianças. Além disso, o lúdico proporciona momentos de prazer e satisfação durante a realização das atividades e auxiliam as crianças no processo de construção do conhecimento.

É importante que desde a pré-escola, os professores envolvam as crianças em atividades pedagógicas que esteja voltada para o desenvolvimento das suas habilidades. A alfabetização só é possível quando a criança consegue compreender os conteúdos e estabelecer relações uma com as outras.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreendermos a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem, foi preciso buscar fontes científicas que pudessem auxiliar de maneira clara e objetiva, como essa ferramenta pedagógica pode assegurar a permanência das

crianças na sala de aula, e ao mesmo tempo, contribuir com seu aprendizado.

Portanto, entende-se que o método é um conjunto de atividades racionais e sistemáticas que possibilita ao pesquisador alcançar os objetivos de modo seguro acerca da problematização do seu estudo. Ademais, "os métodos de abordagem representam os procedimentos racionais e ordenados (forma de pensar), constituídos por instrumentos básicos, que implicam a reflexão e experimentação para se alcançar os objetivos pré-estabelecidos da pesquisa" (Ribeiro, 2013, p. 86).

Este estudo está pautado em uma linha de abordagem metodológica qualitativa. Gil, destaca que "a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a coberta de uma gama de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente" (2009, p. 50). Em Carvalho destacamos que "a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado com o objetivo de analisar posições diversas em relação a determinado assunto" (2011, p. 02).

Sendo assim, realizamos uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, onde fizemos um estudo sobre o tema abordado, buscando compreender o pensamento dos vários autores a respeito do lúdico e em seguida uma reflexão sobre como é possível trabalhar a ludicidade em sala de aula de maneira que possa contribuir para o aprendizado dos alunos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este artigo foi elaborado om o propósito de compreender qual a importância do lúdico durante o processo de ensino e de que forma os professores desenvolvem suas atividades utilizando a ludicidade como ferramenta pedagógica na construção do conhecimento. De acordo com o que foi pesquisado e da opinião de alguns autores, o lúdico consegue envolver todos os alunos em um só direcionamento, na realização das atividades e nas brincadeiras direcionadas pelos professores.

Durante a construção deste estudo, foi possível compreender que o lúdico proporciona um aprendizado onde as crianças conseguem desenvolver suas habilidades e aprendem com maior facilidade. Talvez a resposta para tudo isso seja porque o brincar já é algo que faz parte da vida das crianças antes mesmo delas de chegarem à escola e isto facilita o trabalho do professor. Lembrando que a ludicidade não necessita necessariamente ser trabalhada somente no ensino infantil, nas séries do fundamental pode-se dar continuidade a esta prática. Afinal, para Kishimoto, "por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios pela exploração ainda que desordenada e exerce papel fundamental na construção do saber fazer" (2000, p. 46).

A ludicidade vem ganhando um espaço cada vez maior na sala de aula. Isso se deve a busca constante dos professores por ferramentas pedagógicas mais eficazes, que façam com que as crianças possam aprender com maior clareza e de forma prazerosa. E precisa ser feita de forma prazerosa e com cautela.

O lúdico tem característica própria que é a de possibilitar uma aprendizagem onde a criança possa se apropriar do conhecimento, expressar seu pensamento e modifica-lo constantemente. Existe toda uma interação entre as crianças, o que acaba proporcionando uma maior intensidade nas ações. Por meio do brincar, as crianças vivenciam momentos alegres e exploram com maior facilidade o ambiente a sua volta e desenvolvem um pensamento mais lógico em relação ao tema estudado.

Temos que pensar que a criança é um ser em desenvolvimento constante, sempre está querendo interagir com outras crianças de sua idade, o brincar é uma atividade típica da sua idade, e é nisso que os educadores precisam frisar. Inserir o lúdico nesta fase é garantir uma aprendizagem onde a criança possa fazer uso do próprio contexto de vida em sala de aula, ou seja, algo que faça parte do cotidiano das mesmas.

O brincar possibilita a construção do conhecimento e a formação de conceitos, pois quando brinca a criança passa a perceber que está utilizando jogos e ao mesmo tempo estão compreendendo as regras dos jogos e até ensina aos colegas que ainda estão na dúvida como brincar.

O lúdico é uma ferramenta pedagógica que quando planejada estimula a construção de novos saberes. O espaço escolar é o lugar que permite se alcançar o aprendizado, é nele que os professores devem realizar as brincadeiras, variando sempre para que não fique cansativa. Foi o que percebi durante meu estágio, professores que não inovam, estão sempre cansados e isso reflete no aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir o referido artigo, foi possível compreender que ao utilizar o lúdico como ferramenta pedagógica, o professor faz com que o aluno desenvolva suas habilidades construindo uma visão á cerca do mundo o qual faz parte. No entanto, os professores deverão utilizar as brincadeiras de forma planejada, com estratégias didáticas que permitam as crianças se apropriar do conhecimento., promovendo a motivação, e estimulando os mesmos a produzir seus próprios brinquedos.

É por meio dos jogos e das brincadeiras, as crianças estabelecem relações uma com as outras, desenvolvendo seu raciocínio e suas possibilidades. Buscou-se por meio dessa pesquisa, demonstrar a importância que tem as atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem das crianças e de como é possível aprender brincando, desde que o professor organize diversas situações de aprendizagem. O brincar e o jogar

são atos indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual da criança, auxiliando no seu desenvolvimento, fazendo com que as mesmas adquiram habilidades próprias. É fundamental organizar os brinquedos conforme a finalidade que cada um tem na sala de aula.

Apesar do avanço da tecnologia e da infinidade de jogos que a internet oferece, ainda é possível insistir nos jogos manuais, pois é por meio dos mesmos que as crianças conseguem aperfeiçoar-se em suas dificuldades. É preciso fazer da sala de aula um ambiente diferente e enriquecedor, onde a criança sinta vontade de voltar sempre.

O lúdico é na verdade uma proposta pedagógica que provoca mudanças no modo de pensar de agir das crianças. Os professores devem lançar estratégias de ensino que permitam as crianças se apropriarem dos conteúdos de maneira clara e objetiva. As crianças sentem vontade de brincar umas com as outras e de socializarem o que aprenderam.

A liberdade que o professor concede as crianças por meio do brincar faz com que o impossível antes para elas se torne possível, esse é o objetivo de se trabalhar o lúdico na sala de aula. O espaço da escola deve ser utilizado para que as crianças utilizem de maneira lúdica, com o direcionamento do professor. Trabalhar o lúdico nos anos iniciais proporciona diversas alternativas de aprendizagem ao aluno, onde as crianças utilizam

inúmeras brincadeiras e jogos para se apropriarem dos conteúdos trabalhados pelos professores.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. M.; ABADE, F. L. **Jogos para pensar**: Educação em Direitos Humanos e formação para a cidadania. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BRASIL, LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasilia. DF.

CARVALHO, L. P. Ánalise de ferramenta, técnicas e métodologias utilizadas na gestão logística. 2011.

CRUZ, M. R; PRAXEDES, J. A. A importância da educação física para o desenvolvimento motor das crianças e jovens com transtornos do aspecto autista. v. 07, 2018.

DIAS, E. A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. 2013.

FEIJÓ, O. G. O Corpo e Movimento, uma psicologia para o esporte. Rio de Janeiro. Ed. Shap, 1992.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e educação**. Ed. São Paulo. Cortez, 2000.

MATOS, M. M. O lúdico na formação do educador: contribuições na educação infantil. 2013.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil**. Porto Alegre: Propil, 1994.

NEIVA, A. R. Universidade Candido Mendes - Pós-Graduação-Projeto A vez do Mestre. Disponível em: http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ALESSANDRA%20RIBEIRO %20NEIVA.pdf. Acesso em: 20 de jul. de 2022.

QUEIROZ, M. M. A. **Educação infantil e ludicidade**. Teresina: Edufpi, 2009.

RIBEIRO, R. R. M. *et al.* Análise da abordagem metodológica: um estudo das teses e dissertações. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 13, n. 25, p. 84-97, set. / dez. 2013. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/32333/pd f_12. Acesso em: 4 set. 2022.

SANTOS, S. M. P. do. **O lúdico na formação do educador**. 5. ed. Vozes. Petrópolis, 2002.

SANTOS, J. S. O Lúdico na Educação Infantil. 2012.

SOUZA, E. C. de. A importância do lúdico na aprendizagem. 2015.

WAJSKOP, G. **Brincar na educação infantil**: uma história que se repete. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CAPÍTULO 10

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO ENSINO INFANTIL

Francisca Emiliana Araújo da Silva Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 10

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO ENSINO INFANTIL

Francisca Emiliana Araújo da Silva²³ / Genilda de Brito Lopes²⁴

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco principal mostrar a importância da relação família e escola no Ensino Infantil, no desenvolvimento e na definição de funções inserida na sociedade que influenciam a formação do cidadão em seus aspectos sociais, físicos, emocionais e intelectuais por meio das relações humanas. Um núcleo familiar bem estruturado pode ter uma forte influência no processo de aperfeiçoamento da formação do sujeito, seja na vida pessoal, profissional ou escolar. Entretanto, a relação entre escola e família enfrentam diversos desafios relacionados com o papel e responsabilidade que cada um possui na formação integral da criança.

²³ Graduanda em pedagogia. E-mail: Emilianaaraujo816@gmail.com.

 ²⁴ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

A metodologia aplicada trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e virtual, para tornar este trabalho científico, tomou um referencial para o trato com a temática, essencial por fundamentar este trabalho a partir das referências já construídas sobre o tema. Destacamos como base deste estudo os seguintes teóricos: Pereira (2008), Chalita (2005), Oliveira (2009), entre outros defensores da parceria família e escola como incentivo ao sucesso no processo educativo da criança.

A educação sempre ocupou um espaço importante na sociedade, na qual a escola e a família desempenham papéis fundamentais na transmissão do conhecimento. Entretanto, há muitos desafios em relação às responsabilidades que cada instituição possui no trabalho pedagógico.

A participação dos pais é algo que intriga os profissionais da educação, já que se acredita que o bom desempenho escolar da criança está diretamente ligado ao envolvimento da família na vida escolar do indivíduo. A escola se apresenta como um agente importante nesse processo, já que devido à formação que os profissionais possuem, é cabível que haja uma iniciativa por parte desta instituição para que se estabeleça uma relação harmoniosa e produtiva entre as duas partes envolvidas.

O presente estudo tem como objetivo geral, identificar a relevância da parceria entre escola e família como instituições, distintas que necessitam caminhar juntas no processo de formação do ser humano, bem como fomentar mecanismos que

possam contribuir para que, tais segmentos desempenhem com eficácia seus papéis sociais. Os objetivos específicos são: compreender a relação família e escola nos dias atuais; verificar o papel dos pais na educação dos filhos; conhecer as formas de participação da família na escola e; esclarecer a importância da relação família e escola juntas no processo de formação do alunado.

Escola e família são eixos fundamentais no processo de desenvolvimento do ser humano, entretanto ainda há divergências no papel que cada um deve desempenhar dentro do processo pedagógico.

Partindo dos princípios da Constituição Federal Brasileira (1988 p. 122) em seu Art. 205, é evidente que as duas instituições devem trabalhar de forma cooperativa, num processo de colaboração. "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Brasil, 1988, p. 122).

A necessidade de encontrar caminhos que cooperam para a relação vivenciada hoje pelas escolas e famílias é evidente, diante de tantos confrontos que ambas enfrentam na construção de valores morais e éticos na conduta das crianças inseridos no contexto escolar. Dessa maneira, abordar o tema incluindo todos que participam da relação escola família, partindo do papel que

cada um deve desempenhar. É também buscar reflexões acerca dos problemas cotidianos que as duas instituições enfrentam e uma maneira viável e prática de encontrar respostas que possam colaborar para que a escola e família possam caminhar juntas no processo de formação do indivíduo. Reconhecer a importância da parceria entre escolas e famílias para a educação infantil de qualidade.

Com esse olhar, a família é o primeiro grupo social, que a criança faz parte e é por meio desse convívio com a família, que a mesma vai desenvolver padrões de socialização, pois os pais são responsáveis por ensinar os primeiros passos para a criança, como também os primeiros conhecimentos. À escola cabe dar continuidade a esse processo, por isso, a contribuição da família é fundamental para que haja uma aprendizagem significativa.

Nesse contexto, a relação entre família e escola é hoje um tema em destaque na discussão sobre o sucesso dos alunos, no processo de ensino e aprendizagem, pois atualmente, estudos relatam que um bom desempenho dos filhos está relacionado à participação dos pais na vida escolar dos mesmos. Com essa ótica, observa-se que a criança começa a comparar sua educação com a educação de outras crianças. Seu universo interior está se se expandindo por meio da convivência com o grupo. Na escola ela conquista seu espaço e codifica o espaço do outro.

Portanto, a família é um fator decisivo na educação dos filhos. Os pais que não se interessam pela educação dos filhos,

tanto no ambiente escolar como social, entregam essas crianças a viverem com sentimentos de desvalorização e carência efetiva, desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse. Com essas atitudes inconscientemente serão deixadas profundas marcas na vida do filho.

Contudo a responsabilidade que a sociedade coloca na escola vem surgindo com a inversão de valores, uma vez que muitos pais pensam que a educação familiar é uma continuidade da educação escolar, quando na verdade é justamente o contrário, ou seja, a educação escolar é um complemento da educação adquirida na família.

REVISÃO DE LITERATURA

O papel da instituição escolar e da instituição familiar se torna absolutamente importante para o crescimento cognitivo, social e afetivo do aluno o papel de cada instituição supracitada é diferente, porém se suplementam. Com essa conduta a família estabelece um elo entre a escola, possibilitando que as práticas pedagógicas tenham a dinâmica de explicar conteúdos, tomar decisões, compartilhar problemas, conflitos, ansiedades, expectativas e satisfações, levando em conta o respeito e a autonomia.

Como menciona os estudos de Chraim,

A família e a escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, isto é, marcos que referenciam a existência e o bem estar da criança. Assim, quanto melhor for à parceria entre ambas, mais positivas e significativas serão os resultados na formação do sujeito para sua vida futura (2009, p. 17).

É notório que a família e a escola devem juntas ajudar na formação e no desenvolvimento da criança. Para isso há que saber ouvir a família, conhecer as expectativas e modos de vida, seus valores, cultura, daí, ser essencial conhecer a instituição, a quem entregam seus filhos para colaborar na sua educação.

Nesse sentido, a escola por sua vez deve explicar aos pais sobre o seu modo de funcionamento, os espaços, o regulamento, os materiais humanos, os projetos; os objetivos; os métodos de trabalho e ensino, ou seja, o que a escola pretende das aprendizagens, incentivando a participação da família nestas dinâmicas.

Em certo sentido, a família é cobrada na sua participação na escola. No entanto, essa participação deve ocorrer de forma constante e consciente. Para Hora,

A participação em todos os níveis do processo educacional garantirá que a apreensão de outros conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios dessa comunidade. Essa participação se efetivará através da integração do processo educacional às demais dimensões da vida comunitária e da geração e operacionalização de situações de

aprendizagem com base no repertório cultural (1999, p. 21).

Em meio a tantos desafios em manter espaços para que aconteça a conscientização da família em trabalhar temos como a frustração, a firmeza, as tarefas diárias e limites.

A família pode fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem do filho/aluno, iniciando antes, na vida escolar da criança, para mudar o conceito que a educação é somente responsabilidade da escola. Com essa possibilidade, se compreende que a família e a escola, tenham suas funções e responsabilidades, para que as duas não fiquem depositando toda à responsabilidade apenas para uma. Szymanzki afirma que

O relacionamento família/escola, na troca de informações pode possibilitar a descoberta de significados comuns. Com a devida orientação, a família pode encontrar saídas para seus problemas, de forma a possibilitar que suas crianças desfrutem dos seus direitos de liberdade, respeito e dignidade, inclusive garantidos por lei. Contudo não deve deixar de ser dito que sentimentos são ingredientes na construção de nosso modo de ver o mundo (2011, p. 36).

Assim, a tarefa de ensinar não depende apenas do professor. Portanto, é importante que a escola e a família se encarem como parceiras de caminhada, pois a escola e a família são responsáveis pelo que produzem.

Família: a primeira instituição social

A mais importante instituição da sociedade é a família, devendo ser considerada como a estrutura da sociedade e como a preparação das gerações seguintes, constituindo hoje como um espaço importante no que se refere às relações sociais, pois faz com que as pessoas vejam o mundo com os olhos da verdade, passa também a ser um horizonte para o futuro do sujeito.

A palavra "família" deriva do latim *famulus*, cujo significado é servo ou escravo. A primeira instituição social que irá promover o desenvolvimento individual das pessoas; é a primeira formação. Ela é considerada a base de tudo, extremamente necessária para a evolução do ser humano, sendo nesse meio em que a criança terá seus primeiros contatos com os sujeitos que contribuirão para sua formação pessoal. De acordo com Pereira

A família é considerada a instituição social básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade. A Organização das Nações Unidas (ONU), em 1984, refere a família como o elemento de base da sociedade e o meio natural para o crescimento e o bem-estar de todos os seus membros (2008, p. 43).

Podemos observar que a família é a base, a principal na formação e desenvolvimento da criança. A partir do nascimento, as crianças começam a receber a educação básica para viver em sociedade e exercer a sua cidadania, como: pedir licença, desculpas, agradecer, obedecer, por favor, dividir, compartilhar, respeitar os pais, os avós, os tios (as), os colegas e os mais velhos; aprendem a se comportar adequadamente, a esperar a sua vez, entre outros. A família tem esse enorme desafio; mesmo com todas as mudanças sociais e o rompimento de alguns paradigmas, ela não pode deixar de lado a sua função como instituição social. A instituição familiar vem se modificando e novos modos de organizar estão sendo adaptados.

A família se modifica através da história, mas continua sendo um sistema de vínculos afetivos onde se dá todo o processo de humanização do indivíduo. Um ambiente familiar estável e afetivo parece contribuir de forma positiva para o bom desempenho escolar da criança. Um lar deficiente, mal estruturado social e economicamente, tende a favorecer o mau desempenho escolar das crianças. Sabe-se que, quando algo não vai bem ao ambiente familiar, o escolar será também de certa forma afetado.

Desta forma, percebe-se que a grande maioria das dificuldades apresentadas pelas crianças é proveniente de problemas familiares. Isso ficou claro, quando das conversas com os pais e seus filhos no decorrer de nosso trabalho. "Por falta de

um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se reflete em casa e quase sempre, também na escola em termos de indisciplina e de baixo rendimento escolar" (Maldonado, 1997, p. 11).

Percebe-se desta forma que a família possui papel decisivo na educação formal e informal, pois, além de refletir os problemas da sociedade, absorve valores éticos e humanitários e aprofunda os laços de solidariedade. Portanto, é indispensável à participação da família na vida escolar dos filhos, pois crianças que percebem que seus pais e/ou responsáveis estão acompanhando de perto tudo o que está acontecendo, que estão verificando o rendimento escolar, perguntando como foram as aulas, questionando as tarefas etc. tendem a se sentir mais segura e, em consequência dessas atitudes por parte da família, apresentam melhor desempenho nas atividades escolares.

Sendo assim, é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição, uma vez que a relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças. Oliveira (2009, p. 39) assegura que "a família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não podem preencher". Sendo assim, o que se vê hoje são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

Tedesco, (2002, p. 36), diz que:

Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou.

Diante da colocação acima, entende-se que a família deve, portanto, se esforçar para estar mais presente em todos os momentos da vida de seus filhos, inclusive da vida escolar. No entanto, esta presença implica envolvimento, comprometimento e colaboração. O papel dos pais, portanto, é dar continuidade ao trabalho da escola, criando condições para que seus filhos tenham sucesso tanto na sala de aula como na vida.

Participação da família no contexto escolar

A participação da família na escola ao longo dos anos vem passando por diversas transformações e está em constate mudança, pois há influência de fatores sociais, econômicos, políticos, religiosos, que fazem com que os papeis se modifiquem cotidianamente, com o início do capitalismo, a família muda sua estrutura, a mulher ingressa no mercado de trabalho, transferindo assim, a função de educar os filhos para a escola,

mas a escola não pode e nem tem estrutura de assumir esta responsabilidade.

Todavia, essas mudanças acabam por intervir na estrutura familiar e na interferência escolar, de forma que a família, ou seja, mães e/ou responsáveis terem de trabalhar para ajudar no sustento da casa. Com isso, tem transferido toda a responsabilidade para a escola.

Em vista disso, o antigo padrão familiar, antes formado por pai, mãe, e filhos entre outros membros surge com o tempo os atropelos da vida moderna que desencadeiam a falta de tempo dos pais para um bom convívio com os filhos, e o interesse por sua vida escolar.

No entanto, a escola e a família são vistas como sistemas educativos, formal e informal. Além disso, no seu interior são absorvidos os valores éticos e humanitários, que é onde se aprofundam os laços de solidariedade e afetividade.

Segundo Charaim (2009), existem diferentes estruturas familiares, ou seja, muitas crianças vivem com seus pais biológicos, outras com apenas um deles, existem outras que vivem com os avós ou pais adotivos, pais do coração e ainda algumas que são adotados pelas mães "rua".

Por isso, não importa de quantos elementos uma família se compõe, o que importa é a qualidade dos laços afetivos que mantêm a dinâmica familiar. Sabe-se que a família é a base, por ser onde a criança começa a construir a sua real identidade, a qual

é formada a partir das experiências e de como se aprende a lidar com as informações que recebe. Como afirma Lopez,

Os pais são os principais responsáveis pela educação de seus filhos, e a tal responsabilidade não se pode renunciar. Para isso contam com a autoridade natural que vem do fato de serem os procriadores; portanto se trata de não perder essa autoridade, fazendo dela uso adequado (2009, p. 20).

Como propõe o autor citado, a família detém autoridade para com seus procriados, mas, essa autoridade deve ser exercida respeitando a personalidade dos filhos porque como sujeitos em construção, eles têm direito de expressar suas opiniões. Trabalhar com essa perspectiva de autoridade ressalta a importância de a família tratar seus filhos com convicção e firmeza para assegurar que os valores ensinados sejam revertidos em ações positivas no futuro.

Assim as mudanças que se observam ao longo do tempo em relação à família remetem a uma discussão sobre o conceito de família, pois antigamente era definida como um 'agregado doméstico [...] "composto por pessoas unidas por vínculos de aliança, consanguinidade ou outros laços sociais, podendo ser restrita ou alargada" (Moreira, 1997, p. 22).

A família por sua vez, tem o papel importantíssimo referente à aprendizagem de seus filhos/alunos, no tocante a sua

vida escolar, acompanhado nas tarefas, indo às reuniões, conhecendo os professores, cobrando mudanças quando necessário, orientando e disciplinando seus rebentos. As características da criança também são determinadas pelos grupos sociais, que frequentam e pelas características próprias, como temperamento.

Assim, a escola, por sua vez, tem o papel de ensinar e também passa a educar para a vida, no que se referem aos aspectos morais, sociais, entre outros. Percebe-se que a escola hoje sente esse acúmulo de funções, pois ela passou a ser vista como uma instituição que ensina, que critica e faz cobranças de organização e socialização, que deveriam ser trabalhados em casa; daí gera-se muitos conflitos.

Com essa compreensão, a família é a formadora da nossa primeira identidade social, é ela com quem aprendemos, pois é no ambiente familiar que também se concretiza o exercício dos direitos da criança, tais como cuidados especiais que possibilitam seu crescimento e desenvolvimento, desta forma o papel da família é muito importante.

A família é também para o filho o primeiro modelo de como os adultos se comporta, assim, a criança reproduz a cultura que a família tem no seu interior. Portanto, ela precisa dar segurança, afeto e encorajamento, para que essa criança seja capaz de se desenvolver em um adulto preparado para conviver de maneira harmoniosa dentro do universo social.

Com esse olhar, os pais serão sempre pontos de referência para a aprendizagem da criança. Por esse motivo, é importante que a família estimule o pensamento desta criança, ajudando-a a pensar com autonomia, ouvindo seus questionamentos e permitindo que façam suas escolhas, colocando os limites necessários.

Escola e família, juntas pelo mesmo propósito: educar

Vale ainda destacar que a família e a escola precisão se unirem e juntas procurarem ter o mesmo propósito e entender o que é família, o que é escola, como eram vistas anteriormente e como são vistas hoje, e ainda o que é desenvolvimento humano e aprendizagem e como a criança aprende.

Assim, a educação familiar bem fundamentada possui papel importante no desenvolvimento do comportamento produtivo da criança. Contudo, cabe à família perceber o seu papel na formação do caráter e personalidade da criança que irá refletir na sociedade.

Só não pode esquecer que o papel da escola é papel da escola e o papel da família é papel da família, ambas precisam definir seus princípios de conduta e têm o dever de fazer com que sejam seguidos.

Posto que a "escola tem um papel predominante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu

desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da constituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade" (Szymanzki, 2011, p. 90). E a família, como destaca Pereira, "tem o dever de estruturar o sujeito em sua identificação, individualização e autonomia" (2008, p. 728). Esse processo ocorre no cotidiano da criança, onde lhes são oferecidos carinho, atenção e dedicação, para que supram suas necessidades, por meio da arte e da convivência.

Nesse sentido é importante que a família e a escola saibam aproveitar os benefícios desse estreitamento de relações, pois irá resultar em princípios facilitadores da aprendizagem e formação social da criança. Pereira explica que

[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo, no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (2008, p. 99).

Durante muito tempo era claro o papel da escola para a sociedade, era respeitada a autoridade do professor, que por sua vez tinha o apoio dos pais, que hoje os criticam por suas decisões e demonstram uma total falta de apoio. Com essa falta de identidade da escola e a falta de autoridade do professor é

necessário acompanhar as transformações ocorridas e elaborar novos métodos de ensino, mantendo-se sempre atualizados, sendo necessária uma reforma em todo sistema de ensino.

Assim, é interessante um passo importante para ganhar o apoio das famílias, como uma melhor formação dos professores com relação aos métodos, didáticas psicologias do desenvolvimento, e novas matérias e equipamentos, o que custaria aos cofres públicos (Teixeira, 2002, p. 08).

Com essa possibilidade, a tarefa da escola é oferecer apoio, suporte e meios para que a família também se desenvolva e tome posse de espaços de cidadania e participação. O ambiente escolar pode ser o primeiro passo para que a comunidade conheça os mecanismos de participação e engajamento social.

De acordo com Tedesco (2002), uma das funções sociais da escola é preparar o cidadão para o exercício da cidadania vivendo como profissional e cidadão. O que quer dizer que a escola tem como função social democratizar conhecimentos e formar cidadãos participativos e atuantes.

Segundo Chalita

A família também tem o papel de formar o caráter de educar para os desafios da vida, a fim de perpetuar valores éticos e morais. A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço (2005, p. 20).

Portanto, cabe aos pais, dar continuidade ao trabalho da escola, criando condições para que seus filhos tenham sucesso, tanto na sala de aula como na vida. Todavia para que isso aconteça é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seus filhos. Que tenha compromisso, envolvimento com a escola, gerando assim, na criança um sentimento de amor, fazendo sentir-se amparado e valorizado como alguém importante para os pais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esse tema julgamos necessário utilizar-se de uma metodologia a partir da pesquisa bibliográfica qualitativa e virtual, assim como artigos científicos, para a discussão dos teóricos clássicos como mecanismo de estudo. O uso da metodologia perfaz um importante instrumento de caracterização de uma pesquisa, dando-lhe um formato adequado mediante o emprego de métodos e técnicas específicas para a obtenção do conhecimento acerca do objeto de estudo. Logo, o seu emprego possibilita buscar a solução para um problema estabelecido, testar uma hipótese e fazer cumprir objetivos que se constituem para a produção de determinado conhecimento (Ribeiro, 2013).

Ao longo dessa pesquisa bibliográfica foi explicitado que o envolvimento da família no processo educacional da criança é

muito significativo. Essa participação resulta numa educação qualitativa apoiado no binômio escola/familiar, uma vez que não se aprende só na escola. Neste ambiente, aprendem-se conhecimentos diversos e relevantes, mas para que isso aconteça se faz necessário que o sujeito faça parte de um espaço favorável para seu desenvolvimento, sendo que é no espaço familiar que ele adquire os primeiros hábitos comportamentais e cognitivos que exteriorizam no espaço escolar.

Portanto, este estudo está pautado em uma linha de abordagem metodológica qualitativa. Ademais, "os métodos de abordagem representam os procedimentos racionais e ordenados (forma de pensar), constituídos por instrumentos básicos, que implicam a reflexão e experimentação para se alcançar os objetivos pré-estabelecidos da pesquisa" (Ribeiro, 2013, p. 86).

Lakatos destaca que "é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento" (2003, p. 44). Portanto, o uso de uma metodologia ou de outra dependerá muito do tipo de problema colocado e dos objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Frente a essa realidade, é preciso saber se articular no processo educacional frente suas necessidades básicas e a comunicação com os filhos consistem é dar o apoio necessário, conhecendo as suas dificuldades, verificando e estimulando suas potencialidades na busca pela liberdade e pelo incentivo educacional respeitando os sentimentos de cada criança.

É preciso adotar uma postura coerente que possa fazer da sala de aula um espaço de promoção do ser humano, trazendo formas adequadas que se apropriem para que possamos fazer da escola e da educação uma ponte para que nossos alunos possam desenvolver os saberes necessários à inserção da sociedade.

Os professores se encontram em um estado de angústia, quando não conseguem preparar nossos alunos para a vida. Deparamo-nos com situações desagradáveis que distanciam a realidade humana de sua ação no que se refere ao processo de aprendizagem humana.

Fica claro que o problema é de todos os segmentos que se encontram em volta do desenvolvimento da escola e não somente da família que se distancia da escola.

É importante frisar que o desenvolvimento da aprendizagem depende de muitos fatores no que se refere à construção e formação de seres competentes que valoriza capacidades e habilidades de aprendizagens no que se refere ao pleno exercício da cidadania, fortalecendo o processo de aprendizagem de cada segmento envolvido.

De acordo com Cury, "os pais precisam adquirir hábitos dos pais brilhantes para revolucionar a educação. Os professores precisam incorporar hábitos dos educadores fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos" (2007, p. 16).

Com base no que foi exposto pelo autor acima citado, percebe-se que os pais ainda não conseguiram revolucionar o processo de educação. Muitas vezes não colaboram com o desenvolvimento da aprendizagem de seus filhos. É preciso adotar uma postura adequada capaz de valorizar e contemplar as relações com o processo da família no que se refere à formação cidadã e o exercício do desenvolvimento humano.

É preciso que nossos professores adotem novas posturas capazes de diminuir o desgaste no que se refere ao insucesso escolar, possibilitando que a escola construa um processo que habilita nosso alunado ao desenvolvimento pleno de suas capacidades e habilidades. Acrescentam-se as contribuições de Augusto Cury

Cada hábito praticado pelos educadores poderá contribuir para desenvolver características fundamentais da personalidade dos nossos jovens. Precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos

inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante. A boa notícia é que pais ricos e pobres, professores de escolas carentes podem igualmente praticar os hábitos e técnicas propostos aqui. Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilizar para aprender (2007, p. 17).

É preciso adotar uma nova posição frente às necessidades que cada família enfrenta diante da árdua tarefa de educar para o pleno exercício da cidadania frente suas necessidades básicas de acordo com seus objetivos e metas em prol de uma sociedade justa e igualitária.

Ressaltamos que é no espaço familiar que podemos fortalecer o processo ensino aprendizagem, trazendo para dentro de sua realidade social perspectivas eficientes, capazes de superar os obstáculos existentes em seu contexto social, garantindo uma educação compartilhada entre todos. Nesse sentido, o crescimento e formação contínua de todos os seus integrantes, ao mesmo tempo em que a família não perde seu valor no decorrer da passagem dos tempos e de sua evolução. Diante das colocações de Pedro Demo:

A família, inclusive para os adultos, continua tendo esta função estruturante das relações entre os indivíduos e de elaboração das experiências vividas entre seus muitos membros. Crescer dentro do espaço na família não é uma questão que diz respeito apenas às

crianças durante sua infância, mas envolvem todos seus membros, ao longo de suas vidas. Crescer em suas dimensões humanas é um processo contínuo, que se dá ao longo da vida do ser humano [...] (2009, p. 80).

Percebemos que a família não se define, assim, pelos indivíduos unidos somente por seus laços biológicos, mas pelo relacionamento histórico que criam os elos de sentido nas relações entre seus membros, sem os quais essas relações se esfacelam, precisamente pela perda, ou inexistência, de sentido.

Entendemos que a família em sua existência no processo intelectual é o parâmetro da identidade de cada indivíduo e é composta por processos humanos que interagem constantemente no espaço cultural do ser humano. Salientamos que não existe um modelo de família ideal dentro do espaço cultural e histórico.

Os pais precisam estar atentos aos vários movimentos e fatos que marcam a vida dos seus filhos, para assim junto com a escola decidir a melhor forma de aprendizado que poderá nortear a práxis pedagógica e facilitar a convivência dentro do espaço sócio cultural.

A família deve alicerçar bem seus filhos com objetivos inovadores que superam o ensino fragmentado e opta por uma aprendizagem contínua, séria que motiva seus filhos a construção do processo de aprendizagem e trazem novas

perspectivas de aprendizagens para aqueles que convivem no mesmo espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na família que se constroem os primeiros modelos a serem seguidos pelas crianças, por isso que está constitui um importante papel na formação do sujeito, assim também na educação do mesmo, na formação da moral, nos costumes e nas atitudes dos pequenos. Com as várias mudanças ocorridas na sociedade atual, à estrutura e o funcionamento familiar também sofreram alterações e cabe agora a escola adaptar-se a essas mudanças, procurando aproximar a família do contexto escolar.

A escola é local de socialização de saberes, lugar onde as crianças apresentam a comunidade sua cultura própria e recebem o auxílio dos professores na busca incessante por conhecimentos. Assim, essa tem o importante papel de proporcionar reflexões acerca das problemáticas da sociedade, bem como auxiliar os alunos na elaboração de estratégias para resultados satisfatórios. O professor, nesse sentido desenvolve a função de respeitar e valorizar os limites intelectuais de seus alunos.

A participação e o comprometimento dos pais nessa prática são de fundamental importância no desenvolvimento integral do sujeito, para isso os responsáveis, seja a família sendo na modalidade em que foi construída, tenha conhecimento de que é uma instituição social que interfere diretamente no desenvolvimento das crianças na escola, pois é a família que constitui a base de toda a educação e transformação das relações que envolvem o homem no contexto social.

Para tanto, a fim de manter uma relação harmoniosa e alcançar resultados educacionais satisfatórios, faz-se necessário a parceria entre a instituição escolar e a instituição familiar, para isso a escola precisa manter um diálogo com a família, buscar informar aos pais sobre a importância da participação dos mesmos para o desenvolvimento de seu filho, e para que isso aconteça os dois lados precisam visar os mesmos ideais.

Assim, para esse processo acontecer, a escola precisa conhecer a realidade das famílias, o contexto em que as mesmas estão inseridas, para desta forma poder intervir e acionar os pais diante de possíveis problemas. É importante também esclarecer aos pais sobre os comportamentos de seus filhos, em reuniões não apenas trazer os pontos negativos da criança, colocar os positivos para que os pais se sintam motivados e motivem seus filhos.

Deve-se levar em consideração a importância dos limites estabelecidos entre pais e filhos, professores e alunos, os mesmos precisam ter claro que as regras devem ser cumpridas para que possa haver uma amigável e respeitosa convivência entre os membros, e que tais regras precisam ser esclarecidas desde o

início, ou seja, o que pode e o que não pode acontecer e precisam ser simples e flexíveis.

Contudo, a família e a escola devem caminhar de mãos dadas com o objetivo de qualificar a educação oferecida pela instituição, buscando estratégias que venham suprir as necessidades vivenciadas naquele contexto.

Nesse sentido, o gestor deve ser um mediador nesse processo buscando trazer os sujeitos a pensarem e discutirem estratégias, o diálogo é fundamental para alcançar sucesso nessa empreitada. Todos unidos com um só objetivo, uma educação de qualidade que possibilite a transformação social.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Leis e Decretos. **Constituição da República Federativa do Brasil**: atualizada até 01.01.2003. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

CURY, A. Pais brilhantes professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2007.

CHRAIM, A. de M. **Família e escola**: a arte de aprender para ensinar. Rio de Janeiro: Wake, 2009.

CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. dos S. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia**, 2005.

HORA, D. L. da. **Gestão democrática na escola**. Campinas: Papirus, 1999.

LÓPEZ, J. S. I. **Educação na familia e na escola:** O que é, como se faz. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia cientifica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos**: a linguagem do sentir. São Paulo: Saraiva 1997.

MOREIRA, S. G. Reunião de pais, momentos de troca e esclarecimento. In: **Nova Escola**, Ano II, n. 12, maio 1987.

OLIVEIRA, L. de C. F. **Escola e Família numa rede de (dez) encontros**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEREIRA, M. A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Málaga: Ed. Universidade de Málaga, 2008.

RIBEIRO, R. R. M. $et\ al.$ Análise da abordagem metodológica: um estudo das teses e dissertações. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 13, n. 25, p. 84-97, set. / dez. 2013. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/32333/pd f_12. Acesso em: 17 ago. 2022.

SZYMANZKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Liber Livro, 2011.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 2002.

TEXEIRA, A. M. E a Propósito, o Que é a Escola e Para que serve? 2002.

CAPÍTULO 11

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

Francisca Jarlene de Araújo

Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 11

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO FACILITADOR DA APRENDIZAGEM

Francisca Jarlene de Araújo²⁵ / Genilda de Brito Lopes²⁶

INTRODUÇÃO

A afetividade é de suma importância na Educação Infantil, pois é a capacidade própria de cada criança, onde se engloba as emoções e sentimentos que ajudam a criar laços de amizades afetivos entre os seres humanos e principalmente na infância, isso acontece como afeto entre os colegas, professores e demais servidores que todos os dias convivem e manifestam com um abraço apertado de boas-vindas, são aspectos diários presentes na Educação Infantil, com palavras de carinho, dedicação, e companheirismo.

O presente artigo tem como tema central: a afetividade na educação infantil como facilitador da aprendizagem. Desse modo temos como objetivo principal compreender em que medida a

²⁵ Graduanda em pedagogia. E-mail: fjarlene1510@gmail.com.

 ²⁶ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

afetividade interfere no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. Percebi-se, a partir da literatura revisada que a afetividade interfere na relação do indivíduo consigo, com seus pares com os adultos e na sua relação com o mundo. A pesquisa busca contemplar uma revisão da afetividade na educação para compreender as expressividades infantis, desenvolvendo um trabalho pedagógico que possa atingir o processo de humanização da criança.

Portanto, a escolha deste tema se deu pela observação da convivência dos alunos no espaço da escola, onde podemos perceber que os alunos vivenciam uma rotina de vida onde existem muitos conflitos familiares, morais, que influenciam de forma rude a construção dos valores humanos dos alunos, sendo que os mesmos se encontram em fase de consolidação do seu caráter humano.

É na escola que os professores observam essa influência, sobre tudo na sala de aula quando se deparam com alunos desanimados com os estudos, agressivos, sem perspectiva de futuro, com traumas sentimentais que vem deixando a aprendizagem deste educando comprometida, mesmo nos primeiros anos de escolaridade.

Assim, a afetividade é definida pelo o dicionário Aurélio (2001), da seguinte forma: um conjunto de fenômenos do psíquico humano, que se manifestam por meio das emoções, sentimentos e paixões acompanhadas sempre de impressão de

dor ou prazer e, satisfação de agrado ou desagrado que transmite alegria ou tristeza de um indivíduo que está inserido na sociedade. A afetividade por si só compreende o estado de humor ou ânimo, e todos os sentimentos que refletem a capacidade de experimentar sentimentos, emoções e, é através do afeto que determinamos atitudes gerais de um indivíduo em qualquer situação.

Os reflexos da afetividade fazem com que a criança ou até mesmo o adulto perceba vida com um olhar diferente. A melhor coisa para quem é criativo se sintetiza na consciência exata, na noção de poder construir as soluções indispensáveis às várias adversidades que poderão lhe limitar.

Nessa perspectiva a aprendizagem do aluno na educação infantil se torna cada vez melhor por meio do afeto que lhe é transmitido, seja ele da família do ambiente escolar, que ao ser exteriorizado no indivíduo serve como elemento unificador no propósito de aprender com qualidade afeto um com o outro.

De tal forma que essas crianças se tornam seguras e capazes de se realizarem no seu meio de convívio. O educando avança melhor na sua aprendizagem quando existe afetividade entre o professor e o aluno possibilitando uma troca de conhecimento e segurança entre os dois. Pois a afetividade no ambiente escolar contribui para o processo de ensino e aprendizagem, considerando uma vez que o professor não apenas socializa

conhecimentos, mas também ouve seus alunos e estabeleça uma relação de troca de saberes.

A metodologia utilizada foi o estudo bibliográfico, visando o levantamento teórico da literatura sobre o tema. Conseguiu-se chegar aos resultados esperados, por meio da análise de livros e artigos de estudiosos que apresentam a importância da afetividade no âmbito educacional e como a escola está ligada ao desenvolvimento da criança, fazendo uso da historicidade no que diz respeito à afetividade e como ela está ligada à educação infantil. A referida pesquisa elegeu como principais teóricos: Alves (2000), Wallon (1971), Galvão (2005), entre outros que discutem o assunto.

Sendo que o educador é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. Certas atitudes das crianças deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e principalmente o carinho recíproco.

O educador deve acolher cada criança de forma individual e afetiva, o que é um desafio permanente, principalmente quando se trata dos alunos que estão na Educação Infantil, por serem crianças que estão, em muitas vezes, tendo sua primeira experiência fora da família. É preciso ter em mente que o cuidado com cada aluno deve ser especial para que todos possam se sentir seguros e amados. Consideramos certo observarmos todos os

aspectos da educação escolar durante a educação infantil por ser o espaço onde as crianças mais necessitam da afetividade para se envolverem com o aprender.

Segundo Rossini, "se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente da idade, sexo e cultura" (2001, p. 16).

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: primeiramente apresentaremos a introdução que contextualiza o artigo, dando sequência no primeiro tópico, relatamos sobre a revisão de literatura, onde apresentamos os subtópicos: a importância da afetividade no processo de aprendizagem infantil, conceituando a afetividade no contexto escolar; a relação da afetividade entre professor x aluno na educação infantil. No segundo tópico, abordaremos sobre a metodologia, dando sequência, no terceiro tópico apresentaremos os resultados e discussão. E por fim versaremos sobre as nossas considerações finais aqui narradas.

REVISÃO DE LITERATURA

A temática abordada neste artigo procura retratar a influência da afetividade no ambiente escolar, refletindo sobre a importância desta no desenvolvimento cognitivo da criança.

Acreditamos que a afetividade é um dos fatores que influencia para o desenvolvimento das aprendizagens, pois, quando o aluno tem simpatia pelo professor seu interesse é maior, sendo assim, contribui para que o mesmo tenha desejo de aprender o que aquele professor está transmitindo.

Observando uma sala de aula, foi possível perceber o grande conflito que se vive hoje nas escolas, muitas famílias desajustadas e isso vem acarretar em conflitos em sala de aula, pois as crianças estão carentes de atenção de afeto, e como em casa não tem, por diversos motivos procura no professor, e o mesmo precisa estar preparado para poder ajudar essa criança a compreender a situação na qual está inserida. Segundo Wallon,

Com o advento da função simbólica que garante formas de preservação dos objetos ausentes, a afetividade se enriquece com novos canais de expressão. Não mais restrita às trocas dos corpos, ela agora pode ser nutrida através de todas as possibilidades de expressão que servem também à atividade cognitiva (1971, p. 75).

Nesse sentido, é admissível dizer que a afetividade não se restringe apenas às manifestações de carinho físico, que na maioria das vezes são seguidas de elogios superficiais, exaltando qualidades insignificantes, naquele momento da história, se preconizava a necessidade de mudança da instituição escolar; ele

criticava a maneira como ela estava funcionando. A seu ver a escola era enfadonha, severa e a disciplina exercida a pancadas.

Na visão de Lopes (2003, p. 98):

O homem, ainda que a corrupção procure cegar-lhe o entendimento, jamais pode extinguir de si o anelo pelo conhecimento e pela sabedoria. Assim sendo, depende de nós reavivar a mente humana de tal modo que os homens se beneficiem com uma educação correta. Isso está ao nosso alcance e também do professor (2003, p. 98).

Nesse sentido, constatamos que, a profissão do professor deve possuir características próprias, como ser uma pessoa escolhida, de exímia inteligência e integridade moral, dedicado exclusivamente ao ensino, pois o pressuposto da questão moral consiste no exemplo da vida.

A importância da afetividade no processo de aprendizagem infantil

A afetividdade é importante no processo de aprendizagem infantil, pois a criança sai de seu conforto familiar, onde se sente amada e protegida, ela vai para um mundo novo, desconhecido de sua rotina diária que é a escola.

Antonino et al. (2012, p. 56), destaca que:

[...] a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Engloba sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A desempenha afetividade um fundamental constituição na funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais.

Portanto, a afetividade estimula o desenvolvimento do saber e da autonomia na educação infantil, por meio das relações que a criança estabelece com o meio e, por isso, ela deve ser respeitada e amada em seu ambiente escolar, pois em seu processo de aprendizagem ela começa a expressar seus sentimentos e emoções, e dessa forma consegue se desenvolver integralmente.

Neste sentido, a afetividade deve ser um vínculo entre professor e aluno, cujo objetivo principal é estabelecer uma boa relação para que se obtenham bons resultados nos processos de ensino e aprendizagem. O professor tem a tarefa de ser mediador no contexto da realidade escolar para que consiga exercer com êxito sua função de educar e consiga alcançar cada aluno, independentemente de sua necessidade.

A teoria de Piaget (1962, p. 66), "Reconhece a afetividade como motivação" para a atividade cognitiva e enfatiza a razão e são termos que se complementam, a afetividade seria a energia,

o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

Para Taille, (1992, p. 70), na teoria piagetiana, fala que:

Não assistimos a uma luta entre afetividade e moral [...] Pelo contrário, nas suas análises, vemos afeto e moral se conjugarem em harmonia: o sujeito autônomo não é um "reprimido", mas sim um homem livre, pois livremente convencido de que o respeito mútuo é bom e legítimo. Tal liberdade lhe vem de sua Razão, e sua afetividade "adere" espontaneamente a seus ditames.

Na teoria de Vygotsky temos uma abordagem globalizante, onde o mesmo explica a relação entre o afeto e intelecto e, questiona a divisão entre o cognitivo e afetivo do psicológico. Para ele, não há como separar os interesses afetivos dos aspectos intelectuais.

Oliveira (2011, p. 49), afirma que:

Menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento

humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva.

Uma das grandes contribuições de sua teoria para o desenvolvimento humano, é levar em consideração as emoções. Para ele as emoções são essenciais para a sobrevivência humana, já que desde os primeiros anos de vida, um indivíduo as utiliza para comunicar suas necessidades.

Para Wallon (1979, p. 85), é através da atividade emocional que:

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem.

Nesse sentido, a partir dos pressupostos teóricos de Wallon, (1998, p. 113), explica que no cotidiano escolar "quanto maior a clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência encontrar caminhos para solucioná-los".

Além de que, o professor deve dar-se atenção e cuidar para que os educandos aprendam a se expressar expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais. E com o decorrer dos anos observamos que pouco se fala sobre o valor da afeição na construção do conhecimento, o que tem deixado ao desejar tanto no âmbito familiar quanto na comunidade escolar.

Para Oliveira (2011, p. 45): [...] "a afetividade como elemento construído do desenvolvimento humano e voltado para a construção da imaginação e da lógica, considerando que estas, assim como a sociedade, a afetividade, tem muitas raízes e gêneses".

Nessa perspectiva, quando se desperta uma relação de afeto entre o professor e o aluno, tornam-se maiores oportunidade para o seu desenvolvimento tanto social quanto pessoal. Com isso não só a criança como qualquer ser humano, necessita se sentir amada, a fim de aumentar a sua segurança e autoconfiança no seu educador e em seus pais, expressando seus sentimentos e emoções com maiores chances de uma aprendizagem significativa.

Conceituando a afetividade no contexto escolar

A definição da palavra afeto, segundo o Mini Dicionário Aurélio, significa sentimentos de afeição, amizade e amor. Nas variadas literaturas, afetividade está relacionada a diversos termos: emoção, estado de humor, motivação, sentimentos, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros. O número de definições científica sobre a emoção é grande, e a afetividade é estudada em áreas de conhecimentos diversos.

Na visão de Galvão (2005, p. 61),

As emoções, assim como o sentimento e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

Assim, diz que este sentimento é o agente motivador da atividade cognitiva, afirma Piaget (1962) também que a afetividade seria a energia que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

O afeto, carinho e amor, influenciam muito no nosso bem está cotidiano, sendo necessário para o desenvolvimento infantil.

Rossini (2004, p. 16), nos indaga que:

Por que a afetividade? Porque é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo, cultura.

De acordo com a citação acima se o indivíduo não está com sua vida afetiva resolvida enquanto ser social também não estará bem. O afeto pode ser considerado o caminho que leva a pessoa a agir de determinada forma. A criança como o adulto deseja ser amada e aceita pelo próximo para que venha obter êxito em suas atividades. Na escola o educando irá realizar sua interação que é demonstrar seu estado emocional na esperança de ser aceito pelo outro, nessa troca encontrará bons e maus relacionamentos.

Segundo Caetano (2004, p. 36), afetividade significa "conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado."

Com isso o professor impõe seus saberes em ação e, consequentemente, acaba transformando a pedagogia em uma pedagogia fria. Pois observamos que as propostas educacionais valorizam, mas, as matérias curriculares e que os sentimentos sejam desprotegidos na classe educacional.

Diretamente ligada a emoção, o afeto conseguir determinar a forma de como as pessoas visualizam o mundo ao seu redor e inclusive, a forma de como se manifesta dentro de cada um. com isso qualquer acontecimento que houver na vida de uma pessoa traz recordações e experiências por toda sua história, dessa forma, a presença de fatos fará com que o indivíduo se

desenvolva, determinando também a autoestima do sujeito a partir da infância.

A relação da afetividade entre Professor x Aluno na educação infantil

A relação professor e aluno faz parte de uma sociedade, e acaba influenciando no desenvolvimento psíquico do aluno na educação infantil. Diante desse fato o professor precisa ficar atento e consciente de sua responsabilidade de educar. O ambiente de sala de aula, que muitas vezes pode se mostrar frio, severo e hostil aos educandos, deve ser recolocado, e reapresentado aos mesmos de forma mais amena e amigável para que assim, os alunos possam sentissem amados e seguros.

Pois, quando a maioria das tarefas de sala de aula exige que a criança fique parada e estática, com uma atenção direcionada ao que é exposto pelo professor, certamente este local não será um dos mais atraentes para ela. Não é difícil, dentro desse clima, surgir hostilidade da criança em relação ao professor e ao ambiente escolar. Dentro dessas situações de conflito facilmente observadas nas escolas, o professor pode fazer toda a diferença se o mesmo for a afetividade como meio para dinamizar sua aula.

Diante essa questão Caetano e Yaegashi (2014, p. 169), explica que:

O ser humano já nasce imerso em mar de compromissos, o qual deverá cumprir para o regozijo de seus familiares. E o que dizer da escola, que é vista como espaço de formação de valores e preparação do indivíduo para o sucesso? Diante de uma sociedade que espera cada vez mais de cada um, há que se discutir a relação de expectativa da família para com o bebê que, antes de vir ao mundo, já é encarregado de tantas funções, dentre as quais alcançarem o sucesso escolar para um dia ser alguém na vida.

É preciso que o professor compreenda o aluno da educação infantil, e o universo em que ele vive. Mas conhecer esse aluno implica em uma pré-disposição em demostrar gestos de carinho para com o mesmo. Cabe ao professor investigar mais esse aluno e, ao longo de sua formação, não deixar que esse educando acumule raivas ou questionamentos. Hoje muito se sabe que o lado intelectual caminha de mãos dadas com o lado afetivo.

O relacionamento existente entre professor e aluno deve ser de amizade, de respeito mútuo, de troca de solidariedade, não aceitando de maneira alguma um ambiente hostil e opressor que semeie o medo e a raiva no contexto de sala de aula.

As experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções, a qualidade dos laços afetivos, é muito importante para o desenvolvimento físico e cognitivo da criança. A relação interpessoal positiva que o aluno constrói com o professor.

Piaget (1962), afirma que ainda que o afeto seja uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo, e que a afetividade influencia no conhecimento e contribui de forma essencial através da pulsação da vida e da busca pela excelência.

Dessa forma, a autoestima mostra-se em uma relação de motivação ou interesse da criança para aprender. O afeto é uma mola que impulsiona a autoestima, depois de ser desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina como meio de conseguir o autocontrole da criança e seu bem-estar, são conquistas significativas.

O professor é mediador de conhecimentos, de sonhos que podem despertar em seus alunos, de afeto transmitido aos mesmos, tem que ser uma relação boa, aconchegante com discente na escola. Já que a criança sai de perto dos seus familiares e vão para a escola desde cedo, o docente passa a ocupa um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e social da criança, ajudando-a a ter confiança em si mesma, a despertar a curiosidade e o prazer em aprender e a interagir com outras crianças. A educação precisa ser construída tendo como base uma parceria afetuosa entre professor e aluno e assim poderemos "embarcar".

Nesse sentido, o afeto é muito importante para que o profissional seja considerado um bom professor e mais ainda, para que o aluno se sinta importante e valorizado, o professor deve entender seus sentimentos, buscar soluções para as diversas

dificuldades que os alunos apresentem. Precisa preocupar-se com seus alunos por inteiro, tendo sensibilidade para entendêlos, buscar ações que os valorizem, independentemente de seu grau de desenvolvimento.

Alves (2000) enfatiza que o professor que ensina com alegria, que ama sua profissão, não morre jamais. Segundo o autor, "Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais" (2000, p. 5).

O afeto deve estar presente na relação entre professor e alunos dentro do ambiente escolar. São de acordo com o grau de afeto apresentado entre as duas partes que a interação se realiza e constrói-se um conhecimento altamente envolvente.

Conforme Cury (2003), os professores precisam deixar de serem bons e se tornarem fascinantes para que suas aulas e conteúdos façam sentido e possam ser assimilados por seus alunos. "As relações afetivas se evidenciam, pois, a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente.

O professor precisa respeitar as necessidades do aluno, e o ato de ensinar não deve ser imposto, mas de forma a transmitir o conhecimento com mais comprometimento e concretização. "Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e

aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar" (Fernández, 1991, p. 47 - 52).

É importante lembrar que o vínculo afetivo construído entre educadores educandos devem estar sempre centrado na aprendizagem. Algumas crianças são naturalmente mais afetivas, gostam de abraços e beijos, outras não. É preciso observar o comportamento de cada uma delas e respeita-las.

Para Piaget (1976), o afeto pode acelerar ou retardar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. O afeto acelera o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. A afetividade não explica a construção da inteligência, mas as construções mentais são permeadas pelo aspecto afetivo. Toda conduta tem um aspecto cognitivo e um afetivo, e um não funciona sem o outro.

Alguns alunos e até mesmo as famílias podem não gostar do contato físico, e isso depende da personalidade da criança e do modo com que a família expressa sentimentos em casa, entre outras questões. É extremamente necessário que o educador leve isso em consideração.

Freire (1996, p. 96), enfatiza as características do professor que envolve afetivamente seus alunos, afirmando que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Portanto, fica claro que quando o professor desenvolve afetividade para com as crianças, tudo se torna mais fácil, tanto a aprendizagem quanto a disciplina melhoram se o professor tiver um bom vínculo afetivo com a turma.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho foi de cunho qualitativo, pesquisas bibliográfica e virtual. Desta forma faz-se necessário que a escola, o professor se posicione diante dessa situação, dando este afeto que o aluno precisa; pois entendemos que o afeto também exerce forte influência no cognitivo, pois quando a criança se sente amada, querida, respeitada, pelo professor que demostra tal atitude com certeza esse aluno sentirá o desejo de aprender.

A metodologia bibliográfica é quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet.

Apollinário (2004), diz que a pesquisa qualitativa, apresenta dois tipos de pesquisa quanto à sua natureza: de um lado, a chamada qualitativa; de outro, a quantitativa, ambas são fundamentais na escrita da metodologia, pois mostram que os direcionamentos que o estudo tomará em sua leitura.

Segundo Gil (2008, p. 41), "a pesquisa qualitativa é apresentada mediante dados levantados através de pesquisa com a descrição geral, apresentando. Assim, um perfil descritivo do estudo em questão analisado e como essa relação afeta o indivíduo da pesquisa".

Nesse sentido, o estudo fez uso de livros e da internet, a fim de buscar os veículos de conhecimento para analisar o problema proposto e chegar a um resultado satisfatório. Para análise e discussão dos dados, usamos ideias de cada autor, coletando informações para agregar nesta pesquisa. Por se tratar de uma abordagem bibliográfica, os dados analisados são advindos das ideias e pensamentos dos autores citados durante o estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das pesquisas podem-se averiguar as contribuições da afetividade para a aprendizagem infantil, seu desenvolvimento intelectual, social e cognitivo ao longo de sua vida, pois a afetividade muitas vezes é responsável pelas escolhas e ações desenvolvidas pela criança, é através do afetivo que ela

incorpora ao cognitivo, intelectual, questões de valores, interesses e motivações.

Ao se refletir sobre a afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil, percebe-se o quanto essa temática passa despercebida ou até mesmo é ignorada por alguns professores.

Percebe-se que a relação afetiva do professor com seus alunos facilita a aprendizagem tornando-os mais confiante em si mesmos, ao despertar a curiosidade e o prazer em aprender e a interagir com outras crianças. Com isso só afirmamos que todo ser humano precisa de afeto, em uma sala de aula não é diferente, pois a própria relação que é estabelecida entre o professor e o aluno da educação infantil requer a presença da afetividade. A partir desta pesquisa foi possível entender que o processo afetivo dentro do ambiente escolar se estabelece através das relações e por meio da interação entre professor e aluno.

Portanto esse trabalho priorizou esclarecer e analisar alguns aspectos relevantes sobre a possibilidade de se educar com a presença da afetividade e de que maneira este fator contribuem para o crescimento cognitivo do aluno, entendendo que os aspectos afetivos estão intrinsicamente relacionados ao processo de aquisição do conhecimento e como estes perpassam o processo educativo.

No entanto, ao se trabalhar a afetividade em sala de aula, principalmente na educação infantil é trabalhando o lúdico, dessa forma tornando as aulas menos cansativas e ao mesmo tempo divertidas, tornando a aprendizagem prazerosa.

Portanto, espera-se que este trabalho seja um subsídio significativo para professores, estudantes e demais interessados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho podemos ver as contribuições da afetividade no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. A afetividade exerce uma função essencial no processo de ensino e aprendizagem do ser humano, sendo a afetividade um componente presente em todas as situações da vida, e estando essa, diretamente vinculada ao desenvolvimento cognitivo da criança.

O professor não se pode limitar a esperar que o educando assimile os conhecimentos sistematizados em seu próprio ritmo, mas sempre atuando como um facilitador para que a construção dos referidos conhecimentos se efetive de acordo com a análise dos elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Concluímos afirmando que, a instituição deve ser um ambiente onde as crianças sintam-se motivadas e, principalmente respeitadas. A afetividade pode influenciar positiva ou negativamente no processo de aprendizagem, atuando como fio condutor, nas palavras de Piaget como

elemento energético, capaz de estimular a criança a buscar o novo.

Portanto, o amor e o afeto tornam-se a solução para uma boa educação mais humana, que adote uma pedagogia do amor, que tenha a capacidade de influência em nossas próprias vidas, em nossa família nas escolas e principalmente nas salas de aula favorecendo novos conhecimentos, novos desafios e conquistas, que se darão através de um trabalho realizado na escola, voltada para a promoção do afeto, que objetivará no desenvolvimento integral da criança a partir do trabalho pautado na afetividade.

REFERÊNCIAS

ANTONINO, E.; VIGAS, M. C.; PEIXOTO, M. de F. (Orgs.). **Ação psicopedagógica**: Uma contribuição para a construção do conhecimento. Salvador: Editora da Assembleia Legislativa da Bahia, 2012.

ALVES, R. A alegria de ensinar. 10. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

APOLLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a Produção do Conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

AURÉLIO, B. de H. F. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2001.

CAETANO, L. M.; YAEGASHI, S. F. R. (Org.). Relação escola e família: diálogos interdisciplinares para a formação da criança. São Paulo: Paulinas, 2004.

CAETANO, L. M. C.; YAEGASHI, S. F. R. A relação escola e família: reflexões teóricas. In: CAETANO, L. M. C.; YAEGASHI, S. F. R. **Relação escola e família**: diálogos interdisciplinares para a formação da criança. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 1-40.

CURY, A. **Pais brilhantes**, **professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERNANDÉZ, A. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, P. **pedagogia da autonomia**: saberes necessários a pratica educativa. São Paulo: paz e terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora: Atlas, 2008.

LOPES, E. P. O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius. São Paulo: Mackenzie, 2003.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIAGET, J. A relação da afetividade com a inteligência no desenvolvimento mental da criança. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1962.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: INL, 1976.

ROSSINI, M. A. S. Pedagogia afetiva. Petróles: Vozes, 2001.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TAILLE, Y. de L.; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

WALLON, H. A psicologia genética. *In*: **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1979.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**: os prelúdios do sentimento e personalidade (1945). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

WALLON, H. A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental (1925). Petrópolis: Vozes, 1998.

CAPÍTULO 12

O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Josenilda Ferreira de Lima Medeiros Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 12

O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Josenilda Ferreira de Lima Medeiros²⁷ / Genilda de Brito Lopes²⁸

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico tem como temática central: o brincar no desenvolvimento integral da criança na educação infantil, brincar é uma atividade que já faz parte do mundo das crianças, e se tem continuidade na escola, poderá muito contribuir para que as crianças aprendam melhor, se socializem com mais facilidade, aprendam a tomar decisões e adquiram maior percepção em relação ao mundo dos adultos.

O objetivo da pesquisa é aprimorar os conhecimentos em relação à importância do brincar e à aprendizagem na educação infantil. Diante disso, destacam-se a importância da formação e

²⁷ Graduanda em pedagogia. E-mail: josenildaf261@gmail.com.

 ²⁸ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 - Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

capacitação do professor para que possa executar a proposta curricular e os recursos didáticos e pedagógicos. Considera-se que o brincar na educação infantil é de extrema importância para o desenvolvimento integral da criança. Como se ampara a pesquisa bibliográfica, a fundamentação teórica se fortalece com teóricos como: Kishimoto (1996), Almeida (2007), Piaget (1976), entre outros autores de renome.

Segundo a Referencial curricular nacional para a educação infantil - RCNEI, "as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as intenções e a brincadeira" (Brasil, 2010, p. 27). É no brincar que a criança inicia a descoberta e ao mesmo tempo a construção de conhecimentos sobre o mundo em que vive. Essas descobertas oportunizam a criança a aquisição de inúmeras competências que irão enriquecer o se desenvolvimento e a sua interação social. A brincadeira também ajuda a desenvolver o espírito de cooperação, liderança, competição e limites.

Para substanciar a investigação, utilizamos metodologicamente os procedimentos de pesquisa bibliográfica, qualitativa, e pesquisa virtual, buscando analisar o desenvolvimento infantil por meio das brincadeiras na educação infantil.

A brincadeira faz parte do processo de aprendizagem de toda criança, principalmente na educação infantil. Entretanto, o espírito lúdico pode estar presente em todas as idades, onde se denota que a brincadeira como um objeto de conhecimento sólido que possibilita novas perspectivas sendo relevante para aquisição da aprendizagem.

O professor é o idealizador e o organizador de tarefas que são favoráveis às situações de aprendizagem no cotidiano escolar sendo que é através da observação que o educador consegue identificar o que é, e como pode ser trabalhado.

O educando necessita de liberdade para aplicar as brincadeiras em sala de aula, mas ao mesmo tempo precisa criar a maturidade, responsabilidade e comprometimento. Onde esse desenvolvimento é oportunizado e adquirido em sala de aula durante a resolução das atividades.

Dentro da sala de aula as brincadeiras e a ludicidade vêm para agregar conhecimentos, momentos de interação, trabalho em equipe, ou ainda, oportunidades para se integrar a disciplina que tem como objetivo enriquecer os conhecimentos.

Segundo RCNEI "o trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que cabe ao professor trabalhar de naturezas diversas atividades [...]" (Brasil, 1998, p. 41). Podemos dizer que a importância do professor está por exercer com flexibilidade, sua função na educação infantil, pois o educador proporciona várias situações, desde os cuidados, brincadeiras lúdicas como também as aprendizagens orientadas.

Mediante tal importância do brincar no desenvolvimento integral da criança na educação infantil, o que nos motivou a realização desse trabalho, foi a projeção do crescimento da utilização de mecanismos lúdicos a fim de tornar a absorção dos conteúdos programáticos mais eficiente e eficaz no processo ensino-aprendizagem.

REVISÃO DE LITERATURA

As contribuições do brincar para o aprendizado das crianças

Nos dias atuais, a brincadeira tem como função integrar e, socializar (Silva; Santos, 2009). A sociedade moderna tem sofrido cada vez mais mudanças em relação ao ato de brincar e só mesmo no ambiente que se tem para brincar, ainda os pais têm pouco tempo para ficarem juntos e brincar com os filhos.

Almeida (2005, p. 5), relata que:

A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras a brincadeira é uma atividade que pode ser tanto voleyiva quanto individual. Na brincadeira, a existência das regras não limita a ação lúdica. A criança pode modifica-la, ausentar-se quando deseja, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim, existe maior liberdade de ação oara as crianças.

Com essa ótica, é importante frisar que a prática da brincadeira na escola promove alguns aspectos na criança, que serão de grande importância para o seu desenvolvimento físico, psicológico e social, sendo indispensável para a sua aprendizagem. Brincar é uma atividade livre, que aparece a qualquer momento, por sua vez e começada e conduzida pela criança. E isso ocorre tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar.

Kishimoto (2010, p. 1) destaca que

Todo o período da educação infantil é importante para introducão a brincadeiras. Pela diversidade de formas de conceber o brincar, alguns tendem a focalizala como características dos processos imitativos da criança, dando maior destaque apenas ao período posterior aos dois anos de idade. O período anterior é visto como preparatório para o aparecimento do lúdico. No entanto, temos clareza de que a opção pelo brincar desde início da educação infantil eo que garante a cidadania da criança e ações pedagógica de maior quantidade.

Podemos dizer que para a criança a brincadeira é a atividade principal do seu cotidiano, pois permite a criança o poder de tomar decisões, de expressar sentimentos, expressar identidade e individualidade através de linguagem, usando o seu corpo, sentimentos e movimentos. A infância é a base da vida por isso deve ser bem vivida, rica de experiências saudáveis.

Uma criança que não vive uma infância de forma livre, prazerosa, brincando será, provavelmente, um adulto incompleto, frustrado em alguma área da sua vida. Já ouvi relatos de adultos que dizem não ter tido infância porque não teve brinquedos, não brincou e suprem essa carência colecionando carinhos, por exemplo, pelo simples fato de quando as crianças não tiveram a oportunidade de tê-los no seu aprendizado.

Assim, para educar a criança Educação Infantil, é imprescindível integrar não somente a educação ao cuidado, mas a brincadeira. E essa tarefa depende muito do projeto curricular das escolas.

De acordo com Kishimoto (2010 p. 35)

Ao brincar a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressâ-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender se desenvolver.

Nesse sentido a criança não nasce sabendo brincar, ela aprende através das intenções com outras crianças e até com os adultos. Com o tempo ela descobre outras formas certas de utilizar materiais, como brinquedos e outros objetos para praticar a brincadeira.

O brincar favorece o aprendizado, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico, sendo também o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, o emocional e o corpo da criança.

De acordo Kischimoto (1996), a atividade lúdica pode apresentar-se de três formas: o jogo, os brinquedos e as brincadeiras, em que cada uma dessas atividades possui características distintas, mas semelhantes nas formas de desenvolvimentos cognitivos e ao prazer proporcionado por eles.

O brincar faz parte da especialidade infantil e oportuniza a criança no seu desenvolvimento na busca de sua completude, seu saber, seus conhecimentos e suas expectativas de mundo. Por ser importante para as crianças, o brincar é suas múltiplas possibilidades podem e devem ser utilizados como recursos de aprendizagem e desenvolvimento.

Sendo assim a brincadeira como recursos pedagógicos deve ser direcionado às áreas de desenvolvimento e aprendizagem no sentido de encorajar e conscientizar as crianças dos conhecimentos sociais que são desenvolvidas durante o ato do brincar, que podem ser utilizados com intuito de ajudá-lo em seu desenvolvimento.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil:

O brincar é uma das atividades fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de criança desde muito cedo, poder se comunicar por meio gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação, nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (Brasil, 1998, p. 22).

Assim podemos considerar que a brincadeira é um importante recursos pedagógico, tendo em vista que ela desenvolve as capacidades e o desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Contextualizando o brincar

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, pode se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação.

"A brincadeira, no RCNEI, é concebida como uma linguagem infantil que mantém um vínculo com aquilo que é o não brincar" (Brasil, 1998, p. 27), ocorrendo com elementos da imaginação, do uso de simbolismos, da linguagem simbólica. Na

brincadeira criança expande uma grande quantidade de emoções, pela variedade de brincadeiras que vivencia, organiza melhor o seu mundo inteiro. E o mais importante, por meio do brincar acaba aprendendo, de forma prazerosa, transformar um simples conhecimento em uma aprendizagem significativa.

Para Vygotsky (1991), é por meio da brincadeira que o sujeito pode apresentar significados sociais historicamente produzidos, como também novos, apropriados nas interações estabelecidas com seus pares e com os adultos. Ou seja, o desenvolvimento ocorre socialmente em meio ao que acontece no cotidiano e por meio da interação com as outras pessoas, assim sendo, as crianças imitam os adultos.

O conhecimento da criança acontece por meio da imitação do adulto ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes. A linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar, os conteúdos sociais, situações de valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói.

Para Piaget (1998), á linguagem e o pensamento possuem filiação genética que possa por três formas de pensamento, que são o pensamento artístico, que é subconsciente, ou seja, os problemas não se encontram presentes na consciência, o pensamento egocêntrico, que é aquele que assimila a ação propriamente dita, não levando em conta as relações segundo o ponto de vista desta última; e o pensamento inteligente, que é a

forma única e definitiva do pensamento, que acontece entre os sete e oito anos de idade.

O uso de símbolos é uma nova etapa no desenvolvimento infantil, pois permite que a inteligência prática ou sensóriomotora predominante até então, torna-se conceitual. O cognitivo pode ser concebido como instrumento indispensável para se usar a linguagem de forma adequada, pois quando o sujeito se aproxima dos estágios das operações formais, consegue abastecer-se de material verbal e não mais tão concreto como nos períodos anteriores.

A organização do espaço deve ser de acordo com a faixa etária da criança, onde o ambiente seja composto por objetos e linguagem que retratem a cultura e o meio social em que a criança está inserida. Brincando nos espaços, com seus brinquedos e objetos variados, escolhendo o espaço que deseja brincar e com quem deseja. Brincar é uma atividade essencial, pois, as trocas de saberes ocorrerem naturalmente através das diversas linguagen sejam elas corporal, gestual, musical retratando a realidade de cada um. A criança, ao agir com fantasia, é estimulada a usar de criatividade, usando como parâmetro o seu mundo infantil (Hank, 2006).

Nessa perspectiva, pensar na prática do jogo e da brincadeira, no âmbito da escola, favorece a reflexão e a autocrítica frente às transformações que ocorrem, respeitando-se os diferentes contextos e realidades nas quais a criança se insere como sujeito histórico, visto que o lúdico oferece condições de sociabilidade, levando a criança a se organizar mutuamente nas ações e intensificando a comunicação e a cooperação. Com regras mais simples do que jogos, o brincar é considerado por muitos autores como a expansão mais significativa da ação lúdica.

Pensem no tempo das suas infâncias! Quais eram as sensações mais presentes nas brincadeiras que vocês brincavam? Muitos de vocês podem responder que sentiam a sensação de liberdade, de espontaneidade e de prazer.

Almeida (2007, p. 26) destaca que

[...] é fruto tradicional cultural ora, da observação, de heterogeneidade e da diversidade de atividades oferecidas pela cultura lúdica do meio que pela criação e representação espontânea construída a partir de necessidades naturais do ser, sejam elas biológicas (físicas), ou cognitivas (mentais), psicológicas (afetivas, emocionais, de atenção ou de concentração), sociais (relativas ao grupo social), linguística (relacionadas à linguagem) ou culturais (e feitas às questões contextuais).

Com isso, podemos dizer que o objeto do brincar, sua função é ser suporte manipulável para a imaginação. O brincar, assim como a ludicidade e os jogos, possui um conjunto de interpretações e sentidos. Na concepção de Almeida (2007, p. 10) "o brincar varia de acordo com a idade, o sexo, a cultura, o meio, e a época. Nesses termos Venâncio (2005, p. 31) destaca que o

brincar é uma forma de lidar com a tensão entre o interno e externo. Como assim? Para o autor, o brincar é um modo de controlar o mundo externo. Por exemplo, a criança pequena não pode controlar a presença da mãe em um tempo e espaço, mas ela pode atribuir a um pedaço de pano ou um ursinho, ou um travesseiro, que simbolicamente é um objeto transacional, representa a mãe em um espaço da fantasia.

Brougere (2008, p. 19-20), acredita que brincar é um fenômeno cultural. Para este autor, o brincar é um ato da criação cultural por excelência, que vai permitir ao indivíduo criar uma relação aberta e positiva com a cultura. "Brincar não é apenas uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social, como outra, necessita de aprendizagem". Quando uma criança brinca constrói sua cultura no ato de brincar, de perceber e lidar com a realidade a sua volta.

Para Almeida (2007 p. 27), "o brincar é determinado pela cultura lúdica construída pela pessoa, pelo meio, ou seja, [...]". Assim, toda a cultura como tal que se expressa no contexto e no comportamento das pessoas ao interagirem ou não, neste contexto. A brincadeira está permeada da liberdade da ação do brincador, por ser uma ação voluntária ou de motivação ela segue os ditames da imaginação e representação da realidade metafórica e simbólica.

Ao brincar existe uma representação de personagens, quando se brinca as pessoas ficam mais livres pera se expressarem suas ideias, "o caráter do brincar está estreitamente relacionado com a capacidade de envolver-se em atividades prazerosas, desconectadas de regras e objetivos préestabelecidos" (Almeida, 2007, p. 28). Diante desse contexto o brincar reflete sempre uma ação prazerosa, intencional de liberdade.

Jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil

Através dos jogos as crianças se comunicam com o mundo expressando-se, descarregando suas energias, interagindo com meio onde vivem e com sua cultura. É brincando que a criança exercita suas potencialidades, provoca o funcionamento social e emocional.

O jogo, o brinquedo e a brincadeira possuem um determinado sentido. São elementos que desenvolvem a coordenação motora, o raciocínio, as relações sociais, bem como fortalecem laços afetivos. As crianças ao jogar ou brincar atribuem as suas brincadeiras, sentidos ligados à realidade. Jogo, brinquedos e brincadeiras, cada uma dessas atividades possui características distintas, mas semelhantes nas formas de desenvolvimento cognitivo e ao prazer proporcionado por eles. Sendo assim, o jogo representa um fator relevante no desenvolvimento do ser humano.

O lúdico faz parte da especificidade infantil e oportuniza a criança no seu desenvolvimento na busca de sua completude, seu saber, seus conhecimentos e suas expectativas de mundo. Por ser importante para as crianças, a atividade lúdica, em suas múltiplas possibilidades pode e deve ser utilizada como recursos de aprendizagem e desenvolvimento.

Nesse sentido, Piaget (1976, p. 160) salienta que

O jogo é, portanto sob suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismos uma assimilação da real atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função de suas necessidades múltiplas do eu. Sendo assim, os métodos ativo de educação das crianças exigem que se forneça um material conveniente, a fim de que, jogando elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais, que nem isso permanece exteriores à inteligência infantil.

Podemos dizer que o desenvolvimento infantil se dá em seu próprio cotidiano por meio do lúdico na escola, os educadores precisam se adaptar a isso, tentando programar essa prática no momento da realização das atividades escolares. Apesar dos desafios enfrentados diariamente, eles precisam inovar e enriquecer sua metodologia a todo instante.

Endossando a temática, Kishimoto (1994, p. 16), afirma que "o jogo pode ser visto como o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; um sistema de regras; e um objeto [...]". Esses três aspectos permitem a compreensão do jogo, diferenciado significados atribuídos por culturas diferentes, pelas regras e objetos que o caracterizam, o brinquedo é compreendido como um suporte de brincadeira, ou seja, o brinquedo estará representando por bonecas, carrinhos entre outros, sendo assim, a prática de brincar, traz as crianças, a sensação de prazer, nas quais elas aprendem enquanto brincam, e através disso melhoram também seus aspectos físicos motores e psicomotoras facilitando o processo de aprendizagem.

Isso acontece a partir do uso de um objeto como se fosse outro (por exemplo, quando uma criança utiliza um cabo de vassoura como se fosse um cavalinho), de uma situação por outra (quando uma criança brinca de casinha representando situações de vida cotidiana). É nesse período que a criança é egocêntrica, por não possuir esquemas conceituas e lógicos seu pensamento é um misto de fantasia e realidade dificultando sua percepção sobre a real situação dessa forma a mesma não tem a capacidade de colocar-se no lugar do outro atribuindo seu próprio pensamento a objetos, é o que chamamos de animismo, por exemplo, quando uma criança diz que sua boneca está triste e chorando.

O contato com o brinquedo faz com que a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas da natureza e da cultura, para compreendê-lo o expressálo por meio de variadas linguagens. É no plano da imaginação

que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

O brincar, a criança desenvolve-se fisicamente, afetivamente e socialmente; relaciona-se, comunica-se, estabelece relações e exercita suas potencialidades. Essas aplicações de jogos, brincadeiras e brinquedos podem também ser usados por meio de estímulo podendo assim ser avaliado às aprendizagens específicas de cada criança (Lira, 2019).

A importância da brincadeira para o desenvolvimento da criança segundo estudos da psicologia baseados numa visão histórica e social dos processos de desenvolvimento infantil. Segundo Vygotsky (2007), o brincar é uma atividade humana criadora, na qual a imaginação de fantasia e realidade interage na produção de novas possibilidades de interpretação de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais como outros sujeitos, crianças e adultos.

Para Borba (2006), tal concepção se afasta da visão predominante da brincadeira como atividade restrita à assimilação da criança e a sua integração à sociedade.

É fundamental enfatizar que o modo próprio de comunicar do brincar não se refere a um pensamento ilógico, mas a um discurso organizado com lógica e características próprias, o qual permite que as crianças transponham espaços e tempos e transmitem de conhecimentos nos planos da aprendizagem formal (Borba, 2006, p. 38).

Podemos dizer que o brincar é um importante processo de desenvolvimento e aprendizagem. A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa e virtual, por meio de livros, revistas, artigos científicos disponíveis em site acadêmicos. O uso da metodologia perfaz um importante instrumento de caracterização de uma pesquisa, dando-lhe um formato adequado mediante o emprego de métodos e técnicas específicas para a obtenção do conhecimento acerca do objeto de estudo (Ribeiro, 2013). Assim, a metodologia pode ser entendida como a postura do educador diante da realidade.

Sendo, assim, entende-se que o método é um conjunto de atividades racionais e sistemáticas que possibilita ao pesquisador alcançar os objetivos de modo seguro acerca da problematização do seu estudo.

A problemática norteadora deste trabalho está em como a brincadeira pode acrescentar no desenvolvimento motor e na aprendizagem da criança. A pesquisa tem como intuito buscar conhecimentos de alguns autores, para aprofundar os saberes sobre a importância do brincar dentro do ambiente escolar. Os objetivos científicos são analisar a real importância do brincar na educação infantil, reconhecer que as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento infantil e identificar métodos que diferencie o processo de ensino e aprendizagem.

O método de ensino da Pedagogia Histórico Crítica preconizado por Saviani (1986) e transformados em uma didática por Gasparin (2007), é apresentada em suas múltiplas dimensões que podem compor todas as circunstâncias que se desenvolvem dentro da sala de aula e que remete à forma como o professor pode oportunizar condições favoráveis para que ocorra uma melhor aprendizagem.

A relevância de uma investigação qualitativa dar-se-á por este método de pesquisa ter seu foco na compreensão e explicação das relações sociais e sua dinâmica. Em suma, a investigação apontou também que, a os jogos brinquedos e brincadeiras são compreendidos de forma inadequada no processo de aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de pesquisa bibliográfica vemos que a criança aprende enquanto brinca, de alguma forma a brincadeira se faz presente e acrescenta elementos indispensáveis ao relacionamento com outras pessoas.

Diante do exposto neste artigo, tem-se que é relevante que o professor procure sempre aumentar seus conhecimentos sobre o brincar na educação infantil, e que utilize rotineiramente formas que englobam brincadeiras, propiciando o desenvolvimento integral de seus alunos.

É importante, que o professor tenha consciência que as brincadeiras utilizadas como estratégia pedagógica devem ter o objetivo direcionado para motivar novas formas de aprendizagens, para que dessa maneira o aluno tenha seu momento de lazer e ao mesmo tempo adquira novas capacidades ou pelo menos execute as que já possuam. Pois, é através das brincadeiras que conseguem expressar aquilo que não consegue falar. As brincadeiras e jogos educativos são fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento das crianças.

Vemos que os jogos e as brincadeiras são uma necessidade do ser humano em qualquer idade, mas principalmente na infância, na qual ela deve ser vivenciada, não apenas como diversão, mas com objetivo de desenvolver as potencialidades da criança, visto que o conhecimento é construído pelas relações inter-pessoais e trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a formação integral da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo desenvolvido, constatou-se que o brincar; as brincadeiras, os jogos, a ludicidade e a afetividade estão relacionados à aprendizagem na educação infantil, A brincadeira é utilizada no ambiente escolar da educação infantil de acordo com as orientações das propostas curriculares e dos documentos oficiais, as ações pedagógicas devem leem consideração a faixa etária, podendo assim ampliar as brincadeiras de diferentes maneiras, respeitando sempre os interesses das crianças e em conformidade com o desenvolvimento que elas apresentam no momento.

A criança é um sujeito social, que vive e se expressa de acordo com a sociedade na qual está inserida. Muitos são os desafios, mas por meio do estudo desenvolvido, sobre o brincar, será possível perceber durante as aulas o desenvolvimento cognitivo da criança em todos os aspectos.

Dessa maneira, a educação infantil tem grandes influências na vida da criança por ser através das brincadeiras que ela exerce influência no ambiente escolar.

É competência de a educação infantil proporcionar às crianças um ambiente rico em atividades e brincadeiras lúdicas,

promovendo um desenvolvimento sadio. Ao brincar a criança conquista sua independência desenvolve habilidades motoras, exercita a imaginação e a criatividade e estimula sua sensibilidade auditiva e visual.

Com este trabalho verificou-se que a educação infantil é a base da educação apresentando um lugar privilegiado para o desenvolvimento social, afetivo, e cognitivo da criança. O professor é o responsável pela elaboração e monitoramento das atividades, e cabe a ele avaliar a evolução das crianças durante as atividades, para isso é necessário que o professor esteja capacitado para que contribua no processo de ensino aprendizagem.

Sendo assim, pode-se afirmar e acentuar que o desenvolvimento de mundo são elementos importantes para educação das crianças, são pontos fundamentais que ajudam a direciona-las positivamente, para que então possam transformar o meio em que vivem, dando um novo rumo à sociedade e um futuro melhor ao nosso país.

Conclui-se que o aspecto lúdico voltado para as crianças facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral nos aspectos físico, social, cultural, afetivo e cognitivo pois da criança fazem parte da infância. Foram citados autores que defendem a importância e a contribuição do brincar no desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. T. P. O brincar na Educação infantil. **Revista virtual E F Artigos**, Natal/RN, vol. 3, n. 1, maio, 2005.

ALMEIDA, P. N. de. **língua portuguesa e ludicidade**: ensinar brincando não é brincar de ensinar. São Paulo: dissertação de mestrado. Pontifica universidade católica de São Paulo. PUC/SP, 2007. Disponivel em: https://tede 2.pucsp. br/betstream/1446511/paulo % 20Nunes% 20 de %20Almeida.pdf. Acessado em: 17 jul. 2022.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. *In*: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Basica, 2006.

BRASIL. Ministro da Educação e do Desporto Secretaria de Educação fundamental. **Referencial curricular Nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://www.unisalisiano.edv.br/encontro 2007/trabalho/aceitos/ po27269318808. Pdf. Acessado em: 11 jul. 2022.

BROUGERE, G. **brinquedo e cultura**. 7. ed. São Paulo: cortez, 2008.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia historico – critica**. Campinas: Autores Associados, 2007.

HANK, V. L. C. O espaço físico e sua relação no desenvolvimento é aprendizagem da criança. 2006. Disponivel em: http://meuartigo.brasilescola. vol.com.br/educação/o-espaco-físico-sua-relacão-no desenvolvimento-aprtendisagem-htm. Acesso: 23 jul. 2022.

KISHIMOTO, T. M. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil**. Belo Horizonte: Perspectivas Atuais, 2010.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. São Paulo: pioneiro, 1994.

KISHIMOTO, T. M. Jogos, brinquedos, brincadeiras e a educação. São Paulo: cortez, 1996.

LIRA, J. A. P. de. O lúdico no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. 2019.

PIAGET, J. Psicologia e pedagogia. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1998.

RIBEIRO, R. R. M. et~al. Análise da abordagem metodológica: um estudo das teses e dissertações. **ConTexto**, Porto Alegre, v. 13, n. 25, p. 84-97, set. / dez. 2013. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/ConTexto/article/view/32333/pd $f_12.$ Acesso em: 4 ago. 2022.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura vara, onze teses sobre educação e politica. 13. ed. campinas, SP: cortez editora; autores Associados, 1986.

SILVA, A. F. F. da.; SANTOS, E. C. M. dos. A importância do brincar na educação infantil. 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento de processo psicológico superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Org.). O Jogo dentro e fora da escola. Campinas: Autores Associados, 2005.

CAPÍTULO 13

AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lidiane dos Santos Cosme Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 13

AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lidiane dos Santos Cosme²⁹ / Genilda de Brito Lopes³⁰

INTRODUÇÃO

O brincar nem sempre está inserido na prática do educador infantil, o que poderá comprometer o desenvolvimento das crianças que se encontram nesta modalidade de ensino, tendo em vista que alguns professores acreditam que as brincadeiras inseridas em sala de aula não vão ser tão eficazes como o modelo tradicional de quadro e giz. Assim, a partir dessas inquietações, o trabalho buscou trazer uma reflexão sobre a importância do brincar diante da aprendizagem dos alunos, tendo em vista uma educação de qualidade no âmbito escolar.

Ao longo dos tempos a educação infantil vem se modificando, alguns anos atrás nem instituição para educar a criança existia, por serem vista como um pequeno adulto, sua

²⁹ Graduanda em pedagogia. E-mail: lidianelayza0@gmail.com.

 ³⁰ Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

educação era particulamente da família e do grupo no qual estava inserida. Com o passar dos anos a criança deixou de ser um adulto em miniatura e passou a ser vista como um indivíduo em desenvolvimento e com isto diversos fatores mudaram a forma como acontecia a educação da criança.

Nesse sentido, o presente artigo trata de um tema que já se tem muitos estudos e pesquisas, contudo, pensamos que ainda se faz pertinente discutir sobre as contribuições do brincar na educação infantil. Neste sentido, o objetivo central deste estudo é analisar a importância do brincar na Educação Infantil, pois, segundo os autores pesquisados, este é um período fundamental para a criança no que diz respeito ao seu desenvolvimento e aprendizagem de forma significativa. Pensar na importância do brincar, antes de tudo, facilita a capacidade da criança diante da prática cotidiana na reprodução, produção de determinadas habilidades e capacidades que proporcionam um bem estar e satisfação diante de situações da realidade, aprimorando a capacidade psicomotora, cognitiva e intelectual.

Para a elaboração do trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica, qualitativa e virtual. Buscamos contribuições de alguns autores que tratam sobre o tema tais como, Wallon (1979), Vigotsky (1991), Melo e Valle (2005), entre outros autores que relatam sobre o tema no sentido de refletir o conhecimento já sistematizado.

Sendo assim, justifico a escolha do tema, pela necessidade de aprender que a criança detém, com isso salientamos que o brincar é um excelente meio de contribuição no crescimento motor, linguístico, mental e físico das crianças, fazendo com que elas aprendam a cada movimento executado.

A motivação e interesse em pesquisar o presente tema surgiu de experiências pessoais enquanto estagiária na Educação Infantil, o brincar é uma das formas mais comuns que auxilia e contribui para formação de um ser crítico e consciente, fazendo com que a criança compreenda o mundo a sua volta. Brincar é uma importante forma de comunicação, por ser por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano. Perceber e incentivar a capacidade criadora das crianças, no lúdico, como uma das formas de relacionamento e recriação do mundo na perspectiva da lógica infantil.

"O lúdico influencia muito no desenvolvimento da criança, pois é com jogos e brincadeiras, que ela estimula a curiosidade, adquire autoconfiança, aprende a agir, e proporciona o desenvolvimento da linguagem e do pensamento" (Vigotsky, 1991 p. 15). Ou seja, é por meio do brincar que a criança tem um avanço significativo, tanto na linguagem como no pensamento e é por meio de sons e movimentos que a aprendizagem acontece.

O presente artigo foi criado e desenvolvido da seguinte forma: iniciaremos apresentando a introdução, que revelam as conjunturas que englobam todo o contexto do estudo realizado; na sequência, dividimos o trabalho em tópicos para melhor ser o entendimento do estudo pelos leitores, buscando expor de forma clara e objetiva todas as informações do nosso estudo.

No primeiro tópico, abordaremos sobre a revisão de literatura, o que é brincar, a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, o brincar livre e dirigido. No segundo tópico explicaremos como a metodologia foi utilizada, no terceiro tópico, apresentaremos os resultados e discussão, que fala sobre a influência do brincar e a brincadeira para despertar nos educandos o gosto pelo aprendizado em sala de aula. Como também o brincar em sala de aula a partir da perspectiva do professor pode agir sobre o aluno. Por fim, as considerações finais, retomam sinteticamente as principais ideias apresentadas ao longo do trabalho.

REVISÃO DE LITERATURA

O que é brincar?

Brincar é uma atividade fundamental para estimular as crianças a interagir uma com a outra, assim podendo permitir que elas se comuniquem com outras pessoas expressando as suas alegrias e tristeza. Brincar também faz as crianças socializar na escola, pois é brincando que as crianças aprendem a conviver em sociedade.

Brincar segundo o dicionário Aurélio (2003), é "divertir-se, recrear-se, entende-se, distrair-se, folgar", também pode ser "entreter-se com jogos infantis", ou seja, brincar é algo muito presente nas nossas vidas, ou pelo menos deveria ser. Segundo Oliveira (2000), o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo, ou seja, o desenvolvimento acontecerá através de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a sua vida. Assim, através do brincar a criança pode desenvolver capacidades importantes como atenção a memória, a imitação, a imaginação, ainda propiciando a criança o desenvolvimento de áreas da personalidade como afetividade, motricidade, inteligência, socialidade e criatividade.

O brincar está inserido no contexto histórico e social da criança, na qual ela convive. Portanto é essencial que a criança brinque, e utilize a brincadeira com recurso de seu desenvolvimento e aprendizagem. Ela pode criar e recriar as brincadeiras usando apenas sua imaginação.

O brincar se torna importante no desenvolvimento da criança de maneira que as brincadeiras e jogos que vão surgindo gradativamente em sua vida nas formas mais funcionais até às de regras. Estes são elementos elaborados que proporcionam experiências, possibilitando a conquista e a formação da sua identidade. Como podemos perceber, os brinquedos e as

brincadeiras são fontes inesgotáveis de interação lúdica e afetiva. Para uma aprendizagem eficaz é preciso que o aluno construa o conhecimento, assimile os conteúdos, e o jogo é um excelente recurso para facilitar a aprendizagem,

Neste sentido, Carvalho (1992, p. 14), afirma que:

(...) desde muito cedo o jogo na vida da criança é de fundamental Importância, pois quando ela brinca, explora e manuseia tudo aquilo que está em sua volta, através de esforços físicos e mentais e sem sentir coagida pelo adulto, começa a ter sentimentos de Liberdade, portanto, real valor e atenção as atividades vivenciadas naquele instante.

O jogo na vida da criança é prazeroso e divertido faz com que a criança se sinta livre ela e é fundamental na aprendizagem que tem como objetivo proporcionar determinados onde o desafio é obter a satisfação no final da atividade.

As ações com o jogo devem ser criadas e recriadas, para que sejam sempre uma nova descoberta e sempre se transforme em novo jogo, em uma nova forma de jogar. Quando a criança brinca, sem saber fornece várias informações o seu respeito, no entanto, o brincar pode ser útil para estimular seu desenvolvimento integral, tanto no ambiente familiar, quanto no ambiente escolar.

O brincar é a atividade educacional que influência as emoções e no crescimento mental da criança, o brincar é uma singularidade da criança e proporciona desenvolvimento buscando sua integridade conhecimento. As atividades lúdicas, são de grande valia para as crianças, é uma ferramenta que deverá ser disponibilizada com recurso no processo de ensino aprendizagem Wallon (1979).

Brincar é coisa séria, também, por que na brincadeira não há trapaça, há sinceridade engajamento voluntário e doação, brincando nós reequilibramos, reciclamos nossas e nossa sinceridade de conhecer e reinventar. E tudo isso desenvolvendo atenção concentração e muitas habilidades. O brincar se torna importante no desenvolvimento da criança possibilitando experiência na conquista da formação da sua identidade.

Brincar é uma importante forma de comunicação, e, por meio dela, a criança pode reproduzir seu cotidiano. Mas vale lembrar que cada faixa etária tem uma necessidade e um interesse diferente durante a brincadeira. Entendemos que o brincar é relevante na vida das crianças, Vygotsky (1991, p. 54), relata que:

ao brincar com qualquer objeto, a criança entre numa espécie de mundo de faz-de-conta. E na mente dela um simples cabo de vassoura, pode levá-la a todo lugar desejado. Já o galho de uma árvore pode transformar-se em uma varinha de condão e realizar o desejo dela ou dos coleguinhas. É o mundo que ela concebe, vive e acredita.

Vygotsky (1991, p. 35) destaca que é "na brincadeira a criança se comporta além de sua idade, agindo ou falando de modos que habitualmente não fazem parte de seu repertório". Pode-se dizer que existem dois aspectos importantes na brincadeira para o desenvolvimento infantil: as transformações cognitivas, pois surgem novas funções psíquicas, como a imaginação e; o desenvolvimento afetivo, pois a criança aprende a lidar com os desejos irrealizáveis. Vygotsky nos fornece importantes bases teóricas para a valorização do brincar na infância, enfatizando-a como contexto potente de aprendizagem e desenvolvimento. Na brincadeira, a criança está sempre acima da média da sua idade, acima de seu comportamento cotidiano; na brincadeira, é como se a criança estivesse numa altura equivalente a uma cabeça acima da sua própria altura.

Para as crianças, os benefícios de brincar vão muito além de exercitar a criatividade e a fantasia. Trata-se de uma atividade importante para a construção da sua estrutura emocional e familiar que ela levará para a vida adulta, o que pode contribuir para uma maturidade emocional mais consistente.

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil

O desenvolvimento infantil froebeliano, o brincar ocupa um espaço essencial Como define o autor "brincar é a mais alta fase do desenvolvimento infantil – do desenvolvimento humano neste período. É representação auto ativa do interno representação do interno da interna necessidade e impulso" (Froebel, 1896, p. 54-55).

Para Vygotsky (1998, p. 35-38), é por meio das brincadeiras e jogos que as crianças conseguem externar toda a sua criatividade, seus sentimentos, emoções e seus saberes E firmando a importância das brincadeiras.

O brincar no desenvolvimento infantil da criança é fundamental pois brincar possibilita sensação prazerosa, reflexões e enfrentamento nas situações, além disso desenvolve o sentimento e aumenta a autoestima fazendo com o que a criança cresça como um ser cheio de valores. O brincar prepara a criança para enfrentar o mundo. Segundo Melo e Valle (2005, p. 45),

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginaria, um mundo de faz de conta. Consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis. Exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RCNEI - "O brincar é uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais" das crianças (Brasil, 1998, p. 27).

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam ao adotar outros papéis na brincadeira, ou seja, a crianças age frente à realidade de maneira não literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

Zanluchi (2005, p. 89), afirma que "quando a criança brinca, a criança prepara-se a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contando com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam os brinquedos". Assim, destacamos que quando a criança brinca, parece mais madura, porque mesmo que de forma simbólica, ela adentra o mundo adulto que cada vez se abre para que possa lide com as diversas e futuras situações.

Portanto a brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida e que a criança pode transformar e produzir novos significados. Nas situações em que a criança é estimulada, é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um significado, o que estressa seu carácter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento.

Nesse contexto o brincar faz com o que criança sinta prazer. Brincar representa para a criança um mundo cheio de alegrias e possibilidades para o desenvolvimento infantil, promovendo evolução no aprendizado. Ao brincar as crianças traduzem/expressam o que vivem e o que sentem desenvolvendo o aprendizado no dia-a-dia, desenvolve a criatividade, alegria proporcionando divertimento.

Para Piaget (1971, p. 67) "quando a criança brinca, a criança assimila o mundo a sua volta, sem compromisso com a realidade, pois a sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas dá função que a criança lhe atribui". Froebel (1912) complementa que "brincar é a fase mais importante da infância do desenvolvimento humano neste período por ser auto-ativo representação do interno. A representação de necessidade interna" (p. 54-55).

Sendo assim, é importante que as crianças tenham seu tempo e espaço para brincar, pois é através do brincar que a criança tem um desenvolvimento elétrico de aprendizagem toda criança tem seu período de desenvolvimento no brincar, no aprender e no fazer.

O brincar está relacionado a afetividade intelectual ao equilíbrio efetivo da criança. Quando a criança não brinca é sinal de que algo não está bem com a criança, o brincar é vida é amor é felicidade para a criança e nele que se desenvolve e constrói o ato intelectual da criança, por meio do brincar é que a criança se constrói.

O brincar livre e dirigido na educação infantil

Na Educação Infantil, é preciso proporcionar às crianças inúmeras experiências motoras, afetivas, cognitivas e sociais, que lhes possibilitem construir conhecimentos através do brincar. Portanto, é necessário compreender qual o papel das atividades lúdicas espontâneas e daquelas geradas pelos docentes para proporcionar momentos de aprendizagem significativa na primeira infância.

O brincar fora da escola motiva às crianças a explorarem a casa, o jardim, a rua, a vizinhança, enfim as coisas que o rodeiam. Ele oferece uma escola real mais longa a uma aprendizagem que tende a se espalhar e a prosseguir continuamente, (Tizard; Hughes, 1984), e a criança em desenvolvimento é absorvida pela situação em diretrizes momentos e ritmos, de acordo com a necessidade. Enquanto o brincar na escola motiva uma aprendizagem diferente e é caracterizada por maior fragmentação e por estar compactado em segmentos de tempo. O brincar dentro da escola faz a criança desenvolver habilidades e capacidades emocional e cognitivas garantindo uma infância cheia de alegrias e sabedoria.

Existem dois tipos de brincar: o brincar livre e o brincar dirigido. O brincar livre conceitua-se pelo lúdico informal, geralmente, no espaço familiar. É a oportunidade de explorar e investigar materiais e situações sozinhas, sendo este o percursor

do brincar mais desafiador. Nesse contexto as crianças aprendem e descobrem seus próprios desafios problemas entre situações atitudes e resposta durante a aprendizagem.

O brincar dirigido consiste brincar orientado, onde a atividade lúdica e direcionada para fins de aprendizagem e a criança vive experiências em níveis diferentes de complexidade, envolvendo suas capacidades cognitivas. O brincar dirigido leva as crianças experiências essenciais entre professor/aluno permitindo recursos apropriados e necessários.

No brincar dirigido pelo professor leva as crianças a ter um entendimento mais avançado na aprendizagem. Segundo Moyles (2002), brincar pode ser visto tanto como processo quanto como modo. Como modo, é interno, afetivo e natural como processo pode ser manifestado externamente pela criança ou pelo adulto. Configuram: brincar livre (modo) e o dirigido (processo). O brincar torna dirigido quando tem a orientação e apoio do professor onde o aluno tem a possibilidade de aproveitar e explorar o brincar dirigido constituem tanto modo quanto processo.

O brincar dirigido refere-se, principalmente, ao processo, enquanto o brincar livre inclui processo e modo, e é dentro desses tipos de brincar que os professores devem procurar a aprendizagem real, avaliando as respostas, compreensões e incompreensões que as crianças apresentam nos momentos relaxados do brincar livre.

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam de diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses sobre aquilo querem desvendar. Elas constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com outras pessoas e com o meio onde vivem. O seu conhecimento é fruto de um intenso trabalho de criação, significado e ressignificado e não simples cópia da realidade atual.

A criança pelo o ato de brincar, ela se expressa e desenvolve sua capacidade de aprender. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a mesma saboreia a vitória da aquisição de um novo saber fazer. Ela usa o brincar como forma de linguagem para compreender e interagir consigo, com o outro e com o mundo. O brincar é uma atividade que deve estar presente dentro da escola de educação infantil de forma que a criança venha desenvolver suas capacidades.

Para isso a brincadeira precisa ser mediada pelo o professor e também em alguns momentos deve ser livre. Pois a brincadeira propicia o desenvolvimento integral da criança até mesmo quando ocorrem brigas entre elas, contribui para o crescimento da aprendizagem.

O Referencal Curricular Nacional para Educação Infantil, discorre que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização (Brasil, 1998, p. 22).

O brincar tem o poder de facilitar, transformar e auxiliar o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para inúmeras aprendizagens ao longo do desenvolvimento pessoal, social e cultural da criança, e também contribui no âmbito cognitivo, motores, na construção de autonomias e identidade, no desenvolvimento da linguagem, como meio de comunicação e socialização na construção de conhecimento, ampliação de repertório de experiência, criatividade e imaginação, essas são contribuições importantes que o brincar traz para criança.

A sala de aula representa para a pedagogia uma órbita de infinitas possibilidades de aprendizagem. Essas, por sua vez, são variáveis e se relacionam entre si com objetivos semelhantes. Com o passar do tempo passam por metamorfoses fomentadas pela transformação que a clientela apresenta no dia-a-dia.

O espaço educacional é divido e planejado para atender as particularidades dos seus aprendizes, de modo consciente e ético. A escola é um difusor de transformação social, propaga informações e edifica o caráter humano. Desta maneira, empreende o processo intelectual vinculado a estruturação de ideias pertinentes ao amadurecimento.

Piaget (1978, p. 27), considera "a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa". De acordo com o pensamento do autor, o jogo aparece como peça contributiva e favorecedora das novas práticas pedagógicas. A esse respeito Mello (1989, p. 63), alega que "o jogo é a razão de ser da infância, da importância vital e condicionadora do desenvolvimento harmonioso dos corpos, da inteligência e da afetividade".

O florescimento da inteligência observada no decorrer das aulas, o aperfeiçoamento do entendimento sobre os conteúdos abordados em sala e as novas habilidades conquistadas após o uso dos jogos e das brincadeiras rotulam essas tendências como positivas e imprescindíveis.

Em conformidade com Le Boulch (1987), as práticas recreativas não só denotam clareza aos assuntos, como também facilitam a interpretação dos alunos os quais indicam dificuldades de compreensão.

Mas os benefícios dos jogos e das brincadeiras vão mais adiante. Além de servir, favoravelmente, ao sistema psicomotor, é inegável sua contribuição com o comportamento, os hábitos e os costumes dos alunos. A linguagem é outro setor atingido com a adoção, principalmente, das brincadeiras que envolvem

música. Nesse quadro, pode ser citado o reestabelecimento da fama, a descoberta de novos idiomas, o tratamento da timidez, a adesão da fluência bem como a primazia na oralidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desse trabalho foi utilizado por meio de pesquisa bibliográfica, qualitativa e virtual. "para um investigador qualitativo que planeje elaborar uma teoria sobre o seu estudo, a direção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e ao passar de tempo com os sujeitos." (Bogdan; Biklen, 2010, p. 50).

Outro ponto levantado pelos autores, é que "o significado é de importância vital na abordagem qualitativa"; portanto, "os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas." (Bogdan; Biklen, 2010 p. 50). Por conseguinte, "os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador" (p. 51).

Com isso, foi abordado aqui os aspectos que constituem o brincar; o tempo, o espaço e o papel do educador, uma vez que esta comunicação visa verificar como elementos do brincar são contemplados dentro de uma instituição que tem o brincar. As brincadeiras como atividades fundamentais para a criança. Os

dados obtidos através da pesquisa, expõe a importância do brincar na educação infantil. O brincar é vida para a criança no brincar ela se envolve com o mundo de forma inesquecível para mim é satisfatório ver uma criança livremente feliz.

Enquanto educador sabemos que é necessário todo apoio na prática das brincadeiras lúdicas o brincar é lazer durante a infância do sujeito, brincar é ação preferida das crianças.

Para Pizzani *et al.*, (2012, p. 54), a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como: "[...] a revisão de literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico" e o levantamento pode ser realizado "[...] em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da internet entre outras fontes".

Por fim, após os estudos realizados, ficou evidente que o brincar na Educação Infantil pode ser aplicado como um ato de aprendizagem, desde que utilizado de forma efetiva pelo professor, ao planejar as ações é imprescindível produzir um ambiente rico, com atividades desafiadoras e motivadoras de aprendizagem iguais para todas as crianças através da dimensão lúdica. Orientar e aprender brincando pode ser mais eficiente e produtivo do que os métodos tradicionais utilizados até então.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de um breve levantamento bibliográfico e a afirmação de alguns pesquisadores sobre o tema abordado, nota-

se que pode trabalhar o corpo e o movimento dentro da sala de aula de uma forma mais lúdica, onde o aluno irá ter mais interesse em aprender; o aspecto lúdico desperta o interesse e a motivação para a aprendizagem.

Esse período do brincar é de grande importância e também é fundamental para ao desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Sempre buscamos ressaltar a importância do brincar na educação infantil durante as brincadeiras das crianças, elas constroem, imaginam que já vivenciam e outras que surgem da sua imaginação e fantasia como é definido por vários autores, o brincar ajuda na construção da personalidade da criança.

Considero que o tempo destinado a brincadeira livre ou dirigido deve ser planificada e estruturada na rotina de uma sala, para que todas as crianças tenham a mesma oportunidade e tempo para brincar.

No brincar podemos concluir que pode ser utilizado como suporte para estimular a criança a superar as dificuldades encontradas nas dimensões cognitivas e sociais. Os resultados permitem antecipar que é no brincar que as crianças expressam a forma natural de explorarem o que as rodeiam, se desenvolverem e aprenderem com base nas suas experiências e vivências. Todas os educadores, acreditam nos benefícios do brincar, mas apenas alguns criam diariamente o tempo destinado a brincadeira livre ou estruturada na sua planificação, sendo que

outros só permitem que as crianças o façam após as atividades mais dirigidas.

Não bastando apenas ter embasamento teórico e tomar a iniciativa de exercitar as brincadeiras dentro de sala de aula. É fundamental que o educador deixe a criança ser criança e conduzir a brincadeira de forma natural, observando sempre os variados nuances do ensinamento de seus alunos.

Alunos e professores possuem o aprendizado recíproco, pois o professor aprenderá a lidar com as situações impostas pelas brincadeiras e os alunos aprenderão com os ensinamentos do professor através dessa aula lúdica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho podemos ver o quanto e importante o brincar na educação infantil, com destaque para o progresso integral das crianças, pois a favorece um maior conhecimento de seu corpo, ampliando as possibilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais. Além de introduzir a imaginação do aluno estimulando novas formas de aprendizagem.

Sendo assim, foi possível observar que o brincar é de extrema relevância para o desenvolvimento integral da criança além de interação, a brincadeira, e o brinquedo proporcionam mecanismo para o desenvolvimento da linguagem, da atenção, a

percepção, da criatividade e habilidade para melhor desenvolver a aprendizagem.

O ato brincar na educação faz parte de uma aprendizagem prazerosa que não é apenas lazer, mas sim um ato de aprender. O brincar na educação infantil é uma atividade essencial para as crianças, não um passatempo, mas ato de criar recursos para enfrentar o mundo com seus desafios. De fato, o brincar estimula o desenvolvimento global das crianças, seja em nível cognitivo, pessoal, social, afetivo, motor, linguístico ou sensorial.

O brinquedo e as brincadeiras contribuem positivamente para a formação da personalidade. Durante todas as brincadeiras, mas principalmente nas brincadeiras do faz de conta, as crianças inventam personagens, criam situações e representam momentos do seu dia-a-dia ou até mesmo do seu imaginário, quando estão a criar, estão a explorar o seu lado mais criativo. A criatividade, não está só presente nas pinturas ou nos desenhos, mas, também nas brincadeiras e nos jogos que as crianças têm e fazem, de forma livre e espontânea.

Conclui-se, portanto, que, o brincar é importante para a criança também para o adulto, por que o que acontece com a criança hoje, refletirá no adulto de amanhã. Através das brincadeiras exercitamos habilidades essenciais a saúde de nossas relações.

Essa pesquisa reforça a importância de adotar ferramentas corretas para atingir determinado fim. Com isso, reafirma que

toda e qualquer brincadeira deve ser anteriormente pensada, planejada, avaliada e classificada. Dessa forma, não se corre o risco de brincar por brincar. Ademais, permite a esquipe pedagógica, bem como ao professor, a substituição de elementos quando estes não atendem as expectativas. Apesar dos resultados obtidos, estes dados não podem ser considerados conclusivos. Há necessidade de outras pesquisas que visem aprofundar a temática em questão, no sentido de ampliar o conhecimento o que, por consequência, oportunize o trabalho pedagógico no universo educacional pesquisado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencal Curricular Nacional para Educação Infantil**. V. 1e . Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora. 2010.

CARVALHO, A. M. C. et al. (Org.). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casado Psicólogo, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio Escolar Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FROEBEL. The education of man. *In*: HARRIS, W.T. (Ed.). **The international series**. New York/London: D. Appleton and Company, 1896.

FROEBEL, F. The education of man. Nova York: D.appleton, 1912.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MELLO, A. **Psicomotricidade**, **educação física e jogos infantis**. São Paulo: IBRASA, 1989.

MELO, L.; VALLE, E. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento Infantil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar. 2005.

MOYLES, J. R. Só brincar? O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, V. B. de (org). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, J. **Fazer e Compreender**. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1978.

PIZZANI, L. et al. A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento. **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.**, v. 10, n. 1, p. 53-66, Campinas, 2012.

TIZARD, B. E HUGHES, M. Crianças de Aprendizagem: falar e pensar em casa e na escola. Londres: Fontana, 1984.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. são Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. *In*: **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZANLUCHI, F. B. O brincar e o criar: as relações entre a atividade lúdica e o desenvolvimento da criatividade e educação. Londrina, PR: O autor, 2005.

WALLON, H. A psicologia genética. *In*: **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1979.

CAPÍTULO 14

INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA EDUCAÇÃO INFANT<u>IL: LIBRAS</u>

Luana Fernandes de Paula

Genilda de Brito Lopes

CAPÍTULO 14

INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LIBRAS

Luana Fernandes de Paula³¹ / Genilda de Brito Lopes³²

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil, a inserção das pessoas com deficiência tem se apresentado como um desafio. A inclusão social das pessoas com deficiência auditiva, em suas diferentes faces, é efetivada por meio de políticas públicas que visam oficializar e viabilizar a inserção dos indivíduos aos meios sociais.

A surdez se refere à condição do déficit simultâneo da audição e que leva a uma privação desse sentido responsável pela recepção de informações à distância de modo temporal, direcional e simbólica.

³¹ Graduanda em pedagogia. E-mail: lidianelayza0@gmail.com.

 ³² Orientadora. Especialização em Psicopedagogia Clinica e Institucional
 - Faculdade Integrada de Araguatin (FAIARA) – Graduada em Pedagogia
 no Instituto de Educação Superior Pres. Kennedy, e-mail: genildadebrito92@gmail.com.

No Brasil, a Constituição de 1988, embora contemple os dispositivos que garantam o direito à educação de crianças com necessidades educacionais especiais preferencialmente na educação infantil, foi somente na década de 1990, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que se reforçou os pressupostos da escola inclusiva, colaborando para que o aumento do número de alunos com deficiência matriculados nas escolas (Brasil, 1996).

Para a completa efetividade da lei, é necessário que sejam estabelecidos padrões de acessibilidade nos diferentes espaços, assim como é necessário investimentos na formação inicial e continuada dos profissionais envolvidos no processo de inclusão, principalmente dos professores.

A noção de "inclusão" marca o debate do sistema educacional; seguindo as diretrizes internacionais, as políticas públicas expressam um projeto de educação "inclusiva" de caráter nacional, estadual e municipal.

Diante do apresentado, escolhemos abordar o tema "Inclusão do aluno com deficiência auditiva na educação infantil: LIBRAS". Tendo como objetivo principal analisar o entendimento sobre a inclusão educacional e social por meio das concepções teóricas e desafios da realidade do aluno com surdez, com isso, justifica-se a escolha desse tema pela necessidade de entender como se processa a inclusão de pessoas com deficiência auditiva na educação infantil perante uma sociedade que precisa vencer

preconceitos, rever valores e buscar novos paradigmas diante de uma educação igualitária.

Para substanciar a investigação, utilizamos metodologicamente os procedimentos de pesquisa bibliográfica, qualitativa e pesquisa virtual.

No que se refere à problemática do tema deste trabalho, apontamos que as crianças surdas por serem filhas de pais ouvintes possuem um prejuízo linguístico, por não compartilharem a língua comum de seus pais. Elas não têm acesso ao português e os familiares não conhecem LIBRAS e os escassos conhecimentos culturais/sociais chegam aos bancos escolares (Santana, 2007).

No aspecto da educação inclusiva no Ensino Infantil, a inserção da língua Brasileira de Sinais – LIBRAS - tem passado por período de resistências, resultando exclusão das crianças surda, assim como a inviabilidade de diálogo entre as crianças surdas e ouvinte.

Desse modo, buscando selecionar os principais teóricos que tratam do tema, tais como, Rocha (2010), Campello (2018), Quadros (2004), Vasconcelos (2007), entre outros que abordam o assunto. As discussões que hoje permeiam o processo educacional de alunos com necessidades educacionais especiais voltam-se para que as ações educativas se façam assentadas nos pressupostos de uma educação inclusiva, implicando na formação de um professor cujo perfil de atuação seja compatível

com a evolução dos conceitos educacionais que hoje apontam para a educação desse segmento escolar.

O trabalho ora apresentado está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos a introdução, que contextualiza os elementos do artigo; dando sequência, dividimos o restante em tópicos constituintes do desenvolvimento, que são voltados à análise e discernimento do trabalho.

No primeiro tópico, descrevemos a revisão de literatura, a história da educação das pessoas com deficiência auditiva, a importância do ensino de LIBRAS como fator mediador na educação infantil, como também, a formação de professores na educação de alunos surdos.

Na sequência, no segundo tópico, retratamos a metodologia do trabalho, dando continuidade, no terceiro tópico, abordaremos sobre os resultados e discussão. E, finalmente, apresentamos as considerações finais convictas de que os ideais aqui narrados e sistematizados compõem as reflexões teóricas sobre o aprendente com deficiência especial na educação infantil.

REVISÃO DE LITERATURA

História da Educação de pessoas com deficiência auditiva

A língua é um código composto por um conjunto de signos utilizados na comunicação dos grupos entre si. A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é a língua materna da comunidade surda, sendo composta por todos os aspectos linguísticos que qualquer língua possui. Após incessante luta da comunidade surda pelo reconhecimento da LIBRAS, a língua de sinais foi regulamentada nacionalmente pela Lei de nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Segundo Brasil (2002), em seus artigos 1º ao 4º diz que:

Artigo 1º- É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a língua brasileira de sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados; Artigo 2º - Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de servicos formas institucionalizadas públicos, apoiar o uso e difusão da língua brasileira de sinais – LIBRAS, como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente comunidades surdas do Brasil; Artigo 3º - As instituições públicas e concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado as pessoas com deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor; Artigo 4º - O sistema educacional Federal e os sistemas educacionais Estaduais, Municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial.

A Lei 10.436 foi regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005 que, além de classificar a pessoa surda e os graus de deficiência auditiva, ratificar a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular, também explica sobre a formação de professor e instrutor de LIBRAS.

A legislação legitima a importância não só na utilização da LIBRAS, mas também, na sua difusão. Porém, deixa claro que, a LIBRAS, não substituirá a Língua Portuguesa escrita, apontando que é imprescindível a articulação entre as duas línguas na educação do aluno surdo na educação infantil.

Os principais argumentos que encontramos na história da educação dos surdos. Foi na maioria das vezes, narrados por ouvintes e não por surdos. Qualquer que seja a época a educação de surdos é contada raríssimas vezes pelos próprios protagonistas, os surdos. Estes se encontram em papéis de coadjuvantes de sua própria história. Segundo Rocha (2010. p. 32)

A memória individual é refletida em parte, por nossas experiências objetivo com o vivido. No entanto, apenas ela não esgota a experiências. As manifestações do inconsciente também geram mecanismos de memorias construídos fora das experiências do vivido-compartilhado com outros sujeitos.

A citação acima revela a grande contribuição de Solange Maria da Rocha para historiografia da educação, não só do Brasil. A autora aborda a memória da educação de surdos e a história da educação em geral.

Segundo a autora, a educação de surdos teve início durante o Congresso de Milão, em uma conferência internacional de educadores de surdos, no ano de 1880, entre 6 a 11 de setembro de 1880. O referido congresso declarou que a educação oralista era superior à língua gestual, aprovando uma resolução que proibia o uso da língua gestual nas escolas. Ainda neste ano, as escolas, em todos os países Europeus e nos Estados Unidos, mudaram para a utilização terapêutica do discurso sem língua gestual como método de educação para os surdos.

No Brasil, a história da educação dos surdos se inicia com a criação do Instituto de surdos-mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, fundado em 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo francês Huet, que veio para o Brasil, a convite do Imperador D. Pedro II para trabalhar na educação de surdos. No início, os surdos eram educadores por linguagem escrita articulada e falada dogmatologia e sinais.

O curso tinha a duração de seis anos, e eram oferecidos aos alunos dos seis anos de idade de sete os dezesseis anos de idade. A disciplina "leitura sobre os lábios" estaria voltada apenas para os que apresentassem aptidões a desenvolver a linguagem oral. Havia uma relação e consequentemente, trabalho diferenciado para os que não tivessem condições de oralidade.

Assim, pois, se deu o primeiro contato dos surdos brasileiros com a língua de sinais francesa, trazido por e Huet. Hoje já se tem um avanço com relação aos responsáveis pela instrução dos surdos, o que reflete uma preocupação do governo com a inclusão, porém, naquela época, o trabalho de oralização era feito pelos professores ouvinte, não havendo especialistas para tal tarefa. No Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Surdos, INES, era a única escola, em nível federal existente no país.

Desse modo, por algum tempo no processo histórico brasileiro, entre médicos e outros profissionais, o INES foi o único local para onde os surdos deveriam ser encaminhados, por isso até hoje o referido Instituto, é considerado uma referência nacional na educação dos surdos.

Para Rocha (2010, p. 33)

INES foi fundada há 152 anos e a presença de narrativas ligada à memória faz parte de cultura institucional. A marca de sua longa história é muito forte na instituição, embora, contraditoriamente, a atenção com a memória oral seja mais relevante do que a memória escrita. Muito se perdeu de fonte documentos matérias, por diversas razões que não cabem aqui serem discutidas.

Com essa visão, a educação de pessoas surdas é um tema que vem ganhando destaque nos últimos tempos, a pesquisas

desenvolvidas no Brasil e no mundo demonstram a necessidade de obter um maior aprofundamento do tema.

De acorda com Rocha (2005), a primeira ação, no que hoje conhecemos como educação sistematizado de pessoas com deficiências auditivas, começou no ano de 1854, no governo imperial D. Pedro II, por meio da fundação instituto dos meninos, via decreto imperial em 1.428 a 1854.

A importância do ensino de LIBRAS como fator mediador na educação infantil

Atualmente se discute muito sobre a inclusão da criança surda em sala de aula na educação infantil. Se pode constatar que no fluir dos estudos ocorridos em que a inclusão não está por completo para os alunos com deficiência que estão introduzidos nas escolas. Sabe-se que existe uma grande falha quando se trata da equipe gestora da escola em relação a inclusão, onde deveria proporcionar aos alunos uma inclusão realmente de qualidade, para que possam ter o ensino desejado para que se tornem cidadãos aptos para o mercado de trabalho, e que sejam também considerados como sujeitos de igualdade.

O surdo muitas vezes é considerado uma pessoa estranha dentro da sua própria comunidade por não ter domínio com a língua de sinais, o que faz dificultar a sua interação, quando não se consegue estabelecer uma comunicação com outro surdo e também com o ouvinte.

Para Almeida (2008, p. 3)

O drama dos surdos é menos ligado à sua enfermidade do que às razões psicológicas que rapidamente se transformam em efeitos patológicos. A causa profunda desse drama encontra-se ligada à incompreensão da sociedade que não o vê como diferente e sim, como deficiente.

Entretanto, as práticas pedagógicas são de suma importância para que haja um trabalho cooperativo, para que se tenha realmente e se realize, para isso é necessário que o professor faça modificações nos seus planejamentos, tornando-os mais adequadas às necessidades do aluno surdo. Contudo, o planejamento é realmente indispensável para que esses profissionais da educação alcancem os objetivos mútuos, com um currículo comum em níveis diversos nas práticas pedagógicas diferenciadas.

Portanto, cabe ao pedagogo buscar o que é de melhor para o aluno com surdez. Para os educandos que estão introduzidos na vida escola, não basta somente estar na escola é preciso também que a instituição escolar procure fazer o melhor para seus alunos.

A escola deve estar preparada com recursos didáticos para atender aos alunos especiais, bem como, a capacitação em LIBRAS para os professores tornem-se peça-chave, determinantes em sua atuação na construção do conhecimento do aluno surdo. O domínio da Língua de Sinais pelo aluno surdo e a educação bilíngue para ouvintes, como é o papel do intérprete, consequentemente, tão indispensável.

Por isso, destaca-se a importância de uma formação adequada, visto que a importância e a complexidade do papel do intérprete exigem profissionais capacitados, considerando o que está em jogo é a formação integral do aluno.

Portanto, o pedagogo sendo mais do que um conhecedor da Língua de Sinais, o intérprete para ser um mediador, precisa compreender a singularidade de seu papel e fazer da mediação um ato educativo.

A criança surda, ao começar a frequentar a escola, que ela possa aprender com outros colegas uma série de conteúdos previstos no currículo, que começam pela a alfabetização e pelas primeiras operações matemáticas. O professor bilingue estará preparado para conversar com os outros alunos, ao mesmo tempo que se comunica com as crianças surdas usando mímicas. Quando isto não acontece, não é surpresa nenhuma que o aluno não aprenda, afinal, a aula será dada em uma língua totalmente desconhecida por ele. É como se alguém que fala apenas português fosse colocado em sala de aula para aprender matemática em espanhol. Com isto é importante ensinar LIBRAS nas escolas a partir da educação infantil. De acordo com Campello (2018, p. 26)

Quando a importância de LIBRAS para crianças surdas e ouvintes no ensino infantil acontece que quando as crianças surdas têm um direito garantido e colocado em prática, criancas ouvintes conhecem e valorizam uma cultura diferente, passando e entender que todos os indivíduos são iguais, porém cada um como suas deficiências auditivas. O principal motivo para a implantação do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nas escolas buscarem a inclusão da comunidade surda na sociedade. Na infância há uma maior facilidade de se aprender uma nova língua, como a LIBRAS. Ao introduzir a LIBRAS no ensino das crianças, elas poderão se comunicar com as pessoas surdas. Além disso, será possível mostrar a importância às inclusões da comunidade surda na sociedade.

Dentro desse contexto podemos afirmar que a educação inclusiva é um tema cada vez mais debatido por educadores e representantes de movimentos a favor da inclusão social, para que seja cada vez mais inclusiva e possa compreender e construir espaços sociais para os surdos. A fim de entender as semelhanças e diferenças nas organizações frasais em LIBRAS e em Língua Portuguesa, é necessário evidenciar que, assim como relatado por Quadros e Karnopp (2004), analisar aspectos próprios da sintaxe em LIBRAS, vai demandar que enxerguemos esse sistema como visão espacial, nunca pela perspectiva oral-auditiva.

No espaço em que são realizados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para tais relações sintáticas. Qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador), observando várias restrições (Quadros; Karnopp, 2004, p. 15).

Daí a necessidade do ensino da língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nas escolas, além de ser uma educação inclusiva e responsável pela formação de alunos surdos, criando novas possibilidades para essas crianças. No entanto, embora a inclusão social seja assunto das pautas na atualidade nota-se que a comunidade surda enfrenta muitas dificuldades no que diz respeito a comunicação e educação escolar com crianças surdas. Vasconcelos (2007, p. 3) esclarece que

O papel da escola é formar cidadão transmitindo valores éticos e morais conhecimentos e desenvolvendo habilidade do educando, por meio do processo pedagógico de ensino e aprendizagem, preparando os exercícios da cidadania e sua preparação para vivenciar em sociedade de forma atuante, crítica e transformadora.

A relação entre a escola e a família dos alunos com surdez, ocorre muitas vezes uma desordem de ideias, apesar de terem um objetivo central que é o desenvolvimento da criança. Assim, essa desordem pode ser causada por falta ou falha na comunicação entre as partes envolvidas, por não ser diferenciado esse descaso pela escolaridade dos surdos e decorrentes da interpretação que

foi construído o respeito da sua educação, que não se situa no campo do direito, mas da obrigação moral. Com isso, "surdos e ouvintes têm línguas diferentes, mas podem viver numa única comunidade desde que haja um esforço mútuo de aproximação pelos conhecimentos das duas línguas, tanto por ouvinte quanto por surdos" (Almeida, 2008, p. 3).

Os professores na sala de aula da educação infantil, não estão preparados para se comunicar com crianças surdas, a maioria, não sabe nem mesmo como comunicar-se. E necessário que existe uma formação adequado para o professor trabalhar com os alunos surdos.

Formação de professores na educação de alunos surdos

Durante os séculos a formação de professores para educação de Surdos não foi uma preocupação em nosso país. Foi apenas na década de 1970 que a habilitação específica para a área educação especial passaram a ser oferecidas nos cursos de pedagogia e entre elas, aquelas voltadas à educação de surdos (EDAC). O objetivo desta formação era de que o professor garantisse condições para que o aluno tivesse bons desenvolvimentos da linguagem oral com as crianças surdas, para que as disciplinas escolares fossem ministradas da mesma forma como se trabalhasse com crianças ouvintes. Assim o foco da formação de professores para os surdos prioriza as práticas

terapêuticas de treinamento auditivo e de reabilitação nos atendimentos aos surdos em detrimento educacionais buscandose por meio delas sua normalização.

Contudo, o de fato podemos constatar o fato de não haver uma oferta de cursos para formação continuada e que contemple a quantidade necessária de educadores; existe uma enorme demanda diferenciada para especializar o atendimento e a mudanças na práxis inclusivas que tenham como principal meta: promover a socialização e habilitar para as atividades da vida autônoma. Em relação ao educador, tendo na aquisição dos conhecimentos acadêmicos uma consequência das práticas e metodologias inclusivas.

Como ressalta Libâneo (2012, p. 06)

O professor precisa dominar os conteúdos para pensar, holisticamente, no todo. Inúmeros são os questionamentos e dúvidas do professor ao se deparar com uma situação inclusiva, ainda mais quando se refere a pessoas com altas necessidades educacionais e peculiaridades físicas, mentais, sensoriais ou motoras. E, neste momento, em que o educador que acabou de sair da sua formação acadêmica, percebe que faltou um importante eixo curricular a ser discutido em seu ambiente de ensino superior: a inclusão escolar nas diversas áreas do saber.

Mediante a tal preocupação, o desenvolvimento das potencialidades se vê neste processo de aprendizagem

impossibilitada de gerenciar mudanças sociais, socioeconômicas, educacionais e políticas, no intuito de não comprometer o aprendizado dos demais alunos da classe, bem como, promover educação e formação de multiplicadores nas escolas, com a intenção de promover e também despertar a sensibilização para as causas inclusivas de alunos surdos e a garantia na qualidade de ensino. Em conformidade com o currículo, que aborda sua preocupação em buscar caminhos que promovam a escolarização dos indivíduos surdos.

Conforme Alarcão (2006, p. 180) opina que "o processo de formação consiste no questionamento do "ser", professor, e da experiência por ele vivenciada na compreensão de si mesmo e o mundo para que ocorra a reflexão do todo". Então, nos remete ao pensamento de Sassaki (2009, p. 12) ao relatar que

A educação é um direito humano e sua qualidade parte da acessibilidade arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. Tal abordagem demonstra a importância da educação para o desenvolvimento de todos, sendo assim, justificado a importância do desenvolvimento de práticas pedagógicas direcionadas a formação do acadêmico no cenário condizente à inclusão educacional.

Portanto se faz necessário discutir e avaliar os componentes curriculares, revisar ementas, inserir práticas pedagógicas, adaptações e adequações nos cursos de formação de

professores, para que este propicie ao aluno, com deficiência auditiva da educação infantil, a superação das suas dificuldades.

No ambiente escolar cabe aos professores fazer com que os futuros cidadãos brasileiros aceitem as diferenças e convivam com extrema naturalidade. Também é um dever do professor sua constante atualização e capacitação para suprir as necessidades de comunicação e formação pessoal dos alunos com deficiências auditivas.

A formação dos professores para ensinar alunos com deficiência auditiva deve ter a formação para ensinar a quaisquer pessoas, com o objetivo de se capacitar para que possa interagir com pessoa com deficiência auditiva e estes possam viver em sociedade como é o direito de qualquer cidadão.

O Decreto nº 5. 626, regula que

O ensino da modalidade escrita da língua portuguesa, como a segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para educação infantil e para os nos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em letras com habilitação em língua portuguesa (Brasil, 2015, p. 13).

Assim, a formação de professores para educação de surdos vem ganhando destaques nos últimos anos dividem a necessidade discutir sobre as disciplinas LIBRAS nos cursos de licenciatura e consequente influir no processo ensino-

aprendizagem, oferece em comunidade maioritário ouvinte. Os surdos constituem como umas minorias linguísticas, mas há necessidade de desmitificar situações históricas, vista que os surdos eram impostores aos métodos oralista, se faz necessário respeitar a diferença linguística e cultural para não estigmatizar os surdos como patologia.

É importante ressaltar que não é apenas pelo fato de ser obrigatório o professor conhecer LIBRAS. Para que possa promover a acessibilidade aos surdos, é preciso oferecer a formação a todos que fazem parte do cotidiano da escola, ou seja, todos os profissionais que atuam na instituição de ensino regular, como gestores, coordenadores, professores. Para Correia (2008, p. 28):

[...] os educadores, professores e os auxiliares de ação educativa necessitam de formação específica que lhes permita perceber minimamente as problemáticas que seus alunos apresentam, que tipo de estratégia dê ser consideradas para lhes dar resposta e que papel devem desempenhar as novas tecnologias nestes contextos.

As escolas em consonância com os órgãos oficiais devem fazer adaptações tanto no campo educacional quanto em relação aos profissionais da educação infantil que atuam nas escolas, para que o atendimento seja realmente eficaz. Neste caso, a integração é a oposição do atual movimento de inclusão,

garantindo a educação com direito para todos conforme dispositivos legais que tratam do tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Metodologia aplicada neste trabalho foi baseada na pesquisa bibliografia, qualitativa e virtual através de pesquisa em livros, revista pedagógica, entre outros, a fim de colher informações de autores que já abordaram o tema, em uma natureza metodológica que se tem conhecida como um levantamento sobre a importância de ensinar LIBRAS na educação infantil. De acordo com Gil (2009), a pesquisa deve ser um procedimento embasado numa racionalidade.

Fonseca afirma que: A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas [...]. Qualquer trabalho científico inicia-se. Com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (2002, p. 32).

Buscaremos promover o conhecimento sobre a surdez, e a cultura surdo e suas metodologias do ensino docente, permitindo aos professores das turmas com alunos surdos desenvolverem conteúdo de suas disciplinas em consonância com os princípios da inclusão escolar.

A metodologia busca aplicar e apresentar o tema de carater qualitativo e exploratório, desenvolvendo durante a pesquisa

uma busca ao conhecimento, reunindo informações de como deram o processo de inclusão dos alunos surdos nas referidas unidades de ensino de educação infantil.

Conforme Minayo (2001, p. 14), relata que:

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Traçamos uma abordagem qualitativa num estudo exploratório para apresentar fundamentos consistentes no sentido do expor as colocações dos autores das pesquisas, assim como os registos que abordam o tema de forma discursiva onde buscamos explicitar e o reconhecer quais as dificuldades para levar em considerarão a educação inclusiva para o surdo, na metodologia que aplica o conhecimento das pessoas surdas, sobre a língua de sinais, sendo ela um objetivo de estudo.

Acreditamos que os enfoques das metodologias de língua de sinais devam se voltar para toda essa produção como elementos essenciais para serem retomados sistematicamente dentro de um processo de escolarização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao término deste trabalho, observa-se que a educação dos surdos se torna um assunto inquietante, principalmente, porque diferentes práticas pedagógicas, que envolvem os alunos surdos, apresentam uma série de limitações. O processo ensinoaprendizagem, com a contribuição do professor da sala de aula, tem o papel fundamental de lidar diretamente com o aluno surdo para que ocorra de forma mais eficaz. Para que a inclusão do aluno surdo avance, é imprescindível que haja o esclarecimento dos alunos ditos normais, os familiares e de toda comunidade escolar. Sem dúvida, as grandes transformações ocorridas na sociedade levaram a mudanças no valor de mostrar novos padrões teóricos da educação e formação de novos paradigmas numa perspectiva de superação no âmbito institucional, social, cultural, possibilitando ao surdo resgatar sua cultura e seu papel político na construção de uma educação em que a minoria surda seja realmente reconhecida diante de seus direitos e deveres.

Diante das leis, decretos e resoluções voltadas para a inclusão escolar, entendemos que o país deu um grande passo nos últimos anos no que diz respeito à política educacional. No entanto, é necessário pensar nas possibilidades que encontramos ao aplicá-las na escola. Enfrentamos um grande desafio, mas hoje temos uma base política que nos sustenta.

Segundo Perlin (2007), a cultura surda e a língua de sinais contribuem como meio de comunicação do surdo, ou seja, a língua de sinais se presta como meio de transmissão de conhecimentos e proporciona a aquisição de conhecimentos universais. A autora destaca que a cultura surda é o lugar para o ser surdo construir sua subjetividade de forma a assegurar sua sobrevivência e ter seu status quo diante das múltiplas identidades.

As experiências e vivências do contado com surdos foram, e continuam sendo, muito importantes para minha vida pessoal e profissional, com isso, envolve sensações, sentimentos que transcendem.

Ao vislumbrar o processo de inclusão e adaptação de crianças que possuem surdez na educação infantil, é notável observar que os discentes surdos, de forma geral, não possuem seu direito à educação respeitada. Tendo em vista a dificuldade de acesso à língua falada e escrita que é utilizada pela maioria dos alunos, os surdos ficam distanciados do processo ensino aprendizagem e mesmo após anos de escolarização, comumente não apresentam domínio mínimo dos conteúdos transmitidos, necessário ao seu desenvolvimento e a sua adequada e inserção social.

Os resultados indicam que a LIBRAS é uma alternativa fundamental para que as crianças surdas sejam inclusas na sala de aula, ao mesmo tempo de que seu contexto cultural valoriza no ambiente escolar, onde as crianças ouvintes passam a conhecer e aprender respeitar as diferenças do aluno surdo, interagir e socializar por meio de LIBRAS.

Portanto, para promover a inclusão na escola, no caso da deficiência auditiva, a primeira atitude é solicitar um intérprete de LIBRAS para que o surdo possa desenvolver habilidade de leitura e escrita. A LIBRAS também pode ser apresentada às crianças surdas e às ouvintes, no seu cotidiano na escolar, utilizando a ludicidade como recurso facilitador de aprendizagem uma vez que a crianças aprender e brincando na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, queremos expor nossas ideias ao elaborarmos este trabalho que foi de transmitir honestamente nossos estudos, nossas expectativas e a proposta de melhor encaminhar o aluno surdo a obter o mesmo sucesso que os demais cidadãos possuem quanto ao acesso no processo Educacional, Social e Cultural. Diante desses pressupostos, compreende-se que uma proposta de formação em rede, sistematizada e assistida contribuiria significativamente para a inclusão sócio-político-cultural das pessoas com surdez.

Também, gostaríamos de sugerir outros temas de pesquisa que poderiam ser realizados nas Escolas, com objetivo de ampliar

a compreensão deste processo, tais como: análise das práticas de letramento desenvolvidas na classe da educação infantil e no atendimento especializado oferecido aos alunos surdos, investigação sobre a formação do professor regente e de apoio para atender aos alunos surdos em suas especificidades, levantamento das percepções dos pais acerca do processo de inclusão escolar de seus filhos e dos próprios alunos surdos na educação infantil.

Espera-se que o valor das pessoas com surdez, seja realmente reconhecido e que as escolas ofertem de fato o que o aluno especial precisa para que se sinta incluso na escola. No entanto, em relação a LIBRAS permite ao aluno surdo uma forma de se comunicar diferente e que deve ser respeitada, pois, trata-se de uma língua legalmente reconhecida, apesar de apenas uma minoria utilizá-la.

Portanto, a linguagem de sinais deve passar a ser reconhecida na prática social como uma verdadeira língua, com organização e estrutura próprias, passando do status de mímica para o de língua.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Formação Reflexiva de Professores**: Estratégias de Supervisão. Portugal: Porto Editora, 2006.

ALMEIDA, E. O. C. de A. **Leitura e Surdez**: um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Lingua Brasileira de Sinais-LIBRAS, e da outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL. Decreto n° 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n° 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o Art. 18 da Lei n° 10.098 de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacioanal**. Lei n 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Brasilia. DF.

CAMPELLO, A. R. S. e. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos**. 2008. 245f. Tese (Doutorado em Educação) –
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2008.

CORREIA, L. M. Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008.

FONSECA, J. J. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (Org.). **Temas de Pedagogia**: Diálogos entre Didática e Currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERLIN, G. Prefácio. *In*: QUADROS, R.; PERLIN, G. **Estudos Surdos**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

ROCHA, S. M. Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961). Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ROCHA, S. O INES e a Educação de Surdos no Brasil. Rio de Janeiro: INES, 2005.

SANTANA, A. P. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SASSAKI, R. K. Inclusão – Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2009.

VASCONCELOS, C. S. Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito da transformação. 12. ed. São Paulo: Libertad, 2007.

POSFÁCIO

Profa. Ms. Valdete Batista do Nascimento Diretora Geral da Faculdade FAMEN (2019 - Atual)

POSFÁCIO

Os resultados das narrativas científicas presentes nos capítulos, de forma geral, apontam para uma dupla constatação:

1) a proposta institucional do curso de Pedagogia EaD da Faculdade FMB consiste em uma experiência de aproximação dos licenciandos com o paradigma emancipador da formação docente ampliando a profissionalidade criativa e crítica dos futuros pedagogos; e que 2) a Graduação EaD da Faculdade FMB possibilita a ampliação do profissionalismo dos egressos por meio de ações de formação desenvolvidas tanto em ambientes escolares como em diferentes contextos educativos de atuação não escolar.

O *e-book* revela que a graduação em Pedagogia da Faculdade FMB no formato EaD possibilitou aos acadêmicos o desenvolvimento de contundente postura profissional, uma vez que nas suas experiências formativas, seja teórica ou prática, puderam ir além das expectativas, exercitando, com autonomia, práticas reflexivas de intervenção pedagógica, que conduziram para abundante desenvolvimento e aprendizagem.

A proposta da graduação em Pedagogia da FMB, por um lado, privilegia a ampliação de espaços e tempos pedagógicos voltados para a aquisição de conceitos, procedimentos e atitudes, exaltando os princípios e valores da formação profissional transformadora e, por outro, articula o curso de formação inicial

dos futuros pedagogos com práxis em ambientes educativos para conduzir à formação humana integral dos estudantes.

O rico currículo do curso de Pedagogia da Faculdade FMB articula de forma dinâmica possibilidades de interação entre teoria e prática nos contextos escolares, entre formação inicial e continuada nos espaços reflexivos, possibilitando oportunidades investigativas para intervenção, no sentido de que a pesquisa como prática pedagógica deve partir e retornar aos contextos educativos, suscitando discussões sobre as práxis apoiadas em reflexão sobre o trabalho na educação, sobre os estudos de educação e sobre as ciências que colaboram com o pensamento da educação.

Enfim, entendemos que a Graduação EaD da Faculdade FMB, por meio da licenciatura em Pedagogia, assegurou aos egressos saberes, competências e habilidades que lhes permitem realizar *práxis* transformadoras em diferentes contextos educacionais. A experiência dos autores deste *e-book* ressalta a colaboração do curso de Pedagogia da FMB para o pensar crítico dos seus pedagogos concluintes.

Profa. Ms. Valdete Batista do Nascimento Diretora Geral da Faculdade FAMEN (2019 - Atual) A Faculdade Metropolina Norte Riograndense (FAMEN) é credenciada pela Portaria nº 665/MEC, publicada no Diário Oficial da União em 22 de março de 2019. Entre as atividades vinculadas ao ensino superior, a Faculdade oferece serviços acadêmicos da EDITORA FAMEN que objetiva a difusão de conhecimento por meio de e-books, livros impressos, periódicos (revista científica e jornal eletrônico), anais de eventos e repositório institucional, sendo vinculada à Diretoria de Pesquisa da Faculdade.

A EDITORA FAMEN é especializada em publicar conhecimentos relacionados ao campo da educação e a áreas afins por meio de plataforma on-line, como também em formato impresso. O endereço eletrônico para acessar as suas publicações e demais serviços acadêmicos é o www. editorafamen.com.br.

A EDITORA FAMEN realiza edição, difusão e distribuição de produções editoriais seguindo uma Política Editorial qualificada e baseada nas seguintes linhas: acadêmica, técnico-científica, produção didático-pedagógico, produção artístico-literária e cultura popular.

Formato: E-book/PDF Tipologia: Alternate Gothic No.2 BT Regular, Volkhov e Europe Underground.

2024 Natal/Rio Grande do Norte

Não encontrando nossos títulos na rede de livros conveniados e informados em nosso site contactar a Editora Faculdade FAMEN:

Tel: (84) 3653-6770 | Site: www.editorafamen.com.br E-mail: editora@famen.edu.br manuscrito eletrônico intitulado "Diálogos contemporâneos constituídos no campo da Pedagogia", vinculado ao curso de Pedagogia da Faculdade do Maciço de Baturité (FMB), por meio da Educação a Distância (EaD), nas cidades de São Gonçalo/RN e Lajes/RN, tem como foco contribuir para a divulgação de resultados de pesquisas científicas na área da Pedagogia.

Sistematizado para socializar pesquisas realizadas a partir do ano de 2022, possui caráter interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, ao receber contribuições de diversas áreas e campos de saberes. O manuscrito disponibiliza por meio de versão eletrônica acesso internacional e gratuito para as ideias relacionadas ao campo da educação. O livro "Diálogos contemporâneos constituídos no campo da Pedagogia" possui 14 (quatorze) capítulos que abordam diversos temas das ciências da educação.

